

PAULO SETUBAL

CONFITEOR



1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife



PQ 9697
.S49C7

J. M. Machay

CONFITEOR

7956

OBRAS de PAULO SETUBAL

- A Marquesa de Santos* (romance histórico), 8.^a edição — 49 milheiros.
- O Príncipe de Nassau* (romance histórico), 4.^a edição — 35 milheiros.
- A Bandeira de Fernão Dias* (romance), 2.^a edição — 25 milheiros.
- As Maluquices do Imperador* (episódio histórico), 4.^a edição — 25 milheiros.
- Nos Bastidores da História* (episódio histórico), 3.^a edição — 20 milheiros.
- O ouro de Cuiabá* (episódio histórico), 2.^a edição — 20 milheiros.
- Os Irmãos Leme* (episódio histórico), 2.^a edição — 20 milheiros.
- El-Dorado* (episódio histórico), 1.^a edição — 15 milheiros.
- O Romance da Prata* (episódio histórico), 1.^a edição — 15 milheiros.
- O Sonho das Esmeraldas* (episódio histórico), 1.^a edição — 15 milheiros.
- Alma Cabocla* (versos) 4.^a edição — 14 milheiros.
- Teatro* — Um Sarau no Paço de S. Cristovam.
- Ensaios* — A fé na formação da Nacionalidade.
O 7 de Setembro.

OBRAS TRADUZIDAS:

- A Marquesa de Santos*, tradução russa por Selssoff — 8 milheiros.
- Domitila*, tradução americana por Margaret Richardson — 25 milheiros.
- La Marquise de Santos*, tradução francesa do Conde de Périgny.
- A Marquesa de Santos*, tradução croata de Zoran Ninitch — 5 milheiros.
- A Marquesa de Santos*, tradução arabe de Nazir Zaitun — 3 milheiros.
- Johan Maurits van Nassau* (O Príncipe de Nassau), tradução holandesa de R. Schreuder e J. Slauerhoff — 5 milheiros.



Digitized by the Internet Archive
in 2014

<https://archive.org/details/confiteor00setu>



PAULO SETUBAL

PAULO SETUBAL



CONFITEOR

(Obra Póstuma)

1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife

OS DIREITOS AUTORAES DESTE LIVRO,
FORAM OFERECIDOS PELO AUTOR AO
«CENTRO DE CULTURA E AÇÃO SOCIAL»

PREFACIO

PAULO SETUBAL!

Na plenitude dos annos, o anjo da morte bateu-lhe á porta para acompanhal-o ao descanso eterno dos justos. Os admiradores da sua obra litteraria lamentam, inconsolaveis, o desapparecimento prematuro do artista da palavra. No firmamento das letras foi o seu brilho fugaz como o de um meteoro. Os que, nos ultimos tempos, lhe conheceram de perto as ascensões espirituaes choram a perda irreparavel de um apostolo cujas irradiações beneficas poderiam amanha estender-se em ondas de incommensuravel amplitude.

Uns e outros teriam, talvez, a idéa de erigir-lhe no tumulo uma columna partida, symbolo de tantas esperanças desfeitas.

Mas o olhar christão, que, illuminado pela fé, vê mais longe e vê mais profundo porque vê de mais alto, procura discernir as razões superiores de uma Providencia que não erra nas disposições de seus mysteriosos designios.

Paulo Setubal preencheu a sua missão na terra; não a deixou sem legar-nos a mensagem essencial de sua vida. E' este o significado profundo destas paginas que se vão ler. São, como nos diz elle, "notas intimas, notas vividas, notas humanas". A's reconstrucções animadas da historia ou ás creações imaginosas do romance que lhe encheram a actividade litteraria de moço succede agora o depoimento vivo e sincero de uma existencia que sangra ante o soffrimento e se approxima da tragedia final. Este depoimento sem vaidade brota-lhe do coração, espontaneo como um acto de caridade e imperioso como a intimação de um dever. As suas confissões poderão servir de lenimento e de conforto a outras existencias atribuladas e abatidas, eis o que as inspira: "essa idéa, só essa idéa, deu-me animo a que vencendo desalentadoras canceiras, eu me atirasse — Deus sabe como! — a este trabalho que os meus olhos não verão em livro!".

E que nos traz esta mensagem commovente, escripta entre a vida e a morte, uma e outra sentidas em toda a agudeza pungente de sua realidade? Traz-nos o encontro de Paulo Setubal com Christo Jesus, do litterato elegante com o Crucificado do Calvario, da inquietude contemporanea com a fonte eterna da paz, da creatura com o seu Crea-

dor. "Faz um anno que me encontrei realmente com o Christo... O Christo appareceu de improviso no meu caminho... Perguntei-lhe ancioso: quem sois vós? Elle me disse: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".

Pode imaginar-se encontro mais grave? Pode avaliar-se o que representa numa existencia, instavel e desorientada, a revelação inesperada do grande "Caminho" que a leva segura á paz do seus destinos? Pode sondar-se a profundeza da revolução que provoca na intelligencia e no coração de um homem o apparecimento da Verdade e da Vida?

A mudança é total; completa e definitiva a inversão de todos os valores. Do mundo das apparencias e illusões passa-se com surpresa para o da realidade plena.

Sobre a fugacidade do tempo e do que nelle apparece e desapparece projecta a eternidade a sua luz serena e infallivel. Ha vinte seculos quando no caminho de Damasco outro Paulo se encontrou com Christo, a vista, a principio, se lhe offuscou ante o esplendor da apparição. Mais tarde cahiram-lhe dos olhos as escamas e o mundo reapareceu transfigurado. Impressão analogo experimentou tambem o nosso Paulo ante a visão do Senhor: "Depois que o conheci... tudo, absolutamente tudo mudou na minha existencia como por encanto... Transfor-

mei-me. *Transformação nas idéas, transformação nos gostos, transformação nas leituras, transformação no modo de encarar a vida*".

Assim é. O homem que, á claridade divina, encontra a solução do seu verdadeiro destino, purifica e aprofunda o seu olhar; julga á luz de novos criterios e descança ineffavelmente na posse de uma felicidade, antes debalde procurada. "Desde então a felicidade veio... Mas que felicidade differente da felicidade que o mundo sonha"!

Na serenidade pacificadora desta bemaventurança nova absorve-se o problema angustioso da dor. O soffrimento, pedra de escandalo para tantas almas que o não sabem olhar com olhos illuminados pela fé, apparece em sua verdadeira physionomia como o mensageiro austero da Providencia a serviço do Primeiro Amor. Purifica os corações, inicia-os nos segredos do apostolado, solidariza as almas com Christo na obra redemptora da humanidade, regenera, estimula, eleva e prepara as grandes ascensões espirituaes. O problema da dor só o christianismo profundamente vivido o resolve em sua plenitude. A' experiencia de vinte seculos vem hoje accrescentar-se mais um testemunho valioso e commovido. "O soffrimento é dadiva do ceo... Foi pelo soffrimento que eu conheci de perto o meu amigo... o soffrimento... foi... o

caminho dorido e aspero mas abençoado que... levou-me para esta doce paz de espirito em que hoje vivo... para esta felicidade, para esta paradoxal felicidade de me ver doente, certo de morrer breve e por isso mesmo ditoso, serenamente ditoso, porque sinto que fui assignalado pela mão occulta e misericordiosa de Christo”:

Não; Paulo Setubal não passou pela existencia em vão. Assignalado pela mão occulta e misericordiosa de Christo, elle deixou-nos o seu testemunho que não perece.

Christus heri, hodie ipse et in saecula. Hon-tem, como hoje e como sempre Christo é a solução do enigma humano. Os progressos da materia e da velocidade ficam infinitamente abaixo das exigencias do espirito. Para a inquietude dos nossos corações só Elle tem paz. Para a profundeza dos grandes soffrimentos só Elle tem balsamo de consolos efficazes. Para a aspiração irreprimivel de destinos immortaes só Elle tem promessas de vida eterna.

Eis o significado e o valor desta mensagem que nos chega sellada com o dom da vida e a sinceridade da morte.

P. LEONEL FRANCA S. J.

CAPITULO I

25 de outubro de 1936 — Ha emoções que abrem talhos incicatrizaveis na alma da gente. Eu tive ontem uma dessas emoções. Pensei em escrevê-la. Escrevê-la, é preciso que eu o diga, não para que o mundo a lêsse, mas tão somente pelo gosto de guardar comigo, fresca e viva, uma das passagens mais comovedoras de minha vida. Mas refleti melhor. Porque não haveria o mundo de lêr a pagina que eu me propunha escrever? Não havia aí desdoiro, nem vilêsa. Ao contrario. Havia nela, embora timido, embora sem relevo, um ensinamento aos que fraquejam. Mais acertado pois andaria eu si, ao envés de escrever apenas uma, escrevesse outras e varias paginas que, enfeixadas, formassem como que um

caderno das minhas notas intimas, notas vividas, notas humanas, as quais pudessem um dia (quem sabe?) vir com proveito a lume. Vir a lume como uma especie de *confiteor*. Confissão publica. Confissão da minha vida passada e da minha vida nova. Porque não?

A minha vida, é certo, nada tem de grande, nem de brilhante, nem de singular, que mereça letra de forma. E' uma vida-sinha como mil outras. Mas pode ser que, não por uns pequeninos e frageis exitos que teve, mas pelos seus altos e baixos, pelas suas quedas e soerguimentos, pelo seu fadario terreno tão rudemente cortado, pelos pedaços agoniantes de que se entreteceu, pelas longas e longas horas passadas enfadonhamente na cadeira de lona, horas que a revolta antigamente amargava, horas hoje tão alegremente e tão levemente suportadas, pode ser que esta minha obscura vida de doente sirva acaso de lenitivo e de soerguimento a algum desconhecido

irmão de infortunio que, com o seu impotente desespero, arraste, por essas estações de cura afóra, dias excruciantes de amargor e de sucumbimento. Essa ideia, pois, só essa ideia deu-me animo a que, vencendo desalentadoras canseiras, eu me atirasse — Deus sabe como! — a este trabalho que os meus olhos não verão em livro. Eis porque, de hoje em diante, principio a lançar nestas folhas umas recordações. Recordações em que não haja preocupação de estilo. Nada de polimento de frase, nada de literatura. Que o meu pensamento brote expontaneo do coração e tombe sincero da pena. Que este caderno não seja outra cousa sinão a desenfeitada confissão de como, através do sofrimento, eu me cheguei totalmente ao Cristo. Cheguei-me ao Cristo e sou feliz.

* * *

26 de outubro de 1936. Hoje, aos quarenta e tres anos de idade, olhando lon-

gamente para trás, olhando para esse caminho que percorri com o peito mordiscado de apetites, olhando para essa minha calorosa juventude crivada de tontices mundanarias, averigúo com nitidês que ha no meu passado um sinal indissimulavel, gritante, de certa mão desconhecida, mas mão poderosa, que me conduziu visivelmente á paz repousante em que hoje se aninha o meu coração. Quero dizer: mão desconhecida e poderosa que me conduziu, não através de deleites, nem através de rosas, mas através de asperos e pedrentos caminhos, á presença amavel e apaziguadora do Cristo. Porque eu, ao cabo de bem longa e de bem lancinante provação, eu me encontrei afinal com Cristo. Faz um ano, amigo, que me encontrei *realmente*, com o Cristo. Minha vida, quando eu o encontrei, havia sido golpeada pelo destino com selvagem ferocidade. Eu era um imenso sofredor. Um vencido. Trazia os olhos embaciados de lagrimas grossas. Hora dura foi aquela

hora da minha vida. Naquela hora dura, contudo, o Cristo appareceu de improviso no meu caminho. Parecia um homem como os outros homens. Nada de extraordinario. Mostrava apenas o aspéto cansado de quem caminhára muito. Vestia-se com pobreza, tinha o ar doce, as mãos eram callosas, as vestes vinham empoeiradas do comprido jornadaio. Ele pôs em mim os seus olhos. Dois olhos grandes e complascentes. E quando os seus olhos, grandes e complascentes, pousaram nos meus olhos, que iam embaciados de lagrimas grossas, Ele parou de subito em meio do caminho. Parou e disse: “Bemaventurados os que choram, porque eles serão consolados”. Bemaventurados os que choram... Que exquisita palavra e que singular promessa! Bemaventurados os que choram... Aproximeime um pouco mais do viajeiro. Eu estava nesse instante muito succumbido. Eu estava extenuado e desbaratado pelo sofrimento. Ele reparou no meu succumbimento e no meu

desbarato. E disse: “Vós que andais afa-
digados, vós que gemeis sob o peso dum
fardo pesado, vinde todos a mim. Eu vos
aliviarei”. Acerquei-me com sofreguidão
do homem que prometia aliviar-me. Ele
continuou: “Tomai o meu jugo sobre vós;
aprendei de mim que sou manso e humilde
de coração; e achareis descanso para as
vossas almas. Porque o meu jugo é suave
e o meu peso é leve”. Ouvindo-O, eu,
na minha angustia, toquei-Lhe com as mãos
tremulas a orela do vestido. E pergun-
tei-Lhe ansioso: Quem sois Vós? Ele me
disse: “Eu sou o caminho, a verdade, e a
vida”. Que acento o acento daquela voz!
Nunca homem nenhum falou como aquele
homem. Cheguei-me totalmente a Ele.
Sentámo-nos um ao lado do outro. Con-
versámos. Eu vi, sem detença, que me
havia encontrado com o amigo de que care-
cia. Com o amigo que é hoje o meu melhor
amigo. O amigo supremo. O unico amigo
certo da hora incerta. Depois que o co-

nheci, depois que O fitei de perto, depois que Lhe segurei as mãos, depois que Lhe falei confiadamente, tudo, absolutamente tudo, mudou na minha existencia como por encanto. Ele, quando me sentiu assim mudado, homem novo, quiz entrar na minha morada. Eu Lhe disse: Senhor, a minha morada está arruinada e velha. Eu não sou digno de que entreis na minha morada. Mas Ele não me ouviu. Veiu. Entrou. Viu o dismantelo da casa, o encardido das paredes, o báfio das alcovas, a sordicia do madeirame. Mas com a Sua presença, só com a Sua presença, a lobrega casa carcomida refê-se de pronto. E ficou linda, linda. A um gesto Dele, um gesto só, perpassou logo por ela o ar oxigenado e fresco da saúde, iluminou-se tudo de ouro vivo, luziu o sol esbanjadamente pelos cantos mais escuros, e, como Ele gosta das aves do ceu, que não ceifam nem colhem, Ele, na sua ternura, soltou um bando de canarios a gorgear com alegria no beiral da casa

velha; e, não contente com essa festa do meu coração, Ele, que gosta das florinhas silvestres, que não tecem nem fiam, enfeitou a minha morada de lírios do campo, daqueles lírios que se vestem tão esplendorosamente, tão esplendorosamente, que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, não se vestiu jamais como um só deles. Desde então, desde que ha lá dentro, na casa refeita, essa saúde, esse sol, essa festa, essas flôres, esse bulício cantante de passaros, a felicidade veio, com as suas leves azas de seda, tecer silenciosamente o seu ninho fofo sob o meu tétó renovado, mas humilde. E aí vive. Mas que felicidade diferente da felicidade que o mundo sonha! E' uma felicidade extranha. Felicidade que os homens, correndo atrás de delicias e voluptuosidades, nem siquer suspeitam que existe. Felicidade que é feliz na ventura, mas muito mais feliz na desventura. Felicidade que é feliz na alegria, mas muito mais feliz na tristêza. Felicidade que é

feliz nas horas de doçura, mas muito mais feliz, infinitamente mais feliz, nas horas de sofrimento. Sim, nas horas de sofrimento. Porque o sofrimento, meu pobre irmão da cadeira de lona, o sofrimento é dadia do ceu. Essa pálvra, é certo, já foi dita mil vêses. Não importa. E' preciso repetir ainda, repetir sem cessar, repetir a vida inteira: o sofrimento é dadia do ceu. E' tesouro que nem todos têm a dita de possuir. Foi pelo sofrimento que eu conheci de perto o meu Amigo. Aquele que reconstruiu a minha morada. Ele se empenhou sempre, com amoravel tenacidade, a que eu me chegasse a Ele através dos revêses que me mandou. Verifico-o, hoje, claramente. Pois, ao volver agora os meus olhos para o caminho percorrido, vejo que tive ao longo dessa minha jornada alguns pobres triunfos que outróra me enlevaram. Mas nos momentos exátos desses triunfos, nos momentos em que, por circumstancias varias e em varias ocasiões, parecia que o

meu destino ia alar-se a sucessos ainda maiores, eis que um golpe adverso, aspera vergastada dos fados, matava no seu nascedouro, sem dó, a vitoria que despontára ontem. Essa vergastada era sempre uma doença. Um sofrimento. Esse sofrimento, contra o qual eu, espumando fel, me rebelei tantas vêses de punhos fechados, sofrimento que estrangulava todas as minhas ambições, que arredava com mão de ferro a minha mocidade do mundo vão que eu amava, esse sofrimento que, culminando, terminou por fazer de mim este misero trapo humano que hoje sou, este sofrimento foi — quem jamais soube lá os designios secretos de Deus? — o caminho dorido e aspero, mas abençoado, que, fazendo-me ascender do charco ás estrelas, levou-me devagarinho, mansamente, para esta doce paz de espirito em que hoje vivo, para este remansado sossego de consciencia, e, sobretudo, para esta felicidade — escute-o bem, meu irmão! — para esta paradoxal felicidade de me vêr doente,

certo de morrer breve, e, por isso mesmo ditoso, serenamente ditoso, porque sinto que fui assinalado pela mão oculta e misericordiosa do Cristo. Ha quem não creia nessa felicidade. Eu bem o sei. Mas olhe, meu irmão, meu desconhecido companheiro de desgraça, não dê ouvido a esses. Não dê. Aproxime-se do Cristo! Aproxime-se resolutamente do Cristo. E então você compreenderá, na sua nudeza, a verdade da minha palavra.

CAPITULO II

Outubro... “Ha emoções (assim principiava eu estas lembranças) ha emoções que abrem talhos incicatrizaveis na alma da gente. Eu tive ontem uma dessas emoções. Pensei em escrevê-la”. Hoje, porém, vou retomar o fio da historia começada. Vou contá-la aqui tal como aconteceu. Sei bem que os ledores das paginas violentas da vida, hão de certamente escarnecer desta minha ingenua pagina. Não faz mal. Não é para os ledores de paginas violentas que eu estou escrevendo. Eu estou escrevendo para as almas que a feiura do mundo ainda não encoscorou. Para aqueles que ainda têm fibras enternecidas no coração. Esses, acredito-o, lerão “sentindo” o que aqui vai, e, portanto, lerão

com ternura este meu conto. Conto? Pois não, meu amigo; conto. Porque é, apesar de totalmente verdadeiro, um conto o que vou botar debaixo dos seus olhos. Conto que tem mesmo um titulo. Poder-se-ia chamar: "Conto de Natal". E esse conto principia por um apressado bilhete que escrevi a bondoso padre, amigo muito amado.

25-10-36

"Meu estremecido amigo:

Ontem, sabado, fiz o sacrificio. Em vês de os entregar ao editor, que estava á espera, atirei ao fogo os originais do meu romance. Eram trezentas paginas. Uma pequenina fogueira as devorou em brevissimos instantes. O meu labor de todo um ano (labor bem duro e bem suado, confesso-o) reduziu-se assim a uma pouca de cinza que o lixeiro carregou. Ainda bem. Aquelas paginas cruas tiveram o destino que convinha a paginas sem Deus. Estou contente. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

P. S."

E' verdade, amigo: queimei um romance. Trezentas paginas bem cheias. Trezentas paginas que deviam entrar naquela semana para o prelo. Era o meu primeiro livro de pura fantasia. Durante um ano, um comprido ano de fadigas, eu, como um lavrador turrão que enfia o arado em chão duro, vivi de pena em punho a arrotear teimosamente a minha novela. Não sei, meu amigo, se você acaso já escreveu um livro. Não escreveu? Pois então você não sabe o que de angustias significa, para o autor, o livro que ele realizou. Bom ou mau, brilhante ou chocho, pouco importa, o livro é sempre para o seu creador, quando ele o termina, uma obra-prima. Escritor não ha, em se prezando, que não dê tudo o que possa dar á obra que está elaborando. Esse *tudo*, é verdade, póde ser *pouco*. Talvês fôsse esse o meu caso. Que monta lá isso? Muito ou pouco, ele dá tudo o que pode. Eis porque a obra dum escritor, cujos andaimes foram penosamente ergui-

dos, cujos andaimes o leitor jamais viu, isto é, tramar, crear os personagens, acentuar-lhes os contornos, fazê-los agir, fazê-los falar com naturalidade, pintar o ambiente, ageitar aqui, aparar ali, realçar acolá — a obra dum escritor honesto, por pequena que seja, significa sempre um estirão pungente de sonhos, de canseiras, de entusiasmos, de desfalecimentos, de noites mal dormidas. Significa que o escritor viveu, cerebralmente e dolorosamente, por menses a fio, a vida contada no papel. Aquele meu romance (chamava-se O FILHO) custou-me bastante. Dei a ele tudo o que podia dar. Comecei-o e acabei-o ao tempo em que meu espirito ainda não se voltára para as cousas altas. Na minha juventude, como todos os rapazes da minha geração, eu li com sofreguidão e, mais do que sofreguidão, com deliciado encantamento, uma vasta literatura em que não entrava Deus. O meu romance outra cousa não era sinão um reflexo dessas velhas leituras. Tomei alguns

herois, assoprei neles paixões despejadas, fiz essas paixões desencadearem-se ao longo de trezentas paginas. Terminado o livro, caí doente. Foi quando...

* * *

... outubro. — Foi quando, no meu caminho, eu me encontrei com o Cristo. Foi quando eu me encontrei com aquele viajero estranho, de olhos grandes e complacentes, que se apiedou de mim. Ah, quantas vêses ouvi soar, na amarga solidude do meu quarto de doente, consolando-me e alevantando-me, a sua palavra soerguedora e profunda! “Eu fui enviado para curar os que têm o coração alquebrado” “Eu não vim chamar os justos; eu vim chamar os pecadores”. “Eu sou o pão da vida: o que vem a mim não terá fome; o que crê em mim não terá sede”. (1).

Ouvindo aquela voz, sentindo-a, eu puz-me a seguir, perdido na turba dos que

(1) S. Mateus, 9,13; S. Lucas, 4,18; S. João, 6,35.

o acompanhavam, aquele homem que assim derramava um óleo tão fino, tão dulcificante, tão fresco, tão cicatrizador, sobre as feridas mais atrozantes e mais íntimas dum coração sofrente. E transformei-me. Transformação nas ideias, transformação nos gostos, transformação nas leituras, transformação no modo de encarar a vida. Transformação até mesmo — que se havia de dizer? — na escolha dos amigos. Cheguei a ponto de pensar que eu havia mudado radicalmente. Que eu me tornára o *homem novo* do Evangelho. Mas era engano. Existia ainda dentro de mim, defendendo-se e debatendo-se, custoso de ser estrangulado, um empedernido remanescente daquele *homem velho* que vivêra ás soltas trinta anos de vida mundana. E esse resto do homem velho exsurgiu do fundo do meu ser, exsurgiu com todas as suas forças, chamejante, como em combate supremo, nos angustiados dias em que cogitei da publicação do meu livro. Foi o caso que, le-

vantando-me da cama onde me prostara a doença, as forças já mais alevantadas, procurou-me certo dia o meu editor, e, com instancia, solicitou-me que lhe dêsse um novo livro. A tentação era radiosa. Fui buscar, entre meus velhos papeis, o romance que jazia no fundo da gaveta. Relí-o. E o meu primeiro impeto, ao relê-lo, foi categorico.

— Não publico este livro. Absolutamente não publico. Este livro é, tão somente, um livro de paixões más e desgrenhadas. Um livro ruim. Não tem nenhuma elevação moral. Não edifica a ninguem. É livro que um escritor, sendo catolico, não tem o direito de lançar a publico. Não, não publico este livro.

E, de novo, encafuei os originais na gaveta. Nessa noite, porém, dormi muito pouco. A conversa que eu tivêra com o meu editor não me saía da cabeça. Peguei de excogitar, ao longo dessa vigilia, na tolice daquele meu primeiro impeto. Na

tolice, sim. Na imensa tolice daquele impeto. Que piegas eu andava! Que maricas! Porque não publicar o romance? Aquilo era carolice de minha parte. Carolice insuportavel. Carolice que a doença insuflára no meu espirito abatido. Era preciso reagir. Acabar com aquelas bobagens. Onde iria eu parar daquele jeito? E vareei a noite com pensamentos tais a esfervilharem dentro de mim. Sobretudo, em meio a esses pensamentos, azedando-me, vinha, como estribilho achincalhador, a palavra "carola." Carolice. Era uma palavra que me machucava a vaidade. *Que carolice Paulo! Que carolice...*

... outubro. — No dia seguinte, mal me levantei, tomei de novo o romance, relí-o, e, daquela feita, principiei a descobrir qualidades na obra. Grandes qualidades. Houve mesmo cenas que achei belissimas. Porquê não publicar aquele livro? Que carolice... Puz-me então, durante alguns

dias, a ajustar melhor umas tantas paginas e a retocar uns tantos episodios. Li-me aqui, cortei ali, poli o que pude, e, afinal, dei o meu romance como definitivamente acabado. Minha mulher começou a passá-lo a maquina. Minha mulher (é forçoso anotar aqui esse detalhe) trabalhava no quarto de uma filhinha nossa, uma pequerrucha de doze anos, graciosa e loura, que estava nesse momento adoentada e de cama. E as copias começaram a surgir. Um capitulo. Dois capitulos. Tres capitulos. Quatro capitulos. Foi quando a minha mulher, com o seu marcado bom-senso, ao vêr-me aparecer no quarto da filha:

— Você vai publicar este livro?

— Vou.

— Pense melhor. Você mudou muito nestes ultimos tempos. Você é hoje um homem crente, um catolico praticante. Você vai mesmo publicar um livro como este? Pense melhor.

— Não seja beata, mulher!...

Não seja beata, mulher. Era uma frase apenas. Pois as palavras de minha mulher tinham ido diretas ao meu coração. Não seja beata... Eu dizia aquilo com ar superior, unicamente da bôca para fóra. Da bôca para dentro, não. Sentia eu muitíssimo bem a justiça da exprobação. Minha mulher não fizéa outra cousa sinão repetir, exátamente, aquilo que eu, no primeiro impeto, já havia dito com expontaneidade para mim mesmo. Mas eis que soou dentro de mim, rebelada, aquela mesma voz que soára sarcástica ao longo da minha noite de insonia. Que piegas você anda, Paulo! Que maricas! Você não vê que isso é bobagem de sua mulher? Pois a sua mulher lá entende acaso de literatura? A literatura de que ela entende, meu velho, é apenas essa literatura com o *nihil obstat*. Livros sobre a vida dos santos. Mais nada. Deixe, portanto, sua mulher falar! E acabe com essa sua carolice. Que

— você está me saindo um carola de marca, sabe? Um grande carola...

O romance lá continuou a ser passado a máquina. Quinto capítulo. Sexto capítulo. Setimo capítulo. Oitavo capítulo...

— Você vai mesmo publicar este livro? Pense melhor. Eu acho que não fica bem a você, que é hoje...

Aquela insistencia de minha mulher me doía. Sentia claro o ajuizado do que ela me admoestava. Mas não queria ouvi-la. Revoltava-me. Zangava-me. E desencadeou-se dentro de mim uma luta secreta. Luta banal na apparencia, meu amigo. Mas luta seria. Luta profundamente seria. No fundo dela, está visto, não se tratava mais da publicação ou não publicação dum simples livro, um romancezinho, que não ia mudar a face da terra. Nada disso. Tratava-se, isso sim, da luta entre o homem que eu fui e o homem que eu queria ser. Entre o homem novo e o homem velho. Luta que poucos compreen-

derão. Mas luta de que esses poucos, isto é, os que a conheceram de perto, sabem bem a aspereza e o encarniçado. Pensei, então, antes de ir ao editor, em expôr o meu caso ao Padre Z. Àquele meu excelente amigo, cujo conselho, sempre firme e réto, tinha sido para mim escudo seguro em hora tumultuada de indecisão e duvida. Telefonei-lhe. Padre Z, sempre bondoso, veio logo vêr-me naquele mesmo dia, ao invés de esperar a minha visita. Contei-lhe, a sós os dois, o caso que tão violentamente me agitava, “um escrupulo de consciencia, disse-lhe. Creio que não passa de banalidade. Mas o fáto é que, com razão ou sem razão, soffro intensa luta diante de mim”. O padre, é claro, não podia orientar-me sem primeiro conhecer o livro. Contei-lhe, pois, capitolo por capitolo, o enredo da obra. Padre Z não vacilou:

— Deixe o seu livro trancado na gaveta, meu amigo. Não o publique. Um

cristão, como o senhor hoje o é, voltado com tanta ansia para cousas espirituais, não deve aparecer em publico com romance assim desordenado. Escandalisaria. O senhor, nestas paginas, diante do publico, é *um*; na realidade, ás occultas, diante de Deus, é *outro*. Que diriam leitores seus que o vissem na igreja, que o vissem confessando-se, comungando e, no outro dia, o vissem lançando nas livrarias romance desordenado com este? Não publique o seu livro, meu amigo.

Eu (curiosa esta nossa natureza humana) eu fiquei bastante desapontado. O que eu queria, no fundo, era, vaidosamente, encontrar alguém que achasse belo o meu livro, e, por isso mesmo, que viésse em socorro do homem velho que estrebuchava dentro de mim. Mas não encontrei ninguém. Todos contra. O padre Z disse-me ainda:

— Creio mesmo que o seu romance terá exito, fará successo. E' um romance

vivo. Mas não se deixe seduzir por isso. Não publique o seu livro. E incisivo:

— Faça esse holocausto ao Cristo!

Ouvi, aceitei, e, no assomo da hora, deliberei destruir aquelas paginas. Mas foi um assomo apenas. Mal o padre virou as costas, mal eu me vi a sós comigo, pegou de referver no meu imo uma procela rugidora. Todas as forças subconscientes do meu ser, assanhadas, como que a^{ti}çadas por extranha mão, desencadearam-se iracundas contra o padre. E era uma berra só:

— Este padre é um bôbo! Você não vê que este padre é um bôbo? É um padre que não conhece nada da vida. Vive no mundo da lua. E' um místico. Mas eu não sou místico e nem vivo no mundo da lua. Eu escrevi um livro com os olhos abertos para a realidade. Contei os poderes da existencia, que eu vi. Os poderes andam fermentando aí para quem quizer enxergar. E por isso o padre acha que o

meu livro é um livro desordenado. Este padre é um bôbo! Absolutamente bôbo. Imaginem um pouco si os romancistas, antes de publicar os seus romances fossem todos pedir conselhos aos padres. A literatura estava bem aviada. Não haveria mais romance no mundo ou, pelo menos, os romances ficariam reduzidos a escritos com agua de flôr de lorangeira.

Tempestade brava, feio pegão de vento, andava tudo lá por dentro iroso e ululante. E' verdade que uma pequenina voz, muito apagada, soava, em meio ao temporal, nos recessos intimos do meu ser...

— Porque é que você consultou o padre? Consultou por que acreditava na palavra dele e no criterio dele. E que é que disse, afinal, o padre? Disse aquilo que você mesmo já disséra do livro. Disse aquilo que a sua mulher, por sua vês, tambem já disséra dele. E é inutil estar aí a relembrar autores e mais autores. Todos

esses autores de que você fala (eis o ponto) não eram catolicos. Podiam escrever os livros que bem entendessem. Mas você, não: você é catolico. E' ou não é catolico? Si é catolico...

A voz não podia prosseguir. Outra, mais enraivada, abafava-a:

— Catolico? Mas catolico é uma cousa e carola é outra. Não seja carola, Paulo! Não seja piegas! Destruir um livro de trezentas paginas, que custou tanta canseira, só porque um padre não achou nele cheiro de igreja? Onde está você com a cabeça? Pense um pouco no que vão dizer os seus amigos. Todos eles vão caçoar de você. Rir de você. Vão achar você ridiculo. Você não tem medo do ridiculo? Pois você está sendo ridiculo...

Eu me achei verdadeiramente ridiculo. Que carola que eu estava saindo. Que imenso carola! Era preciso reagir. Não havia duvida. Reagir com violencia. E foi

o que eu fiz. Não dei tento á minha consciencia, nem ao que dizia a minha mulher, nem ás palavras assentadas do padre amigo. Nada. O homem velho vencêra o homem novo. Vencêra estrondosamente: eu tomei a deliberação firme de entregar ao meu editor os originaes do meu livro. Deliberação definitiva, cabal, que não admitia replica. Foi um alivio. Aquela attitude clara cortou cerce a minha angustia. Aconteceu o que tradicionalmente acontece depois de asperas borrascas: calmaria. Fiquei tranquilo. Fiquei feliz. Tudo, no meu coração, paz e ceu azul.

* * *

... outubro. — Passaram-se dois dias. Ao cabo deles, era um sabado, eu estava com a minha papelada pronta para ir á procura do editor. Acordei-me cedo.

Cedo demais. Ia apenas amanhecendo. Havia um sino que repicava. Aquele repique claro, sonorizando a madrugada, en-

trou-me alviçareiro pelo coração. Deu-me vontade de assistir áquela missa. Porquê? Não sei. Mas deu-me uma grande vontade. Fiz um esforço, levantei-me, fui á igreja. Mais ainda: confessei-me e comunguei. Voltei radiante da igreja. Radiantissimo. Havia passaros cantando dentro de mim. A manhã era uma festa, encantadora para os meus olhos. Ha quanto tempo que eu, doente, a viver encafuado num quarto, não via e nem sentia o bulício alacre das manhãs citadinas! Que alegria... O ar era fino, a luz doirada, o ceu muito azul e muito doce, e apesar do seu “quotidiano”, havia para mim, tão arredado da vida, um claro encantamento na poesia matinal da cidade que se agitava — o verdureiro com a sua carriola, o peixeiro apregoando a garopa fresca, automoveis, carrocinhas de pão, transeuntes apressados, normalistas de blusa branca a caminho da escola... Tornei para a casa iluminado. Em casa, que bom humor! Conversei com

todos, caçoei com todos, ri-me com todos. Tomei do jornal, e, como a minha pequerrucha ainda continuasse de cama, subi ao quarto dela.

— Como vai filhoca?

Assentei-me num divan que havia ao pé da cama. Eu estava alegre, sim. Mas a pequena, não sei porque, estava ainda mais alegre. E por isso nós dois tagarelamos com o riso na bôca, jovialmente, o coração cheio de sol. Depois abri o jornal e comecei a lêr. Mas eis que a pequena, em dado instante, interrompe bruscamente a minha leitura.

— Papai...

— Que ha, minha filha?

A menina titubeou, ruborisou-se um pouco, e, a medo, com a sua vozita clara e doce:

— Eu queria pedir um favôr para Papai...

Favôr? Mas haveria favôr que eu acaso recusasse á minha filhinha doente?

Jamais! E fui logo exclamando com borbulhante vivacidade:

— Que favôr será esse, Jesus? Vamos lá, filha: diga o que você quer!

E a minha pequena, que é loura, que tem dois olhos castanhos, dois imensos olhos castanhos e luminosos, a minha pequena disse-me, com a maior naturalidade, esta cousa enorme:

— Eu queria que Papai rasgasse aquele livro que Papai está escrevendo.

Meu coração bateu descompassado no peito. Olhei a menina com olhos regorgitados de assombro. E não era para menos. Eu podia esperar tudo da minha filha, tudo, mas não podia esperar, jamais, ouvir da sua bôca de criança, descuidosa e candida, um pedido tão serio e tão estonteante como aquele.

— O que é que você está dizendo aí, menina?

Ela repetiu com gravidade:

— Eu queria que Papai rasgasse aquele livro que Papai está escrevendo.

Não ha côr, por mais flamante, que pinte a minha emoção. Como pintá-la? Ouvir, naquele momento, depois de tudo o que sucedêra, aquella innocente creaturinha fazer-me aquelle pedido — um pedido daquelle geito! — é, realmente, emoção que tanje as cordas mais intimas dum coração de homem. E' emoção que fica vibrando a vida inteira na alma da gente. Eu tive, naquelle minuto, a sensação viva, a sensação absolutamente nitida, de que ali, na cama, naquella fragil enferma que me falava com a sua voz de mel, não estava mais a minha pequerrucha, aquella que eu amava com tão desbordante e tão calida ternura: estava ali, isso sim, falando pela bôca innocente de minha filhinha, um anjo do Senhor, um anjo louro, um anjo fino e leve, que, mandado pelo ceu, viéra, com a força da sua ingenuidade, ajudar o homem novo, ainda tão fraco em mim, a vencer aquelle

poderoso homem velho que campeava ovan-
te dentro do meu ser. Agarrei as mãos
da menina:

— Mas que ideia é essa, filha? Por-
que esse pedido? Eu não posso entender,
francamente, o motivo porque você quer
uma cousa dessas. Escute: você sabe o
que diz o romance?

— Não, Papai. Não sei.

— Você leu alguns desses capítulos
que sua mãe passou a maquina?

— Não, Papai. Não li capítulo ne-
nhum.

— Sua mãe, nesse caso, disse a você
alguma cousa a respeito do livro?

— Não, Papai. Mamãe não me disse
nada.

— Então, minha filha? Então? Por-
que é que você quer que eu rasgue o meu
livro?

— Não sei porquê, Papai. Não sei.
Mas olhe: ha uma cousa aqui dentro, aqui
bem dentro (e a menina punha a mão com

força no coração) que me diz, desde ontem, que Papai não deve publicar aquele livro.

— Mas minha filha...

— Eu não sei o que é, Papai. Não sei. Mas é uma cousa aqui dentro. Uma cousa exquisita. E por isso eu quero que Papai rasgue o livro. E quero tanto, tanto, que vou propôr um negocio para Papai...

Um *negocio*... Não pude deixar de sorrir. Naquela altura, ouvindo o que ouvia, ainda a pequena a propôr-me um *negocio!* Ela continuou.

— Papai me dá, todos os anos, um presente de Natal. Não é? O presente de Natal, Papai bem sabe, é o presente que eu mais gosto na minha vida. Pois bem: neste ano, como presente de Natal, Papai vai fazer o que eu pedi.

— Rasgar o livro?

— Sim, Papai...

Levantei-me de pronto. Levantei-me bruscamente, o coração disparado. As lagrimas a saltarem-me dos olhos aos punhos.

— Basta, minha filha, basta! Não fale mais. Você ganhou o seu presente de Natal. Papai vai rasgar o romance.

Corri ao meu escritorio, agarrei o maço dos originais, ajuntei copias a maquina, voltei com a papelama ao quarto da filha. E os dois, ali no quarto, picamos em mil pedaços as trezentas paginas do livro. Logo a seguir, no canto do meu quintal, uma pequena fogueira devorava o monte-zinho de papeis rasgados. Eu vi, com jubilo, a labareda subir das laudas em tiras. Vendo-a (que singular é a natureza humana!) fiquei em festa. Radioso. A chama, que rompia alegremente do calhamaço, como que atiçava um fogareu de contentamento no meu coração. Estava feliz. Havia ganho um duro combate. O meu labor de todo um ano, é certo, labor bem duro e bem suado, como escrevêra ao Padre Z, reduzira-se ali a uma pouca de cinza que o lixeiro carregou. Não importa. Eu estava venturoso. E, na minha felicidade,

sem que ninguém reparasse, guardei comigo um punhadozinho daquela cinza. Ocorreu-me, de repente, uma lembrança feliz.

26 de Dezembro... Tivemos ontem um natal bonito. Natal bucólico, transcorrido em pleno campo, nesta arredada e quieta chacara em que ora vivo. Por isso mesmo, por estar assim apartado do mundo, longe da efervescência das cidades, onde as alegrias do natal são tão calorosas e bulhentas, a festinha de ontem, festinha só nossa e de nossos filhos, teve para mim um sabor novo. Tudo tão íntimo, tão acontegado, tão lindo... Até a árvore, não sei porquê, pareceu-me que foi mais bonita do que a árvore dos outros anos. Que linda que estava! Doía na vista de tanta luz. E tinha bugigangas como nunca teve. E enfeites de prata, e enfeites de ouro, lanterninhas e bolas, e laçarotes de toda a côr. Uma festa. As crianças receberam o presente que pediram. Só a pequena neste ano, não pedia presente de Natal.

Não houve força que a fizesse dizer o que queria. Mas a mãe galanteou-a com um mimo. E eu com outro. Dei-lhe uma *bonbonnière*. Uma *bonbonnière* pequenina, de louça barata, cousa atôa. Ela recebeu a lembrança com viva alegria. Desatou, radiante, a fita côr-de-rosa, desdobrou cuidadosamente o papel de seda e, encantada, topou com a prendazinha desvaliosa. Abriu-a. Mas, ao invés de bonbons, como decerto esperava, a menina encontrou lá dentro, com surpresa, um desenxabido punhado de cinza. Compreendeu imediatamente. Olhou-me com um olhar fulgurante. Olhar em que fuzilava a chispa a mais eloquente. Mas não disse palavra. Acercou-se apenas de mim, beijou-me, e, tremula, abraçou-me com um abraço apertado. Eu disse-lhe a meia voz:

— Foi este o presente de Natal que você pediu, não foi, minha filha?

— Foi, Papai.

E abraçou-me de novo.

CAPITULO III

27 de Dezembro — Minha filha, você não tem ainda idade suficiente para penetrar bem, para penetrar em toda a sua extensão, o significado daquele punhado de cinza. Aquilo, para você, representava apenas o resto dum livro que seu pai teve a coragem de queimar. Mais nada. No entanto, minha filha, aquele punhado de cinza tinha um sentido bem mais alto do que você pensa. Um sentido que você só compreenderá bem, só compreenderá agudamente, no dia em que compreender bem e agudamente as lições estupefacientes da *Boa-Nova*, desse livro imenso, o maior de todos os livros que sublimou o Evangelho. Sobretudo, minha filha, quando você lêr aquela pagina tão surpreendedora, que é

a entrevista de Nicodemo com Jesus. É uma das paginas maiores do Evangelho. Maiores e mais profundas. Nicodemo, minha filha, homem prestigioso e grave, era mestre em Israel, doutor da lei, rabi com assento no sinhedrio. Ele ouvira falar, como toda a gente, de um galileu moço, trinta anos, chamado Jechou, que vinha vindo, desde os confins de Zabulon e de Neftalin, através das compridas e queimante estradas da Judeia, a pregar com singelêsa uma doutrina singularmente nova. Doutrina que fascinava. Doutrina que homem nenhum havia ainda pregado na terra. No rastro do extraordinario Moço, obrumbrada, vinha imensa mó de povo. Eram gentes da Galiléa, gentes de Decápole, gentes de além-Jordão, gentes de Tiro, gentes de Sidonia, gentes de Capharnaum. Havia ali de tudo. Homens e mulheres de todo o geito. Mas homens e mulheres do povo, desvalidos e pobres, uns doentes, outros desesperados, outros per-

seguidos, outros espesinhados, todos eles maltrapidos, todos eles grandes sofredores, todos com fome e sêde de justiça. E esse bando, assim roto e miseravel, procurava ansiadamente tocá-lo, só tocá-lo, porque saía Dele uma virtude que curava a todos. Jechou dizia-lhes palavras nunca dantes ouvidas. Fazia-lhes prodigios nunca dantes vistos. Eles ouviam, consolados, a beleza daquelas palavras. Eles apregoavam, fascinados, a maravilha daqueles prodigios. Em Jerusalem, comtudo, entre os poderosos, havia apenas desdem, mofa, vituperio, achincalhe, contra aquele empoeirado Viajor que alevantava os humildes. Os triunfadores do dia, os grandes que governavam o povo, os doutores que sabiam a lei, os sacerdotes que ofereciam o incenso atrás do veu do tabernaculo, os cambistas que mercadejavam moedas no Templo, os ricos que gozavam folgadamente as delicias da vida, todos os ditosos da terra, todos esses pobres, las-

timaveis ditosos, que viviam na abundancia, no poder, na gloria do mundo, despresavam o moço galileu. O moço que arrastava após si aquelas turbas ferventes e deslumbra-
das. Quem era, para gente tão alta, aque-
le infimo rabi de Nazareth? Um roto, um
que nascêra numa estribaria, um filho de
carpinteiro, hereje que trabalhava em dia
de sabado, impuro que não purificava as
mãos quando comia, lunatico que se apre-
goava o “pão da vida”, blasfemo que se di-
zia enviado pelo Deus vivo. Enviado pelo
Deus vivo, sim, mas que comia á mesa com
os publicanos e pecadores; mas que buscá-
ra como discipulo um vil cobrador de impos-
to, desprezível e escorchador; mas que
aceitava unguento e nardo de meretrizes;
mas que não deixava apedrejar as esposas
adulteras; mas que ia, sendo galileu, ás
terras idolatras da Samaria, e, com desre-
peito á dignidade dos seus, quedava-se im-
pudentemente a conversar com as mulhe-
res de Sichar á beira do poço de Jacob.

Nicodemo, comtudo, Nicodemo, o rabi, impressionára-se fundamente com o que dizia e obrava o jovem caminheiro. E descortinou logo, fundo pelas falas que escutava, tudo quanto havia de belo, de sedutor, de nunca dito, na palavra revolucionaria daquele pasmante mestre de pescadores. E quiz vê-lo. Foi procurá-lo á noite. Á noite? Sim, minha filha. Nicodemo foi á noite, ás escondidas, quando a cidade sem iluminação adormecêra no seu silencio. Não queria, o rabi cauteloso, ser visto pelos outros rabis que se sentavam com ele no sinhedrio. Não queria ser visto por aqueles rabis empavonados e arrogantes, de nariz recurvo, barbas negras e lustrosas, que traziam filaterias de franjas longas, buscavam os primeiros lugares nas sinagogas, queriam saudações adulatoras na praça publica, amavam ser chamados de mestres pelos homens. Nicodemo era sutil e ronhoso, minha filha. Nicodemo foi á noite. Foi e conversou com Jesus.

Essa conversa do filho do carpinteiro e do doutor da lei é, repito-o, uma das paginas maiores do Evangelho. Maiores e mais profundas.

Nicodemo:

— Mestre, sabemos que és um doutor enviado por Deus para nos instruir; pois só quem estiver com Deus pôde fazer os prodigios que tu fazes. Mestre, dize-me: que é preciso fazer um homem para entrar no reino de Deus?

Jesus:

— Digo a ti, Nicodemo, que és mestre em Israel: aquele que não nascer de novo, esse não entrará no reino de Deus.

Nicodemo, com espanto:

— Como pôde, Mestre, um homem nascer de novo, sendo já velho? Poderá, por ventura, entrar mais uma vês no ventre de seu mãe e renascer?

Jesus repetiu:

— Em verdade, em verdade te digo: todo aquele que não *renascer em espirito*, esse não entrará no reino de Deus.

Renascer em espirito... Palavras tremendas! No entanto, minha filha, nada mais certo. O homem, enquanto não enfreia os seus pendores inatos, enquanto é vaidoso, é soberbo, é vingativo, é iroso, é dominador, é odioso, é carnal; o homem, enquanto está apenas voltado para as cousas terrenas, enquanto ama a gloria vã, ama o louvor, ama a riqueza, ama o poder, ama as honrarias; o homem assim, minha filha, homem que não tem os olhos virados para os esplendores espirituais, esse homem é ainda o *homem velho*, o das cavernas, o que não se transformou, o que não se moveu ante á palavra avassaladora do Cristo, o que não sentiu a beleza imortal do sermão da montanha, o que não foi sacudido pelo desejo aguilhoante do infinito e não foi tocado pelo anseio da perfeição. Eu fui esse homem, filha. Eu fui, durante trinta anos, esse barro chagado de mazelas. Mas o Cristo condeu-se de mim. Condeu-se do misero que lhe roçou com hu-

mildade a fimbria da veste. Sim, mal lhe rocei a fimbria da veste com minha mão pecadora, eis que irrompeu do Cristo, para alimpar-me, aquela virtude extranha que alimpava os leprosos. Por isso eu queimei aquele livro. Queimei-o, ajudado por você, filha, que foi o inconsciente, o ingenuo, o lirico instrumento de que Deus se serviu para socorrer a mim, que fraquejára. Custou-me fazer aquele gesto. Custou-me ruidissimo combate. Mas eu, afinal, o fiz. Isto é: venci a mim mesmo. Triunfei.

Aquela pouca de cinza, portanto, aquilo que foi, filha, seu desenxabido presente de Natal, não significava apenas o resto inutil de um romancezinho sem valôr. Significava muito mais. Significava, isso sim, que o homem velho, aquele afrontoso homem sem Deus que havia dentro de mim, tão custoso de arrancar, morrêra na labareda que devorára o meu livro. Morrêra, filha. O homem novo vencêra-o. Eu havia renascido em espirito.

CAPITULO IV

Novembro... — Acabo de lêr as paginas que já escrevi. E tive a impressão, meu amigo, de que você, quando as lêr, ficará certo que se deu comigo um caso de conversão. Conversão? Talvês. Mas não vá imaginar que eu tenha sido um pagão que se converteu. Ou um perseguidor que o raio feriu no caminho. Ou um ateu que se voltou afinal para o Cristo. Ou um hereje que se arrependeu com humildade, em bôa hora, de suas heresias. Nada. Nem pagão, nem perseguidor, nem ateu, nem hereje. Eu fui muito peor do que tudo isso. Muito peor: eu fui um *cristão* que se converteu ao *cristianismo*. Acha extraordinario? É, no emtanto, a verdade mais verdadeira. Eu me dizia catolico. Cato-

lico como toda a gente se diz no Brasil. Porque eu, é bom que você o saiba, nasci numa familia ferventemente catolica e eduquei-me num collegio irrepreensivelmente catolico. Fui inumeras vêses á Igreja. Ouvi inumeras vêses a missa. Bati inumeras vêses no peito. Mas que cousa adianta lá, meu amigo, dizer-se um homem catolico, ir á Igreja, ouvir a missa, bater no peito? Que valem, sem o espirito, essas materialidades? Cousa nenhuma. Foi por isso, por não valerem cousa nenhuma, que disse o Cristo aquella rude palavra imorredoura: "Nem todo aquele que me diz, Senhor, Senhor, entrará no reino dos ceus." Não entrará. Não poderá jamais entrar. Porque é embuste rizivel, porque é miseria, dizer-se um homem cristão, e, ao mesmo tempo, fugir geitosamente do parente desafortunado que lhe bate á porta; porque é embuste rizivel, é miseria, ir de manhã á igreja, compungidamente, mas jantar á noite com mu-

lheres pagas nos restaurantes alegres; porque é embuste rizivel, é miseria, ouvir a missa nos domingos, mas explorar durante os seis dias da semana o operario que trabalha na fabrica; porque é embuste rizivel, é miseria, bater no peito diante de Deus, mas estadear diante dos homens, com enfa-tuamento, a grandêsa de seu tom de vida ou a soberba da sua inteligencia e do seu sangue. Todos esses vãos, todos esses pobres doudos, mal acreditam, talvês, que “nada ha encoberto que não venha á luz, nem oculto que se não venha a saber”. Mal acreditam, talvês, que hão de um dia comparecer diante do seu Senhor, para dar conta dos seus atos. “E eu então direi a esses (é o proprio Cristo quem fala com inapelavel clarêsa), então eu direi a esses abertamente: “Não vos conheço. Apartai-vos de mim. Vós obrastes a iniquidade”. Meu amigo, você que ora lê esta pagina, recolha-se por um momento. Ponha a mão na consciencia. Diga: si você acaso morresse ho-

je sem haver meditado com seriedade nestas cousas, não teria medo de ouvir aquella palavra fulminadora: *não vos conheço*. Pense um pouco. Reflita. Quanto a mim, meu irmão, si eu acaso morresse hoje, não sei o que me haveria de acontecer. Não sei. Tão mesquinho e ruim é o coração do homem! Tão lento é ele no galgar um degráu, por minimo que seja, acima de sua miseria. Não sei o que me haveria de acontecer. Não sei. Mas sei muito bem o que me aconteceria si eu morresse ha anos atrás. Sei que o Cristo, que é a Justiça, deveria, para ser justo, dizer-me cerce: “Não te conheço; apartate de mim, tu que obraste a iniquidade”. Sentença tremenda. A mais tremenda, a mais desesperante, a mais esmagadora de todas as sentenças. Mas sentença réta. Porque eu, cristão, eu, nascido numa familia cristan, eu, educado num collegio cristão, eu, que cheguei a ser noviço da Ordem Terceira do Carmo (!) — eu não era cristão. Como? É o que irei dizendo por meu-do nestas notas.

CAPITULO V

Tatuí... Guardo no coração, guardei sempre na minha saudade, a recordação amoravel da minha bôa terra natal. Tatuí... Ainda agora, neste momento, ao escrever-lhe o nome selvagem, tenho debaixo dos olhos, enamoradamente, a paizagem sossegada dos seus arredores sem morros, os seus vastos campos espraçados, as suas roças de feijão, os seus milharais embonecados, e por toda a parte, por gleba de lavrador opulento ou sitienco humilde de caiçara, aqueles risonhos algodoais que amadureciam em junho, brancos, brancos, de tanta pluma branca aberta ao sol. Ainda agora, neste momento, tenho debaixo dos olhos a antiga e rude cidadezinha de minha infancia, com as suas ruas poeirentas, o seu ca-

sario baixo e pobre, os seus muros de taipa, os seus lampeões de kerozene, a escola de seo Chico Pereira, a casa em que eu nasci. A casa em que eu nasci era como casarão conventual, desses casarões que já desapareceram, beirais compridos, muitas janelas, salas imensas, o assoalho de taboas largas, e, recordação inarrancavel, um enorme pomar ensombrado de grandes arvores folhudas, e, Deus meu, com tanta laranja, tanta lima, tanta goiaba, tanto araçá, tanta jaboticaba...

Meu pai morreu quando eu tinha quatro anos. Meu pai nascêra em Porto-Feliz, o antigo e famoso Araritaguaba, donde outróra havia partido, Tieté abaixo, a caminho de Cuiabá, tanta monção buscadora de ouro. Ele era de familia abastada, fizêra boas humanidades, mas, não sei porque, desistíra de prosseguir nos estudos. Viêra abrir em Tatuí, ao tempo em que Tatuí era bôca de sertão, uma dessas casas de comercio como se abriam naquela épo-

ca, commercio em grosso, de cousas grossas, sortidissimas, aonde tropas de longes terras acorriam a abastecer-se de tudo. Meu pai morreu, coitado, na fiuza de que deixava a mulher, com os filhos, a viver na abundancia em que viveramos. Não foi assim, comtudo. Terminado o custoso inventario, liquidados os negocios, minha mãe ficou apenas com o estrito para viver pobrememente. Mas minha mãe era mulher que não tinha medo da vida. Que corajosa e brava que era! Passou do muito farto para o muito escasso com belo destemor. E foi vivendo Deus sabe como. Vivendo e criando a penca de filhos, que eram nove. Chegou assim a época dos meus primeiros estudos. Comecei na escola de seo Chico Pereira. Mas comecei apenas. Entrei logo para o Grupo Escolar. E entrei em bôa hora. Acho cousa proveitosa a gente frequentar as escolas populares. Viver com os filhos de gente pobre, o filho do carroceiro, o filho da lavadeira, o filho do ro-

ceiro, o filho do ferrador, faz bem. A gente aprende desde cedo a conhecer a vida como ela é. Eu vivi durante alguns anos com os meninos humildes de minha terra. Fiz entre eles amigos que imensamente quiz e que imensamente me quizeram. Nem me esquecerei jamais do entusiasmo com que, anos mais tarde, esses velhos companheiros de escola se bateram pela indicação do meu nome para deputado por minha terra. E a alegria deles, e a festa, no dia em que fui eleito... Mas não falemos disso. Façamos dum fáto, hoje insignificante, mas, naquele tempo enorme, que, em meio ao curso das primeiras letras, atormentou atrozmente os meus dias. Foi a dura agonia da minha infancia. Agonia excruciante. Não vá pensar, amigo, que fosse por causa dos estudos. Não. Eu era aluno que aprendia com facilidade. A minha agonia era por causa da *Morena* e da *Manteyga*. Por ventura imagina lá você, amigo, quem era a *Morena* e quem era a *Manteyga*.

ga? Pois eram duas vacas. Sim senhor: duas vacas. Duas vacas que antigo devedor de meu pai, sitiante de consciencia, havia trazido para minha mãe em pagamento de divida. Acontece, porém, que em nossa casa, embora fosse aquele casão de que falei, quasi uma quadra inteira de rua, não havia forragem suficiente para as duas rezes. Tinham elas que ir pastar fóra. E iam para o pasto de seo Galdino, que ficava na saída da cidade. Iam de manhã e voltavam de tarde. Quem as levava e quem as trazia, era eu. Levar não era nada. Mas trazer? Aí é que era a tragedia. Mas o peor de tudo, ainda por cima, era quando as duas endemoninhadas se encafuavam no mato. Porque havia no fim do pasto um mato. Entrar, Jesus, naquele mato, onde havia tanto bicho, onde havia cobra de tanto geito, era suplicio que me atazanava. E me atazanou de tal geito, que esse tormento me empeliu a uma atitute religiosa surpreendente. A mais surpreendente que se

póde imaginar. E isso logo após á minha Primeira Comunhão. Porque eu fiz em Tatuí a minha Primeira Comunhão. A minha Primeira Comunhão... Já fez o meu amigo a sua Primeira Comunhão? Já, certamente. Lembra-se, então, nem ha duvida, de como foi carinhosamente preparado e da compenetração em que ficou a receber pela primeira vês a Cristo, e da alegria piedosa de sua mãe, e do gosto com que seu pai, deixando naquele dia todos os seus negocios, compareceu gravemente, de roupa escura, á sua festa eucaristica... Lembra-se, não é? Ah, meu amigo, quando hoje eu vejo isso, quando vejo esse belo jubilo cristão com que, em nossos lares, se festeja acontecimento tão serio, tão capital, na meninice dos nossos filhos, é que eu meço bem o quanto, nestes derradeiros anos, caminhamos em compreensão e pratica da fé catolica. Que larga diferença entre os tempos de agora e os meus tempos de criança! Ha quarenta anos atrás, meu amigo, era

verdadeiramente imenso o descaso religioso no Brasil. Do Brasil, atente bem. Pois não apenas no meu pequeno Tatuí, ou no meu Estado de São Paulo, que o descaso irreligioso era imenso. Era-o, sim, em todo Brasil. E com razão. Vastidão territorial imensa, gentes rudes, pouquíssimos padres para essa vastidão e para essas gentes. Ainda por cima, nessas velhas e soltas eras, muitos desses poucos padres, Deus do céu, ao invés de edificarem, andavam por aí... Não falemos. Falemos só do descaso irreligioso em que se desenvolveu a minha infância. Do descaso irreligioso em que se formou o meu espirito. Do descaso religioso de nossos pais. Eles nunca se confessavam, nem comungavam. Nem mesmo para casar. Essas cousas arranjavam-se facilmente com o vigario. O vigario era homem tomador de rapé, chão, de bom conselho, amigo de toda a gente, que vivia na sua sossegada chacara, ao pé da igreja, levando uma vida pouco sobrenatural... Os nossos.

maiores olhavam essas cousas com olhos humanos, não se escandalizavam, e, mesmo achando aquilo natural, continuavam eles a mandar os filhos a “casar no padre” e a “baptisar no padre”. Foi graças a essa largueza bonacheirona dos nossos maiores, que o Brasil conservou a sua tradição de fé católica. Conservou-a por milagre. Por isso, hoje, ao contemplar, em nossas igrejas, essa fileira de homens que, recolhidos e compungidos, se acercam reverenciosamente da mesa do Cristo, medito sempre na evolução pasmante ou, melhor, digamos a palavra que eu já disse, e que é a justa — *no milagre* que isso traduz. E evoco então a trivialidade, a nenhuma importância com que, nos meus anos de menino, se faziam, em Tatuí, as primeiras comunhões. Que pai, nesses tempos, lá se importava com a primeira comunhão do seu filho? Isso era coisa para mulher. E para mulher beata. Mas as próprias mulheres, na sua ignorância, não davam ao ato o valôr que ele ti-

nha. Aquilo se fazia trivialmente. Era acontecimento sem nenhum relevo. O pequeno aprendia em quatro ou cinco domingos (que domingos enfadonhos!) umas tinturas de *doutrina*, decorava o Credo, e, assim, malissimamente preparado, davam-no pronto para a solenidade eucarística. No grande dia, como se fosse em dia qualquer, lá ia o pequeno para a Igreja. Nada de festa. Nada de aparato. Nem mesmo, naquele dia, o menino se vestia com mais apuro do que o de costume. Tudo banal, tudo displicente. No dia da minha primeira comunhão, comtudo, minha mãe fez para mim uma roupa nova. Eu fui de roupa nova e um laço de fita branca no braço. Na igreja deram-me uma vela acesa. Oh, aquele laço de fita branca e aquela vela de cera queimando... Foi o que me impressionou. E foi tudo, essa é que é a verdade. Foi tudo o que, do áto tão sério, ficou gravado para todo o sempre em minha lembrança.

Depois de minha primeira comunhão principiei a rezar todos os dias. A rezar fervorosamente. E para quê? Para que Nossa Senhora me concedesse uma só felicidade, uma só, mas que era a felicidade inteira de minha vida: que a Morena e a Manteiga não se embrenhassem no mato. Que eu as encontrasse no pasto com facilidade... Não ha duvida: as vacas eram o meu tormento. Tormento que me agoniava. E me agoniava tanto, com tanta ferêsa, que, certo dia, ao ir buscá-las, entrei na igreja que ficava em caminho. Entrei, abeirei-me do altar, ajoelhei-me. Ergui para a Virgem, os meus olhos suplices. Lá em cima, no seu nicho, sorria Nossa Senhora, linda, linda, com o Menino nos braços, um resplendor cintilando-lhe á cabeça, o manto azul celeste borrifado de estrelas de prata. E eu lhe disse:

— Minha Nossa Senhora, ajudai-me! Fazei que eu encontre a Morena e a Manteiga sem custo. Que elas não se escondam.

dam no mato. Concedei-me o que vos peço, minha Nossa Senhora, que eu, aqui diante do vosso altar, vos faço esta promessa: eu, quando ficar homem, serei padre!

E repeti, com firmêsa, o coração ingenuo a transbordar de sinceridade ardente:

— Eu, quando ficar homem, serei padre!

Esta promessa revela bem o temperamento assomado (horrendo defeito) que eu fui a vida inteira. Excessivo em tudo. Quando me davam um, queria logo retribuir com cem. Quando pedia a Nossa Senhora, na minha deliciosa candura, que me concedesse a graça de encontrar sem custo as minhas vacas, oferecia logo, em retribuição da pequena ajuda, o sacrificio imenso de ser padre. Está visto que, apesar da promessa, a Morena e a Manteiga continuaram a se encafuar no mato, e, apesar da promessa, eu a topar com elas muito penosamente, no pasto. Vivi assim mais um ano de desassosego. Ao cabo dele, findas as

minhas primeiras letras, os meus professores, com o seo Chico Pereira á frente, aconselharam muito á minha mãe que me enviasse a S. Paulo prosseguir nos estudos. Minha mãe tinha apenas com que viver modestamente na nossa terra. Mandar como? Um irmão, o acima de mim, já andava por lá estudando com sacrificios que se não contam. E mandar ainda outro? Impossivel. Mas a minha mãe era uma lutadora magnifica. Vendeu o pouco que lhe restava, ajuntou o dinheiro de contado que pode, e, pon-do nas mãos de Deus o seu destino de viu-va, lá veiu, só com sua coragem, a batalhar em pról dos filhos nesta dura cidade de S. Paulo, que é a mais dura, a mais fria, a mais materialista das cidades do Brasil.

CAPITULO VI

O HOMEM MAIS RICO DE MINHA TERRA

Dezembro. — Antes de ir-me de Tatuí, que eu não tornarei a vêr tão cedo, preciso falar aqui de um homem rico que lá vive. De um homem rico, rico. Porque, amigo, não sei se você sabe, na minha terra ha bastantes homens ricos. Mas esse é o homem mais rico da minha terra. Da minha terra só, não. Pelas cidades em que andei, por países varios em que vivi, eu conheci mais tarde outros homens ricos, outros e muitos, que eram mais ricos do que os homens mais ricos da minha terra. Pois esse, o de que falo aqui, é ainda mais rico do que todos os homens ricos que eu conheci. Pou-

ca gente, na minha terra, sabe disso. Muito pouca gente. Como sabê-lo? Ele é um simples, um humilde, um apagado professor de escola primaria. Foi o meu primeiro professor. Chama-se: seo Chico Pereira. Seo Chico morava na mesma rua em que eu morava. A casa dele, lembro-me bem, era uma casinhola baixa, pintada de azul, com uma porta e duas janelas, modestissima. Tinha, dentro, uma desguarnecida varanda telha-vã e umas pobres alcovas atijoladas e tristes. Nessa casa, todas as manhans, á hora do almoço, entravam uns homens maltrapidos, pé-no-chão, que viviam pela cidade ao deus-dará. Todas as tardes, tambem, á hora do jantar, outros homens, igualmente maltrapidos, igualmente pé-no-chão, entravam silenciosos por aquella casinhola adentro. Iam até a cosinha. Aí havia uma comprida mesa de peroba. Naquela mesa de peroba, enegrecida e nua, onde se enfileiravam toscos pratos de folha, seo Chico dava de comer aos bandos esmo-

lambados. Dava de comer com o pouco que lhe sobejava do sustento das irmans. Porque seo Chico vivia com tres irmans velhas e solteiras. Ele tambem era solteiro. Diziam que era casto. Era-o, certamente. Pois somente o casto, somente o masculino que subjuguou a paixão sordida, poderia atingir á perfeição a que ele atingira. Perfeição que se revelava em tudo. Que se revelava, notadamente, na impressionadora igualdade da sua vida e na impressionadora igualdade do seu carácter. Nada de brusco, nada de assomado. Tudo, nele, regular e harmonioso. Tinha o andar pausado e a voz lenta. As palavras caiam-lhe da bôca medidas e pesadas. Exemplar vivo, exemplar marcante, de que eu me recordarei a vida inteira, do varão prudente e de bom conselho. Naqueles tempos irreligiosos, de costumes soltos, ele era homem temente a Deus. Ia á igreja todos os domingos, e, todos os domingos, comungava. Foi o unico homem que eu vi comungar na mi-

nha terra. Foi também, naquele pequenino Tatuí de outróra, o unico vivente que não teve malquerenças politicas. Porque o meu Tatuí, meu amigo, foi lugar de tremendas lutas partidarias, lutas assanhadissimas, em que se disputava o mando a tiro de trabuco. Houve por lá muito assassínio. Mulheres e homens dividiam-se, como onças acuadas, em duas greis que se odiavam. Somente aquele sereno e incontagiavel professor de primeiras letras, na sua casinhola pintada de azul, com uma porta e duas janelas, não soube nunca o que foi o esbravejar daquelas iras. Ele soube apenas, durante a fervura das contendadas, que ás dez horas os pobres vinham para o almoço e que ás quatro horas vinham para o jantar. Mais nada. Por isso todos os da cidade reverenciavam-no. Por isso, ás tardes, quando ele passava pelas ruas, com a sua poida roupa escura, a bengala na mão, todos os da cidade se descobriam com respeito. Bôa tarde, seo Chico. Bôa tarde,

seo Chico. Ele ia para o Asilo de S. Vicente de Paulo. Este asilo, onde se abrigavam uns velhinhos rotos, descarnados, doentes, fôra a obcedante paixão daquele homem justo. Ele planejára a obra, lançára a ideia, arrecadára as primeiras dadivas, fizéra lançar a pedra inicial. Custára-lhe muito, com as migalhas que lhe arremessavam á sacola, botar a obra de pé. Mas botou. E o asilo, emfim, abriu as portas para receber a chusma encarquilhada dos anciãos que o buscavam. E agora, todas as tardes, todas, sem faltar uma, lá ia o S. Vicente de Paulo de minha terra visitar os amigos do seu Asilo de S. Vicente. Ia com um livro velho na mão. Os pobres, quando ouviam o relógio grande bater cinco horas, diziam com segurança:

— Seo Chico está aí.

Não erravam nunca. Cinco horas batidas, seo Chico entrava. Entrava, dependurava o chapéu, encostava a bengala num canto. Bôa tarde, seo Chico. Bôa tarde,

Anastacio, você melhorou do reumatismo? Seo Chico sentava-se á beira da cama em que jazia o Anastacio, encarangado. Assomava logo, de todo o lado, muita cabeça branca. Eram uns cambaleantes trapos humanos, enrugados, macerados, olhos empuçados, varados de doenças que se não curam. Uns feridentos, outros encatarrados, outros com barriga dagua, todos com grossas veias saltadas no pescoço. Bôa tarde, Liborio. Bôa tarde, Zeca. Vinham os velhos todos. Cercavam-no. E o Liborio contava então a seo Chico que lhe déra de manhan a dôr na cacunda. E o Zeca Ruivo pedia que lhe arranjasse um cosimento de malva por via do inchamento dos pés. E o Pega-boi queixava-se de que ouvira muito barulho naquela noite: era gente que queria roubar os oitocentos réis que a mulher do coletor lhe mandára no domingo de entrudo. Eu sei quem é, seo Chico. Eu sei bem quem é. E olhava, com muita intenção, para o Belarmino, o negro, que

fôra carreiro de seo Manduca. Seo Chico ouvia a todos. E que paciencia! Consolava a todos, tinha uma palavra bôa para todos, prometia tudo a todos. Depois, sentado á beira da cama, com os pobres em derredor, seo Chico abria o livro velho que trazia na mão. Era um livro amarfanhado, com as folhas amarelecidas, velho, velho, que aquele doce homem lia todos os dias, absolutamente todos, ha já cincoenta anos. E principiava, com a sua voz grave, destacando acentuadamente as palavras:

“... então o rei disse aos servos: as bodas estão preparadas, mas os que foram convidados não são dignos. Ide, pois, ás encruzilhadas, e convidai para as bodas...”

Os velhos ouviam. Perguntavam muita cousa. Seo Chico esclarecia aquelas cousas. Os velhos escutavam os esclarecimentos, meneavam a cabeça, suspiravam, esperançavam-se, ás vêses choravam. Ás sete horas em ponto batia o sino. Seo Chico levantava-se. Bôa noite, meus amigos. Bôa

noite, seo Chico. Bôa noite, seo Chico. Ele tomava do chapéu e da bengala. Tome cuidado com a friagem, Liborio. Cubra-se bem esta noite, Zeca; eu trago amanha a malva para o cosimento. Saía. No outro dia, cinco horas batidas, seo Chico aparecia de novo no asilo. Bôa tarde, seo Chico. Bôa tarde, seo Chico. E assim foi durante anos. Quantos? Não sei. Sei unicamente que, com o andar dos anos, a vida daquele S. Vicente foi se tornando, cada dia, mais ternamente apegada á vida dos seus doentes. Fóra do asilo, fóra dos seus pobres, o velho professor, curvo e acabadinho, já não tinha mais afeições. As irmans, uma após outra, foram-lhe morréndo. Ficára ele solitario na vida. Quando lhe morreu a derradeira irman — tão aniquilada estava! — a cidade soube, sem o querer acreditar, que seo Chico andava planeando esta cousa pasmante: vender a casinhola. Vender a casinhola em que morára a vida inteira. A casinhola baixa, pintada de azul, com

uma porta e duas janelas, modestíssima. Houve então na cidade muita murmuração. Diziam que seo Chico andava meio avariado da cabeça. Onde se viu, no fim da vida, ficar um homem sem telheiro para morrer? Onde se viu? Aquilo era tontice de quem já não regulava bem. Não sei se o professor humilde, o comovido amigo dos velhos, soube daquelas murmurações. Sei apenas que seo Chico vendeu a casa. Meia duzia de contos. Uma bagatela vil para os mimosos da fortuna. Mas para ele, para seo Chico Pereira, aquela meia duzia de contos era a riqueza. Riqueza que dava e sobejava para viver sem aperto o resto dos seus dias que já iam murchos. Mas seo Chico andava mesmo ruim do juízo. Não cuidou como devia daquela sua única riquêsa. Não a botou a render juro em mão de fiança. Não abriu caderneta na Caixa. Nada. Seo Chico andou pelos casebres e pelos ranchos de minha terra. Viu

aí os desgraçados. Os que tinham a panela vazia sobre o fogão apagado. Os que não sabiam onde se abrigar nos dias de chuva-rada. Os que não possuíam um pano sequer para se cobrir nas noites de geada. E seo Chico distribuiu o dinheiro da sua casa aos pobres. Vai Chico — dizia-lhe no coração uma voz secreta — vai, vende o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no reino dos ceus. Sim, amigo, seo Chico deu o seu dinheiro aos pobres. Deu-o sem rumor. Sem que os jornais trouxessem a noticia. Deu-o ás escondidas, evangelicamente, pois ele bem conhecia o que estava escrito no seu livro amarfanhado, naquele livro velho que ele lia ha cincoenta anos: “... tomai cuidado em não fazer as vossas obras diante dos homens com o fim de ser vistos por eles. Assim, quando fizerdes esmolas, não mandeis tocar a trombeta diante de vós, como fazem os hypocritas, para serem honrados pelo mundo...”. E seo Chico ficou pobre, pobre, mais pobre de que

o ultimo pobre do seu asilo. A minha terra soube então da pobrêsa do seu Chico. A minha terra abriu os olhos assombrada. Seo Chico, de fáto, não estava mais regulando da cabeça. Que diabo, diziam com ansia, que diabo irá ele agora fazer? Não tenha ansia, minha terra. Não tenha ansia. Seo Chico sabe o que vai fazer. Pois um dia, quando o relógio grande bateu as cinco horas, os velhos do asilo disseram como diziam ha tantos anos:

— Seo Chico está aí.

E estava. Mas seo Chico, naquele dia, não entrou sosinho. Entrou com um rapazote que carregava uma canastra pregueada e chata. Bôa tarde, seo Chico. Bôa tarde, Liborio; como vai a dôr da cacunda? Os velhos acorreram todos a sentar-se em redor de seu amigo. Ele disse para o rapazote: João, acomode a canastra debaixo daquela cama. O rapazote acomodou a canastra debaixo da cama e partiu. Então seo Chico abriu o livro velho e pegou de lêr o livro velho para os pobres. Às sete horas,

como de costume, o sino tocou. Mas seo Chico, naquela noite, não tomou o chapéu e nem a bengala. Não saíu do Asilo de S. Vicente de Paulo. Disse apenas para os velhos:

— Meus irmãos, vamos dormir.

Os velhos entre-olharam-se com muito espanto. Seo Chico notou aquele espanto. E repetiu singelamente, muito natural, a voz lenta e grave:

— Vamos dormir, meus irmãos. Eu fico aqui. Porque de hoje em diante, não sei se vocês sabem, eu vou morar no asilo com vocês...

E ficou morando no asilo com os pobres. Lá está ainda agora. Lá está neste mesmo instante em que eu escrevo esta pagina. Ele não suspeita jamais na vida, jamais, que eu estou contando o que conto aqui. E mesmo que suspeitasse, amigo, que montaria lá isso para seo Chico? Ele, o humilde, é suficientemente alto para desprezar as pequenezas da terra. Ele não se importa com

esta minha pagina. Ele se importa, isso sim, com os seus velhos. Com os velhos a que ele traz a malva para o cosimento. Com os velhos a que ele faz morrer na paz do Senhor, felizes, a alma aquecida e soerguida pela palavra de Deus. E os seus velhos, um a um, já se vão indo para o Cristo. O Liborio já foi. O Zeca tambem. O Pega-boi tambem. E seo Chico, por sua vês, irá um dia encontrar-se com eles. Irá, certamente, numa tarde quieta, numa dessas tardes doces e finas, de céu esmaiado e luz morrente, com funda e adormentadora serenidade a apagar a feiura das cousas. Sim, meu amigo, nessa hora macia é que seo Chico fechará maciamente os olhos. Tombará semeando o bem. Tombará da vida, mirradinho, como um passaro leve que tomba cantando da arvore. E ha de então, o ditoso, abrir os olhos do lado de lá. E eu vejo bem, amigo, vejo bem, muito bem, tudo o que vai então acontecer. Quando seo Chico abrir para a eternidade os olhos da alma — que ofusca-

ção! Festa, alegrias cantantes, violinos ardentes derramando harpejos, caçoilas de jaspe queimando essencias, anjos resplandescentes a vôar com azas de prata, rosas tombando do alto, muitas rosas, e, unico, em toda a sua deslumbradora magnificencia, um grande sol cegante, mais cegante do que mil sóes fundidos, a alumiar tudo com o seu luzir divino. Seo Chico, no seu encantamento, põe-se então a caminhar por um chão pavimentado de lazzuli. E caminha tão levezinho, tão etereo, tão sem peso... Caminha com a sua roupa escura e com a bengala na mão. Bandos de homens e de mulheres, com resplendores á cabeça, risonhamente, exultantemente, agitando palmas e arremessando flôres, abrem alas para que passe o velhinho do asilo de S. Vicente. Boa tarde, seo Chico. Boa tarde, seo Chico. E seo Chico lá vai, glorioso. Lá vai, lá vai... Ao fim do caminho, com surpresa, eis que o humilde professor divisa, junto a fulgentissimo trono, uma casinho-

la baixa, pintada de azul, com uma porta e duas janelas. É a casinhola que seo Chico vendeu para dar o dinheiro aos pobres. Ele entra na sua casinhola chan. Que deslumbramento! Tudo, lá dentro, a refulgir... Tudo de ouro, só ouro, as paredes de ouro, a varanda telha-van com telhas de ouro, as alcovas ladrilhadas de ouro, até a cosinha, com mesa de peroba, toda cintilante de ouro vivo. E naquela sua cosinha, em redor da mesa de peroba, oh, meu bondoso seo Chico, que alegria imensa — todos os pobres do seu asilo! Bôa tarde, seo Chico. Bôa tarde, seo Chico. Seo Chico dependura o chapeo e encosta a bengala num canto. Bôa tarde, Liborio; como vai a dôr na cacunda? E seo Chico, feliz, vai sentar-se raiosamente entre os seus amigos. Mas, ao sentar-se, eis que, bruscamente, surge diante dele um homem doce, um homem de olhos suaves e candidos, a tunica alva e resplendente, que tem uma fulgida corôa de espinhos á frente. Seo Chico arregala dois gran-

des olhos. E os olhos estão regorgitados de alegria e de lagrimas:

— Senhor!

O Senhor traz nas mãos um feixe de luz. Sorrindo, mansamente, o Senhor, com as suas próprias mãos, circunda a cabeça branca do velho com aquele feixe de luz. E diz:

— Santo Chico, o reino de meu Pai, tem muitas moradas. Esta, a que fica rente do trono, eu a construí e enfeitei para você. E isso, meu filho, porque tive fome e você me deu de comer, porque tive sede e você me deu de beber, porque andei sem abrigo e você me recolheu, porque estive nú e você me vestiu, porque caí enfermo e você me visitou.

Então, com espanto, diz seo Chico a Jesus:

— Senhor, quando te vi com fome e te dei de comer? quando te vi com sede e te dei de beber? quando te vi sem abrigo e te

recolhi? quando te vi nú e te vesti? quando te vi enfermo e te visitei?

Jesus aponta os pobres e responde:

— Em verdade, Chico, em verdade o digo: todas as vêses que você fez estas cousas a um destes meus irmãos pequeninos, a mim o fez. Viva, pois, de hoje em diante, e para toda a eternidade, na casa que eu construi e preparei para você. Viva nela com a *minha* paz...

Nisto o relógio bate cinco horas. Então, a um gesto de Jesus, um anjo, todo branco, aparece revoando na casa de seo Chico. Aparece ali, na cosinha, junto á tosca mesa de peroba, trazendo nas azas de prata um opulento estojo borrifado de pedrarias. Jesus toma daquele estojo. Abre-o. Dentro está um livro. É aquele livro velho que seo Chico leu durante cincoenta anos. E Jesus, sorrindo, mansamente, passa o livro velho ás mãos do seu eleito:

— Santo Chico, são cinco horas. Póde principiar a leitura...

CAPITULO VII

LE COEUR D'UN HOMME VIERGE...

Estou em S. Paulo, fiz os meus exames de admissão, frequento agora o Ginasio de Nossa Senhora do Carmo. Sou aluno dos excelentes irmãos maristas. S. Paulo, convenem lembrá-lo, não é ainda, nem por sombra, o S. Paulo que veiu a ser. Nem arranha-ceus, nem avenidas largas, nem bairros de residencias suntuosas, nem o milhão de habitantes, nem a envaidecedora selva de chaminés furando o azul. Nada disso. É uma cidade tristonha, garoenta, que tem no inverno os lampeões de gaz acesos até as nove horas da manhan. É cidade ainda provinciana, ainda caipirona, com os seus tilburis, com a sua velha Sé, com os seus becos,

com as suas ladeiras, mas que, apesar de tudo, futura capital de um bilhão e quinhentos milhões de pés de café, já principiava a agitar as azas para desferir o voo alucinante que, no curto espaço de trinta anos, soberbamente desferiu. Minha mãe veio morar no quarteirão mais antigo da cidade. Primeiro, na rua Tabatinguera; depois na rua das Flores. Aí vivemos, numa casa modesta, largo tempo. Da minha casa ao ginásio era pequena a caminhada. Todos os dias, durante seis anos, eu fiz essa caminhada. Seis anos que foram capitais na formação do meu espirito. Capitais pelo que aprendi em humanidades, capitais pelo que perdi em ideias religiosas. Eu havia convivido, na minha terra, com meninos rudes, de lingua destemperada, que sabiam cousas feias e contavam cruamente as cousas que sabiam. Em S. Paulo, porém, no ginásio, travei-me logo de camaradagem com uma turma de meninos bem mais desfreiados do que os meninos de minha terra. Meninos de

costumes soltos. Eles nem só *sabiam*, mas *faziam* cousas feias. Eram meninos, não é preciso dizer mais, que já frequentavam casas de meretrizes. Eu, até ali, era ingenuo e casto. Mas contaminei-me logo. Ai de nós, miseros rapazolas, que vivemos aí por 1900! Tenho a impressão de que os de hoje têm muito mais inocencia do que os daqueles tempos. Fruto, evidentemente, de educação mais cuidada e de religião melhor praticada. Aí por volta de 1900, no emtanto, cometiamos muitas misérias. Que fazer? Creio que não será necessario acentuar aqui a influencia de tal sordicia no meu coração. A carnalidade afogou no seu nascedouro aquella sementezinha de religião que despontára timida dentro de mim. Para a minha fé, já de pouco valia o collegio catolico em que eu estudava. Eu rezava, é certo, como os demais companheiros, a Ave-Maria que os bons maristas nos faziam rezar no intervalo das aulas. Ouvia, é certo, a lição de instrução religiosa que os bons maristas

todos os dias, pacientemente, nos davam. Que montava lá isso? Essas cousas já não deixavam grande sulco em meu coração. O meu instinto despeíara-se. Os bons maristas que falassem das doçuras do ceu... Eles estavam perdendo o seu tempo e o seu latim. Não havia ceu mais doce do que as mulheres. E dei, menino e moço, de me atolar com regalo no atascadeiro. No emtanto, por desgraça minha, mais do que os meus companheiros de collegio, muito mais, houve uma circumstancia forte, decisiva, que me arrastou sem tropeços para a impiedade. Foi, não ha duvida, o fator capital para que eu tão cedo perdesse a fé. O caso é simples. Eu tinha (já o disse) um irmão mais velho o logo acima de mim, hoje, felizmente, bom catolico. Ele fazia a esse tempo o seu curso de direito. Nós dormiamos no mesmo quarto. Era um quarto pequeno, pobre, escassamente alumiado por um bico de gaz. Tenho-o bem vivo na minha lembrança. Nesse quarto, á noite, é que se reu-

niam os amigos de meu irmão. Todos academicos, tremendos leitores, uns filósofos, outros literatos, outros juristas, outros poetas. Ferravam eles discussões de aluir ceus e terra. Eu ouvi aí, dos doze aos dezeseis annos, essas mil desabridas insolencias e vyperios que os escritores ateus arremesam contra a religião. Mais tarde, desafortunadamente, eu, ao envés de ouvir, iria lêr no original as barbaridades que então escutava. Naquele quarto, comtudo, presenciei as polemicas ferventes em que se engalfinhavam os estudantes. Principalmente as polemicas sobre determinismo e livre-arbitrio. O determinismo andava na moda. Os filósofos do meu quarto eram, quasi todos, deterministas. Porque? Já não me lembro mais porque. Mas ainda me lembro que, no entrechoque das suas variadissimas discussões, eles se referiam incessantemente a Kant. Referiam-se com veneração e desumbramento. E falavam muito em “categorias” e em “imperativo categorico”, pro-

nunciavam a toda hora a palavra “transcendental”, diziam coisas rebarbativas, para mim enormemente estranhas, a respeito de “tempo”, e de “espaço”. Falavam também, não muito, em Spinoza. Mas falavam com ardência em Rousseau e em Schopenhauer. Falavam, sobretudo, em Spencer. Andavam todos encharcadíssimos de Spencer e de evolucionismo. Em meio a isso, ou melhor, como remate a isso, liam em voz alta, fogosos e entusiasmados, os trechos os mais amalucados de Zaratustra. Eu ouvia aquilo tudo. A maioria das cousas que ouvia, está claro, eu as entendia pouco. Não importa. Lá ficavam elas esvoaçando, nebulosas, no meu cerebro desarmado e tolo de menino. As cousas que eu entendia bem, no entanto, essas se gravaram para todo o sempre dentro de mim. Hoje ainda as sei de cór. Naquele tempo, eu, ginásial, já exclamava enfatuadamente para os meus companheiros de classe: “o pecado é belo, a violencia é bela, tudo o que afirma a vida é be-

lo”. E arremessava-lhes em face, para os deslumbrar, com ar superior, aquela palavra blasfema de Voltaire sobre a morte de Cristo: “é Deus crucificando a Deus para aplacar a colera de Deus”. Crua perversidade a minha... Havia, é claro, entre os meus companheiros de ano, muitíssimos que eram ainda simples e ingenuos, que eram crentes, que não tinham filosofos ateus no seu quarto. Estes ouviam aquelas horrendas cousas e arregalavam largamente os olhos. Eu sabia que os escandalisava. Sabia, e, pedante, comprazia-me satanicamente em chocá-los. No entanto, desgraçado de mim, nada mais certo do que aquela palavra de Jesus — “todo aquele que escandalisar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fôra que lhe atassem em roda do pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar”. Mas eu acaso lá me importava com isso? Não. Eu me importava apenas em saber o que dizia Voltaire. Porque eu já ouvira, nas noitadas flamantes

do meu quarto, falar com fascinação do homem genial de Ferney, e de "Candide", e de "Zaire", e de "Merope", e, acima de tudo, daquele famoso e satânico estribilho "écrasez l'infame", com que Arouet chuçava os seus comparsas para a guerra contra a Igreja. Mas não era tudo. Havia ainda, peor do que os filosofos (pois esses, repito-o, eu os entendia pouco), havia ainda os escritores e os poetas. Os escritores não eram o meu forte. Sê-lo-iam, em breve, na Academia. Naquele momento os poetas é que me seduziam. Esses eu amava de coração. Seria enfadonho o enumerar nestas paginas os muitissimos poetas que li. Poetas de varias linguas. Uns liricos, outros parnasianos, outros impressionistas; outros não sei quê. Deixemos, porém, os Hugos, os Byrons, os Leconte, os Heredia, os Baudelaires, os Antonio Nobre, os Garretts, os Stecchetti, os Bilac, os Vicente de Carvalho, outros e outros, todo um mesclado ról de grandes e pequenos poetas, e falemos tão

somente daqueles que exerceram influencia real, incontrastavel, sobre todos os adolescentes do meu tempo. Dois dentre os poetas portuguezes, e um terceiro, francês, dentre os francêses, tiveram essa influencia. Fa-lemos portanto deles. Comecemos pelos portuguezes. Um foi o poeta da grande voga. Queridissimo. Não sei de nenhum outro que, no Brasil, se lhe tivesse avantajado em popularidade. Toda a gente o leu, toda a gente o declamou com ardor. O outro, porém, já não era assim. Contrastava fundamentalmente com este. Não andou jamais na berra. Poucos o conheciam. Era tido como o poeta das elites. Poeta alto e nobre, poeta dos espiritos que amavam as cousas profundas, e, por isso mesmo, no meu tempo de ginásial, tornou-se marca de bom gosto, sinal de superioridade, admirá-lo. Um foi o Guerra Junqueiro; o outro, Antero de Quental.

CAPITULO VIII

Guerra Junqueiro foi, realmente, o poeta adorado desses velhos tempos. As suas obras penetraram triunfalmente em todas as bibliotecas, todas, desde a biblioteca, solene e vistosa, do desembargador letrado, até a estante humilde, com tres brochuras amarelas, da costureirinha de bairro, A "Morte de D. João", "A Velhice do Padre Eterno"... Estes livros fizeram o encantamento do cenaculo do meu quarto, e, o que é o mais, o meu exaltado encantamento. Líamos aquelas paginas por entre risadas homericas. Os sarcasmos demolidores, verdadeiramente tremendos, que o poeta arremessava candentemente contra a Igreja aguilhoavam como acicates de fogo a irreverencia e a impiedade que já lavravam de

senfreadas em nossas almas. Estes livros — o que é o mau gosto duma epoca! — eram, para nós, os mais belos do poeta. Muito mais belos do que o “Os Simples”. O “Os Simples”, não obstante, é a poesia pura, poesia sem mescla, fresca e borboalhante, fundamente emocional, que decerto ficará imorredoura na lingua portugueza. Quem, acaso, leu a boeirinha, aquella

donairoza, linda boeirinha,

Grandes olhos garços, sorrisinho arisco,

e se esqueceu jamais da finura e da lindeza deste lirismo:

Loira, mas do loiro fulvo das abelhas:

Fresca como os cravos pelo amanhecer;

Brincos de cerejas presos nas orelhas,

Na boquita rosea tres canções vermelhas,

Na aguilhada, ao alto, uma estrellinha a arder!

Descalcinha e pobre, mas sem ar mendigo,

Nada mais esbelto, mais encantador!

Veste-a d'oiro a gloria do bom sol amigo,

O chapéo é palha que inda ha um mez deu trigo,

A saíta é linho inda ha bem pouco em flor...

No entanto, Deus meu, eu tenho até vergonha em confessá-lo aqui, o “Os Simples” não atiçava em nós aquela admiração e aquele entusiasmo que atiçava a poesia escachoante, bombástica, e, sobretudo, blasfema do poeta carbonario. Não havia para nós cousa mais deliciosa do que (como diziamos) “As piadas do Junqueiro”. Piadas... Ah, o mal que essas piadas fizeram a mim e aos da minha idade. Basta dizer aqui que, como piada que mais saboreávamos, estava aquela em que o poeta faz Voltaire, “o satiro divino, o monstro da ironia”, saltar do seu tumulto e ir á cata do Cristo, afim de que o Cristo, de frack e de monoculo, assistisse ás festas (que ele pinta irreverentissimamente) da Semana Santa. E como riamos a bom rir, gostosamente, quando declamavamos as truanices da “Circular” e os achincalhes á “Bençãam da Locomotiva”, e os farpados atrevimentos da “Resposta ao Silabus”... O mais curioso desses velhos dias, no entanto, é que nos

salões, nos festivais, nos teatros, nos lares, até nos lares os mais cristãos, o que marca bem uma época, recitava-se, já não digo com a condescendencia, mas sob o enternecimento e o enlevo de toda a gente (eu recitei inumeras vêses) aquelas bombasticas e hugoanas estrofes da “Caridade e a Justiça”, que são a blasfemia nua. Esse poemeto foi, com o “O Melro”, o grandioso, o magnifico, o triumphal poemeto do meu tempo. Eu tenho ainda na memoria o trecho dramatico, o final, que arrancava de todas as plateias ovações de sacudir paredes. Era quando Jesus, no Calvario, pregado á cruz, ao morrer diz a Judas:

Traidor, concedo-te o perdão.

Além de meu carrasco, és inda meu irmão...

Judas escuta a voz amiga do mestre. A voz que o perdôa. Mas repele-a. E então:

Erguendo-se viril, soberbo, extraordinario,
Esclamou:

— Não aceito a tua compaixão.

A Justiça dos bons consiste no perdão.

Um justo não perdôa. A justiça é implacavel.
A minha ação é infame, hedionda, miseravel;
Preguei-te nessa cruz, vendi-te aos Fariseus.
Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tú um Deus,
Vais ver como esse monstro, ó pobre Cristo nú,
É maior do que Deus (sic), mais justo do que tu:
Á tua caridade humanitaria e doce,
Eu prefiro o dever terrivel! E enforcou-se.

Junqueiro morreu, era eu já moço feito, contritamente voltado para as cousas espirituais. Morreu com o coração erguido para o Cristo. O livro que deixou, postumamente publicado, *Caminho do Ceu*, e o estudo que, prefaciando-o, João Grave escreveu belamente sobre o poeta, revelam a tormenta religiosa que, nos ultimos anos, sacudiu o fragoroso bombardeador da igreja catolica. Mas não havia mistér do "*Caminho do Ceu*", para que se soubesse que aquella alma grande fôra revolucionada pelo an-

seio do infinito. Precocemente chegado pelo sofrimento ao ocaso da vida, diz ele em certa "Nota" inserta em um dos seus livros, "atravessei ha anos um periodo agudo, bem doloroso e numa anciedade inenarravel, senti-me electrizado como por encanto de energias subitas. O problema do "além" (como por agora se diz) impunha-se, dilacerante e devedor á minha natureza inquieta de religioso e de metafisico." Esse problema do "além", realmente, acutilára sempre o revolucionario. Como Musset, Junqueiro bem podia dizer — malgré moi, l'infini me tourmente. Nas suas investidas de demagogo, em meio de bombardas chamejantes que atirava, ha de quando em quando isto:

Existe um iman — Deus — occulto no infinito.

Obedece-lhe sempre, invariavelmente:

Torna-te um pensador; e, mais ainda, um crente.

Tem dois polos a alma — a crença e a razão.

A crença é o luar da nossa intuição;

Onde a razão acaba, a crença principia.

O poeta acreditava em Deus. E nem só em Deus. Acreditava na imortalidade da alma, na vida futura, e, o que é muito interessante, acreditava no ceu e no inferno, naquele mesmo ceu e naquele mesmo inferno de que tão virulentamente escarnecêra. Eis o que ele diz em um dos seus livros mais vermelhos:

Ó crentes, como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal,
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.

.....

Sim, creio que depois do derradeiro sono
Há-de haver uma treva (sic) e há-de haver uma
[luz (sic)]

Para o vicio que morre ovante sôbre um trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz.
Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que há-de guardar, por sua propria mão,
Numa jaula de ferro a alma de Locusta,
Num relicário d'oiro a alma de Platão.

Está claro que nós, rapazolas de ginásio, não nos dávamos ao trabalho de refletir sobre esses versos, nem sequer atentávamos sobre esses pedaços de confissão que surgiam, aqui e ali, por entre as marretadas arrazadoras do arieteiro feroz. Não víamos que esses versos deixavam, como clareiras, entrever o que ia no amago da *selva selvaggia* daquela alma. Mas nós víamos, e ríamos, e nos encantávamos com a “Sesta do Senhor Abade”, e o “Como se faz um Monstro”, e “Vala Commum” onde havia isto que era para nós um regalo:

Gozar, sem medo á vida eterna,
Toda esta bela patuscada,
Desde a luxuria mais moderna
Á gula mais civilizada,

E ao terminar tam bom fadário
Morrer, ouvindo alguns latins,
Com treze quilos do calcario,
— Onze na alma, e dois nos rins:

E, na mais íntima harmonia
Com Satanás e com Jesus,
Ir para a cova á luz do dia,
De farda rica e de gran-cruz,

E, entre tocheiros deslumbrantes,
Ser bem comido e bem jantado,
Por alguns vermes elegantes,
Num gabinete reservado...

Não é necessario comentar. O pão lírico que nos alimentava, não ha duvida, tinha a codea loura e bela. Mas era só a codea. O miolo vinha perigosamente envenenado. Ai de nós, meu amigo, os da geração de 1900...

CAPITULO IX.

Antero do Quental... O santo Antero, repare nisto, amigo, o santo Antero, como o apelidava reverenciosamente o Eça. Esse era para nós o poeta profundo, o poeta filosofo, transcendental, o despejado de lirismo e pieguices, o rapsodo das especulações altas e nobres do pensamento. Ah, era o vate que, ao envés de inspirar-se na covinha do rosto da namorada, cantava com altissonancia esta cousa enorme: “a Ideia”. Sim, a Ideia! E ficavamos em extase quando declamavamos:

Mas a Ideia quem é? quem foi que a viu,
Jamais, a essa encoberta peregrina?
Quem lhe beijou a sua mão divina?
Com seu olhar de amor quem se vestiu?

.....

E, no entanto, oh, alma triste, alma chorosa,
Tú não tens outra amante neste mundo
Mais que essa fria virgem desdenhosa!

Mas não era só a ideia. Havia outras
alevantadas cousas que santo Antero can-
tava ao som daquela sua austera lira. Es-
sas alevantadas cousas podiam se resumir
neste verso:

A ilusão e o vasio universaes

Pois Antero pregava, como fim supre-
mo, como fim unico a que um homem pen-
sante devia apaixonadamente ambicionar,
este ideal de peregrina beleza: o “Não-
ser”, o “Nada”, o “Nirvana”. Eis porque,
no nosso quarto, quando discutiamos a pro-
fundidade do poeta, logo um principiava:

Só quem teme o Não-ser é que se assusta...

e, na nossa admiração, lá iamos soneto afó-
ra, lá iamos, cheios de respeito, por aque-

les versos soturnos como um canto chão, até o fecho de ouro:

Talvez seja pecado procurar-te;
Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-ser, que és o ser único, absoluto.

E Oliveira Martins, aquele mesmo que nos legou imortalmente a Historia da Republica Romana, e, na Historia da Republica Romana, o triunfo esplendente de Paulo Emilio, livro e pagina que são das cousas maiores e mais serias das letras lusas, o eminente Oliveira Martins, ai de nós, rapazes de 1900, comentando a *filosofia* do santo Antero, e, com a sua autoridade, elevando o poeta até os pincares, dizia-nos enormidades como estas: “Que especie de paz era essa em que o coração do poeta descansava”. Era o Nirvana. O Nirvana é o ceu do budismo, a religião mais filosofica e menos fantasmagorica inventada pelos homens. É por este motivo que o budismo atráe hoje em dia todos os espiritos a um tempo racionalistas e misticos, desta época

em tudo semelhante á alexandrina, menos no volume do saber positivo que já se não compadece com muitas das teorias sobre que os néoplatonicos especulavam. A teoria da Substancia levou-os a eles a uma concepção do Ser que produziu o mito do Verbo cristão, encarnado popularmente em Jesus Cristo. Ora hoje tudo isso vale apenas como documento historico, e, por paradoxal que isto pareça, o Não-Ser é, segundo a metafisica contemporanea, a essencia de tudo o que existe.

O Nirvana... E porque aspirava o poeta ao *Nirvana*? Porque um ateu não póde aspirar a outra cousa sinão ao *nada*. Ateu? Sim, ateu. Santo Antero negava a existencia de deus. Negava-a num soneto que achavamos "imenso":

Erguendo os braços para o céu distante,
E apostrofando os deuses invisíveis,
Os homens clamam: "Deuses impassíveis,
A quem serve o Destino triunfante,
Porque é que nos creastes?..."

.....

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada, do que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes?"
Mas os deuses, com voz inda mais triste,
Dizem: Homens porque é que nos criastes?

Negava o poeta apenas a existencia de
deus? Não. Santo Antero negava a de
Deus.

Já provamos os fructos da verdade...
Oh Deus grande, oh Deus forte, oh Deus terrivel:
Não passas duma van banalidade!

Negava a Deus. Negava ao Cristo.
Por ele, pelo santo Antero, nós sabiamos
que o Cristo já não era mais o ideal. Já
não satisfazia mais a humanidade sedenta
de luz. Tornava-se necessario procurar
outro caminho, outra fonte, além do Cristo.

Palido Cristo, a custo agora a tua mão tão doce
Incerta nos conduz...

e, por isso,

Força é pois ir buscar outro caminho!
Lançar o arco de uma nova ponte
Por onde a alma passe — e um alto monte
Aonde se abra á luz o nosso ninho

.....
Doce e brando era o seio de Jesus.
Que importa? Havemos de passar, seguindo,
Se além do seio dele houver mais luz!

Dizer que liamos e nos exaltavamos com o que aí está! E, peor ainda, dizer que Oliveira Martins, esse amado idolo do nosso culto, ao comentar tais cousas, assim aguilhoava a nossa admiração: “Quem diante d’esses versos não sentir elevar-se-lhe o espirito, como n’uma oração, áquela especie de Deus que é compativel com o seu temperamento ou com o estado de educação do seu pensamento, é porque tem dentro do peito, no lugar do coração, um seixo polido e frio. Quem, ao meio do lidar da vida, pousar o olhar da alma sobre um

lestes sonetos e não sentir o que os sequiosos entem ao encontrarem um arroio de agua limpida, é porque tem a alma feita apenas e egoismo. Quem, etc etc....”

Ai de nós, meu amigo, os da geração e 1900... No entanto, em meio a tanto verso blasfemo, em meio áquele cáos de duvidas e de desesperos, que bem reflete o tormentado coração do poeta filosofo, eis que brota de repente da sua lira, incompreensível, verdadeiramente desconcertante, um soneto como este que, pela finura, pelo sentimento poetico, pela alta belêsa mistica, não haverá muitos que o igualem na lingua portuguêsa:

Á VIRGEM SANTISSIMA

(Cheia de graça, Mãe de Misericordia)

N'um sonho todo feito de certeza,
De nocturna e indizível anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Talvêz fosse por causa desses versos, ou melhor, talvêz fosse por causa dessa tão sentida e tão linda prece á Virgem, que o ceu se condoeu de Antero do Quental: pois o angustiado poeta do Nirvana, o torturado do além, ao morrer, como fecho da sua obra, deixou este soneto final, tão desconcertante como o soneto á Virgem, que esboroa e desfaz a essencia mesma de todos os seus poemas:

NA MÃO DE DEUS

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Desci a passo e passo á escada estreita.

Como as flores mortaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A forma transitoria e imperfeita.

Como criança, em lobrega jornada,
Que a mãe leva no collo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Que critico haverá por aí capaz de explicar esses versos que lá estão perdidos na obra do poeta? Não sei. Nós, comtudo, nós, em 1900 não os explicavamos. Nem nos importavamos com eles. Nós nos importavamos, isso sim, com o *Nirvana*:

Só quem teme o Não-ser é quem se assusta...

CAPITULO X

Para ser exáto, para dar um testemunho fiel do meu tempo, eu tenho forçadamente que falar aqui, embora muito pela rama, do poeta que é o mais enternecedor e o mais sedutor de todos os poetas. Daquelle cujo saboroso lirismo, comovedoramente humano, despertou, desperta, despertará sempre um deslumbrado fascínio no coração de todos os adolescentes. Quero falar de Alfredo de Musset. Quero falar do cantar das “Noites”. Daquelas Noites, que, ao entrarmos na vida, todos nós declamamos cheios de entusiasmo e bebados de sonho. “Nuit de Mai...” Quantas vêses não a disse de cór toda inteira?

Poète, prends ton luth et me donne un baiser.

.....
 Ce soir, sous les tilleuls à la sombre ramée,
 Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux :
 Ce soir tout va fleurir : l'immortelle nature
 Se remplit de parfums, d'amour et de murmure
 Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.

E a “Nuit d'Octobre?” Com que
 paixão, chorando com o poeta, não diziamos
 então para a “Musa”:

C'était un mal vulgaire et bien connu des hommes.
 Mais lorsque nous avons quelque ennui dans le coeur,
 Nous nous imaginons, pauvres fous que nous sommes,
 Que nul autre avant nous n'a senti la douleur.

.....
 L'homme est un apprenti, la douleur est son maitre,
 Et nul ne se connait tant qu'il n'a pas souffert.

Mas não é do lirico das “Nuits” que
 eu quero falar. Eu quero falar aqui do
 poeta da descrença. Daquele que se pro-
 clamava, num verso celebre “le moins cré-
 dule enfant de ce siècle sans foi”. Quero
 falar do cantor insolente de Jacques Rolla.

Esse poema, que é um doloroso tecido de impiedades, arrebatou a nós todos. Aquele Jacques Rolla...

Ce n'était pas Rolla que gouvernait sa vie.
C'étaient ses passions. Et il les laissait aller
Comme un pâtre assoupi regarde l'eau couler.

Rolla é um desgraçado filho do seu tempo. Filho espiritual de Voltaire.

Vois-tu, vieil Arouet? etc.

Rolla é filho espiritual de Voltaire como o proprio Musset o foi. E por isso o poeta encantador, devastado pela descrença, clamava, diante da imagem do Cristo, estas enormidades que nós, os do meu tempo, repetiamos com emoção, e, mais do que emoção, enlevados pela coragem e desassombro do miserando que as lançava:

O Christ, je ne suis pas de ceux que la prière
Dans tes temples muets amène à pas tremblants:
Je ne suis pas de ceux qui vont à ton calvaire.
En se frappant le coeur, baiser tes pieds sanglants;

Et je reste debout sous tes sacrés portiques,
Quand ton peuple fidèle, autour des noirs arceaux,
Se courbe en murmurant sous le vent des cantiques,
Comme au souffle du nord un peuple de roseaux.

Desgraçado Musset... Viveu, como todas as almas grandes, agoniado pela ideia de Deus. “Dieu parle, il faut qu’on lui reponde.” Creio até que não haja existido outro poeta de seu porte que fosse tão agoniado por essa ideia como ele. Lêde “*L’espoir en Dieu*”. Lêde isto:

Je ne puis; malgré moi l’infini me tormente;
Je n’y saurais songer sans crainte et sans espoir;
Et, quoi qu’on en ait dit, ma raison s’épouvante
De ne point le comprendre et pourtant de le voir.

E Musset morreu, desesperadamente debruçado sobre a palavra de Cristo. Sobre aquela palavra que, ela só, é a palavra da vida eterna. Sobre aquela palavra que, ela só, é fonte saciadora de agua viva. A unica que mata esta sêde do infinito que vive, torturante, nas almas belas e fidal-

gas. No final dos seus dias, desmoronado e doente, nestes versos apunhalantes, versos dum tom e duma desolação que fundamentalmente pungem, ele dizia:

J'ai perdu ma force et ma vie,
Et ma jeunesse et ma gaité.
J'ai perdu jusqu'à la fierté.
Qui faisait croire à mon génie.

No emtanto, como consolo a esse desespero, como consolo a esse total desbarato, ele sabia bem o poeta, pois já o havia dito:

O ma muse, ne pleurez pas:
À qui perd tout, Dieu reste encore

E' verdade: "à qui perd tout, Dieu reste encore". Senti de perto a verdade do que aí está quando, mais tarde, muito mais tarde, li, extraído de uma carta intima, escrita por amiga do poeta, este episodio, tão doído e despedaçante, que pinta ao vivo o fim daquela alma:

“Certa dama catolica, visitando o quarto do poeta, pouco tempo após á sua morte, deparou sobre um movel com um exemplar do Evangelho, muito usado. A velha creada de Alfredo de Musset, como visse a dama a reparar no volume, exclamou: “oh, minha senhora, este livro! Eu não sei o que é que meu patrão achava nele. Mas o pobre tomára-se de paixão por esse livro. Nos seus ultimos dias, para tê-lo de noite ao alcance de sua mão, o meu patrão o colocava debaixo do travesseiro. E muitas vêses, senhora, eu o encontrei chorando sobre este livro” Eis aí. Que é que se passou com o poeta? Que significavam tais lagrimas derramadas sobre essas paginas de misericordia e de amor?

Voltaire, ao fim da vida, naqueles mesmos dias retumbantes em que, no teatro, representando-se Irene, foi pelos homens do seculo, deslumbrantemente coroado de rosas, Voltaire *mandou* chamar o padre Gautier para que o ouvisse em confissão.

O padre ouviu-o. Mas exigiu, aliás muito justamente, que o tremendo e feroz zombador, nem só por palavras, mas por escrito, fizesse profissão de fé catolica. Voltaire não concordou. E morreu, desgraçadamente, sem receber a absolvição. Se Voltaire chamou um padre para confessar-se, Voltaire, o duro e cru Voltaire, que mal haveria em que um discipulo do mestre, discipulo tão doce, tão lirico, tão sensivel como Musset, tenha tambem se confessado, e mais do que o mestre, recebido a absolvição? Eis porque não ha de certamente maravilhar a ninguem, mas muito consola a nós, crentes que amamos o poeta, lêr na *Vie de Berryer*, escrita por Lacanuet, isto: "O padre de Mauléon declarou solenemente haver confessado a Alfredo de Musset no seu leito de morte". Mas essas cousas, meu amigo, eu só as soube tarde. Essas cousas, quando eu as li, já me não valeram de muito. Com as leituras que havia feito, más e hereticas, eu me tornára impio.

CAPITULO XI

Impio varei os seis anos de ginásio. Ao cabo deles, meu amigo, eis o quadro de minha vida: era filho de uma excelente mãe catolica, frequentava uma escola perfeitamente catolica, continuava, todos os dias, a rezar uma ave-maria no intervalo das aulas, ouvia como de costume a liçãozinha de catecismo que os bons maristas ensinavam, comtudo isso eu era um impio. Absolutamente impio. Pois, meu amigo, que importava lá tudo isso, o lar, o collegio, a reza, o ensinamento cristão para o pedante que apregoava aos quatro ventos, com ufania, fanfarronamente, insolentemente, que “o pecado é belo, a violencia é bela, tudo o que afirma a vida é belo”? Meu coração adolescente fôra medonhamente

poluido. As sujeiras que o mancharam haviam tombado no fundo, bem no fundo, e, já agora, podia a agua do oceano passar por ele que não mais lhe lavaria as nodoas. Grande verdade, oh, meu amado e desgraçado Musset, o que tu disseste:

Le coeur d'un homme vierge est un vase profond;
Lorsque la première eau qu'on y verse est impure
La mer y passerait sans laver la souillure,
Car l'abîme est immense et la tache est au fond.

Terminei o curso. Bacharelei-me. Antes de bacharelar-me, comtudo, os irmãos maristas conseguiram do Prior da Ordem Terceira do Carmo que, a titulo de recompensa, fossem convidados para irmãos da Ordem, e isto sem pagar nenhum emolumento da praxe, quatro ou cinco alunos que se houvessem melhormente distinguido durante o curso. Eu fui o primeiro convidado. Aceitei. Aceitei com inconsciente ligeireza. Aquilo, para mim, para a minha mentalidade leviana, não signifi-

cava nenhum ato religioso. Absolutamente. Aquilo era uma especie de medalha de ouro com que se me galardoavam os esforços de bom estudante. Aceitei a medalha de ouro. Tornei-me assim — verdadeira irrisão dos fados! — tornei-me assim irmão do Carmo. No dia da minha entrada, comtudo, ao vestir o habito de noviço, ali, diante do altar, em meio á bela solenidade, muito tocado pela avassaladora religiosidade do ambiente, eu fiquei profundamente comovido. Recolhi-me. Arrependi-me. Mais ainda: chorei. Sim, chorei. E, na minha emoção, com as lagrimas turvejando nos olhos, fiz propositos altos. Propositos santos. Pensei seriamente em levar a peito os meus deveres de cristão. Em renunciar aquelas impiedades que anlavam esfervilhando dentro de mim. Em ser bom. Em ser humilde. Em ser cristão. Cristão como minha mãe era cristan. Passei varios dias grandemente revolucionado. Mas, ai de mim, foram apenas “varios

dias”. A semente, como conta a parábola, tombára em chão pedregoso onde havia pouca terra. Brotou, é verdade; mas como a terra era pouca, veio o sol, queimou na raiz. Dias após, peguei de faltar ao meu noviciado. Atirado no meio dos filósofos e poetas do meu quarto, eu já esquecêra os meus propositos altos e santos. A doutrina do Cristo, novamente, voltou a ser para mim uma doutrina bôa para mulheres e para fracos. “Eu amo aqueles que só sabem viver em perigo”. “Vive perigosamente”. “Jesus morreu muito cedo; se tivesse atingido a idade madura, certamente ele mesmo teria modificado a sua doutrina”. Assim falava Zaratustra.

CAPITULO XII

Bacharelei-me. Estava firmemente resolvido a ser advogado. Tratei, pois, sem mais delongas, de matricular-me na Faculdade de Direito. Mas quiz, logo de entrada, galgar um ano. Requeri então (nesse momento permitiam-se cousas dessas) que me fosse concedido, embora não houvesse frequentado, fazer exame “vago” do primeiro ano. Queria dizer: exame de segunda época, em Março, e, o que é o importante, nem só com a materia lecionada pelo lente durante o ano (era apenas o que se exigia) mas com a materia toda constante do programa. Nesse fim de ano, portanto, não tive ferias. Atirei-me arduamente aos livros. Dia e noite, com furia, peguei de destrinçar aquele cipoal, para mim bastante emaranhado, do Direito Romano e da Filosofia do Direito. Foi, então, em meio

a essas afadigadas labutas, foi em meio áquelas penosas noites varadas em cima dos compendios, que, é curioso, me aconteceu ás subitas um caso realmente chocante. Caso que hoje, volvidos tantos anos, me força a refletir sobre ele com seriedade. E' que estava eu, certa tarde, a lêr com funda atenção uma pagina, aliás viva e interessante, sobre o conceito da *equitas* no Direito Romano. Tinha sob os olhos (lembro-me com todos os detalhes) o volume do professor, e mais tarde, grande e estremecido amigo meu, Dr. Reynaldó Porchat. Vai sinão quando, em meio á leitura, sem que houvesse razão plausivel, sem que ocorresse motivo algum que justificasse succeder o que então succedeu, sem que nenhuma circumstancia, sem que nenhum vocabulo, sem que nada, absolutamente nada despertasse em meu subconsciente uma associação de ideias que o explicasse — eis-me de improviso, extraordinariamente, em minha terra natal, na igreja,

diante do altar-mór. Ergo os olhos suplices para a Virgem. Lá em cima, no seu nicho, sorria Nossa Senhora, linda, linda, com o Menino nos braços, um resplendor cintilando-lhe á cabeça, o manto azul-celeste borrifado de estrelas de prata.

Digo-lhe:

— Eu, quando ficar homem, serei padre!

Fiquei seriamente conturbado. Tirei os olhos do livro, e, o coração voltado para minha infancia, quedei-me a cismar na extranha e bôba promessa. Eu, quando ficar homem, serei padre. Aquilo deu de bailar no cerebro. Porquê não? Eu devia ser padre. Devia cumprir a promessa feita á Virgem. A promessa, é verdade, havia sido feita sob a condição, bem estipulada e bem formal, de que o seu, quando eu fosse procurar as minhas endiabradas vacas, me ajudaria a descobrí-las, com facilidade, no pasto. A condição não se cumpriu. Mas eu, não sei porquê, não dava a menor aten-

ção ao inadimplemento da clausula contractual. Que montava lá isso? Eu só evocava, eu só sentia a beleza da minha promessa. A beleza e a coragem do meu rasgo:

— Eu, quando fôr homem, serei padre!

Não pude continuar o meu Direito Romano. Fechei o livro. E passei a tarde inteira com aquela ideia azucrinando-me. Quando ficar homem serei padre. Sim, vou ser padre. Porque não? Vou ser padre. Á noite, no meu quarto, a sós comigo, a mesma, enrodilhante obsessão. Vou ser padre. Porque não? Minha mãe ha de ficar contente. Aquela ideia, teimosa e avassaladora, não me saía mais da cabeça. Instalára-se encaprichadamente diante de mim. Vou ser padre, vou ser padre, vou ser padre. Ideia tenaz e implacavel. Não pude dormir agoniado por ela. Revirei-me nos lençóes o que deu a noite. No outro dia, cedo ainda, ao pular da cama, tinha

assente no meu coração sopitoso, assente com firmeza, esta resolução grave:

— Vou ser padre.

E não estive com meias medidas. Saí de casa e fui ao ginásio. Falei com o diretor. O diretor era o Irmão Exuperancio. O bom marista, ao ouvir-me, ficou bastante surpreendido. Mas encantou-se logo com o que ouviu, e, sem mais enleio, naquela mesma hora, rumou comigo em direitura á Avenida Tiradentes, onde outróra existia o Seminario Diocesano. Tivemos aí uma entrevista com o Padre Maximiano, então reitor, que nos escutou com solícitude. Não posso dizer que o Padre Maximiano tivesse sido frio conosco, mas também, verdade se diga, não mostrou ele maiores entusiasmos. Foi cauteloso e reservado. Combinou conosco, entretanto, que, naquele mesmo dia, á tarde, fossemos ter com o arcebispo metropolitano, D. Duarte Leopoldo, com quem ele proprio, antes de nós, haveria também de se entender. Á

tarde fomos ao Palacio Arquiepiscopal. D. Duarte conhecia bem a minha familia. Conhecia e prezava muito, notadamente, a minha mãe que era excelente catolica. O bondoso arcebispo, esse homem illustre e réto, que altamente dignifica o clero paulista, acolheu-me com inesquecivel carinho. Ouviu-me, e, lhanamente, claramente, mostrou-se muito jubiloso com a minha decisão. Facilitou tudo. Aconselhou-me. Abençoou-me. Disse-me palavras muito saídas do coração. Os meu olhos embaciaram-se de lagrimas. Saí do Palacio emocionadissimo. Tornei ao Seminario, falei de novo com o reitor, recebi a lista do enxoval, e, matriculado sob o numero 18, fiquei certo de, regularizados uns papeis que devia exhibir, tornar ao Seminario dentro de dez dias, definitivamente, afim de coparticipar do retiro espiritual que teria lugar ao cabo desse prazo. Voltei para casa. Em casa contei a imensa noticia. Foi então que estorou a bomba. Que estouro! Minha mãe, é ver-

dade, exultou de alegria. Que contentamento! Eu não podia ter dado á bôa velha noticia mais radiosa. Ter um filho padre, um filho sacerdote da sua religião, um eleito do seu Cristo, era dadiva imensa, graça divina, gosto supremo que ela dizia não merecer. Mas foi apenas a minha mãe quem se alegrou com a noticia. Os meus companheiros, os amigos, os filosofos do meu quarto, puzeram-se todos a chasquear impiedosamente de mim e a ridicularizar sem dó a minha (como diziam) maluquice. Padre? Você está de miolo mole, rapaz! Padre? Você? E eram risadas sobre risadas. Um dos meus irmãos, sobretudo, o mais velho de todos nós, o que fazia por esse tempo o papel de chefe da familia, esse se opoz de maneira cabal e terminante á minha resolução. Padre? Você está louco? Isso é bom para os pobres de espirito. Mas você? Largue mão de bobagem, menino! Trate de ser advogado, isso

sim, trate de casar-se, de ser homem, de dar gente na vida. O que é que vale um padre? Nada. O que é um padre? Um castrado. Ouviu bem? Um castrado! Oh, meus amigos, oh, meu irmão, pobres cegos que ereis... Cegos que querieis conduzir outro cego. Pois não podieis, hoje eu bem compreendo, aconselhar-me cousas boas porque tinheis o coração cheio de cousas más; e do que está cheio o coração é que a bôca fala. Que é o padre? Um castrado. E' verdade. O termo que foi usado, termo tão marcante, de que me lembro com tanta nitidez, termo que se cravou tão ao vivo no meu coração, é, na verdade, o termo certo. Eu recordei-me dele, mais tarde, surpreendidissimo, quando o encontrei, tal qual, na bôca divina do proprio Cristo: "... porque ha castrados que assim nasceram do ventre de sua mãe; ha castrados que foram castrados pelos homens; mas ha castrados (ouví, meus amigos!) que a si mesmo se castram por amor de mim. Quem pode ser

capaz disso, seja". E para alguém ser capaz disso, meus amigos, para que alguém tenha a masculina coragem de castrar-se pelo Cristo, é preciso, saibam-no bem, é preciso que o homem enfrente com desassombro, intrepidamente, risadas e achincalhes. E' preciso vencer, peito a peito, lutas cruéis. E' preciso que o filho corte com seu pai, que a filha se arranque de sua mãe, que o irmão brigue com seu irmão. E' preciso a guerra. "Não julgueis que eu vim trazer paz á terra; não vim trazer a paz mas a espada, porque vim separar o filho e o pae, a filha e a mãe, a nora e a sogra. E os inimigos do homem serão os que moram na sua propria casa..."

Naquele momento, desgraçadamente, naqueles dias tumultuosos para a minha alma, eu não conhecia essas palavras austeras de Jesus. Hoje eu sei também, amigo, que muitos serão chamados e poucos serão os escolhidos. Eu fui um dos chama-

dos. A voz de Deus ecoou no meu coração. Mas eu levava no peito um coração conspurcado demais para sentir a beleza daquela voz e acorrer á beleza daquele chamado. Fraquejei. Mas não culpo aos que me atiraram chufas e sarcasmos. Não culpo. Fraquejei, eis a dura verdade, porque eu era um coração sem fé. Porque aquele assomo não passava de impeto inconsiderado, sem base, porque vinha de uma alma onde não morava o Cristo. O impeto arrefeceu. Passou. No *fim* dos dez dias, quando, no Seminario, ao iniciar-se o retiro, fez-se a chamada dos novos seminaristas, o numero 18 não respondeu. Estava ele, o covarde, muito longe dali, muito longe, debruçado sobre livros de Direito Romano e de Filosofia do Direito...

CAPITULO XIII

Janeiro... — A minha fraqueza não podia ter outra consequencia sinão a que teve: arredar-me com violencia da igreja. Arredado dela, não ha duvida, eu já andava ha muito. Aquela historia de noviço do Carmo, comtudo, havia quebrado um pouco o meu arredamento. A deserção do Seminario, porém, deserção áquele tão claro chamamento do alto, veiu arrancar do meu coração os tenues liames que principiavam de novo a ligar-me ao Cristo. Entrei num curioso estado de alma. Curiosissimo. E' que não suportava mais penetrar numa igreja; tinha vergonha. Vergonha, sim senhor! Não suportava erguer os olhos para o Cristo ou para imagem de santo; tinha a impressão de que os olhos do Cristo

ou os olhos de santo, cruzando-se com os meus, cravavam-se fundo no meu coração, e, frios, alanceadores, exprobravam duramente a minha fraqueza. E eu tinha vergonha. Abaixava a vista. Sentia estranho mal estar. Para acabar com aquilo, liquidar de vês com aquele mal-estar, ou, antes, vá lá a palavra! — para sufocar o *remorso* que me atenazava por haver tão covardemente fraquejado, resolvi não mais pisar em igreja alguma. Deixei então, definitivamente, de comparecer ao noviciado do Carmo. Larguei mão de todas *aquelas carolices*, como dizia. Nada mais de missa, nada mais de padre. O mundo era belo. Havia nesse mundo teatros, bailes, restaurantes. Havia também muitas mulheres, oh, muitas mulheres. De par com isso, para encantamento da minha mocidade, loucas patuscadas folionas com companheiros descabeçados. Atirei-me á vida com sofreguidão. Atirei-me, sobretudo, ás mulheres. Nesse torvelinho, em que doidejei

ás soltas, sem fé e sem Deus, eu, em lugar de encontrar estorvos, dei de prosperar com facilidade na vida. Prestei os meus exames, passei, matriculei-me no segundo ano da Faculdade de Direito. Fôra uma vitoria, séria. Com a vitoria que largamente me alegrou, consegui logo um lugar de professor no Ginásio Arquidiocesano. Consegui tambem, dias após, um lugar de professor na Escola de Comercio do Braz. Dava aulas pela manhã e á noite. Dinheiro, bem se vê, não me faltava mais. Mas não vivia satisfeito com essas prosperidades. Carecia-me ainda realizar um sonho. Ser jornalista. Sobejavam-me algumas horas livres durante o dia, e, para enchê-las, eu sonhava ardentemente trabalhar na redação de um jornal. Mas eu não travára ainda amizades nas redações, e, muito menos, amizades com diretores de jornal. Para mim, naquele tempo, um diretor de jornal era personalidade inatingivel. Que fazer? Surgíra, não ha muito, em meio á afogueada batalha presi-

dencial Hermes-Ruy, um vespertino atrevido, A TARDE, cuja atitude desabusada fizéera época. Certo dia eu subi as escadas desse jornal e apresentei-me ao diretor. Disse-lhe que era estudante, precisava de trabalhar, buscava trabalho na redação de um jornal. Podia ser critico literario. O diretor olhou-me de alto a baixo, analisou o meu geito, tamborilou os dedos na mesa. E afinal:

— Na redação não ha vaga. Mas ontem appareceu aqui um dos meus revisores. Eu tenho dois revisores lá em baixo — e avisou-me que ia deixar o lugar. O senhor quer ser revisor?

Está claro que, professor em duas escolas, não me premia necessidade alguma de, para ganhar a vida, ser revisor. Mas fiquei tentado pela proposta. Achei mesmo graça na proeza. Não se me afigurava desinteressante, francamente, o conhecer de perto, por um dia que fosse, o *bas-fond* de um jornal. Respondo de pronto:

— Perfeitamente. Já que não ha vaga na redacção...

— Pois o lugar é seu. Pode começar amanha.

Passei ali, com a maior sem-cerimonia, de critico literario a revisor... A diferença, bem se vê, não era assim tão pequena. Mas que importava lá isso para aquele cabeça-no-ar que eu era? A cousa cheirava-me a aventura; e isso bastava-me. No outro dia principiei o trabalho. Principiei e não gostei. Achei deprimente. Eu — um academico, eu, um poeta! — ali, no porão de um jornal, com originaes de “oferece-se” e “procura-se” na mão, enquanto o meu companheiro, sentado á minha frente, lá ia, com pachorra, lendo em voz alta e corrigindo as provas. Era duro. Não me conformei. Carecia revelar ao diretor *quem eu era* (!). Carecia que o diretor tivesse debaixo dos olhos, bem evidente, a prova real da minha *personalidade*. Escolhi então tres poesias, dentre um rol

de poesias que já havia feito, copiei-as cuidadosamente, copiei-as com a letra a mais caprichada deste mundo — que medo eu tinha que o diretor não lesse bem a minha letra! — e lá me afoitei até o gabinete do grande homem e, apresentei-lhe as tiras, e, muito modestamente (caso lhe sobrasse tempo, está visto, caso não lhe fosse incomodo, que desculpasse a minha ousadia, não havia pressa) roguei-lhe que me dissesse alguma coisa sobre aquelas *poesiasinhas* que compuzera.

— Deixe a versalhada aí, rapaz. Depois eu verei isso.

Versalhada... Não era gentil. Mas que fazer? Deixei a *versalhada* sobre a mesa e saí. Passou-se uma semana. Nem uma palavra do diretor. Eu estava enfiado. Enfiado e, o que é mais, desgostosissimo com a revisão. Aquele trabalho não me servia. Não estava á altura dos meus merecimentos. Assentei de deixá-lo ao fim da semana. E só ao fim da semana,

porque ia dar-se um acontecimento serio: o jornal festejava seu primeiro aniversario. Preparava-se uma edição de arromba para comemorá-lo. Foi então que, ao virem as primeiras provas da tal edição, o meu companheiro de mesa, ao reparar nelas, ergueu para mim uns olhos transbordantes de surpresa:

— Como é que você se chama?

— Ora essa! Você diz o meu nome a toda hora.

— Paulo Setubal?

— Naturalmente.

O entontecido revisor como que não queria acreditar. Atentou melhor nas provas, tornou a olhar-me e, com a mesma surpresa, insistiu:

— Mas você é Paulo Setubal mesmo?

— Mas é claro que sim. O que é que ha?

O rapaz exhibiu-me os originaes e as provas que tinha na mão. Em duas colunas abertas, vistosamente enfeitadas de vi-

nhetas, grande titulo encimando-as, lá se estadeava uma das minhas poesias. Para o meu camarada aquilo era deslumbrador. Foi-o tambem para mim, não ha duvida. Mas para o meu companheiro, para aquele alquebrado moço que não aspirava a outra cousa sinão viver, como suadamente vivia, a rabiscar *chamadas* e *cruzetas* sobre provas de “oferece-se” e “procura-se”, ver um revisor como ele, companheiro de porão, com uma poesia na primeira pagina do seu jornal, em tipo doze, destacadissima, era, bem se vê, acontecimento que entontecia. Eu cresci como um gigante ante os olhos do meu camarada. Ele encarou-me, o bom do rapaz, tão respeitoso e tão deslumbrado... E eu saboreei ali, no porão, naquele respeito e naquele obumbramento, o primeiro triunfo literario de minha vida. Triunfo gostoso e inesquecivel. Tanto mais inesquecivel quanto a cousa não parou aí. Naquela tarde, ao sair do meu porão, subi ao gabinete do diretor. Ia agradecer-lhe a

publicação dos versos. Mas nem sequer pude agradecer-lhe. O diretor, que conversava na sala da redação, mal me avistou, foi logo exclamando:

— Fez muito bem em aparecer. Ia mandar chamá-lo. Queria comunicar-lhe que, de agora em diante, o senhor passa a trabalhar na redação. A sua mesa é aquela. Amanhan determinarei a secção que ficará a seu cargo.

Muitas alegrias tive ao depois na minha existencia. Mas não tive jamáis alegria tão radiosa como a que tive naquela tarde. Subira por mim. Por meu esforço. Para festejá-la condignamente, fui com os amigos ao *Progredior*. O *Progredior* tornára-se então a grande confeitaria da moda. Tinha musica e chopp. Aí nos botamos, boemios e ruidosos, a discutir bravamente e, mais bravamente ainda, a esvasiar rodadas sobre rodadas de copos. Voltei para casa noite velha. Mas, ao voltar, principiei a sentir-me grandemente indisposto.

No dia seguinte não pude levantar-me. Dôr de cabeça, endolorimento, mal-estar. Tinha febre. Minha mãe chamou o medico. O medico veio, examinou-me, auscultou demoradamente o pulmão.

— Causa sem importancia, minha senhora. Trata-se apenas, no momento, de uma pequena gripe. A febre abaixará logo. Quando abaixar, avise-me; eu virei de novo. Quero examiná-lo melhor.

O medico deixou-me. Mas eu percebi que ele demorou certo tempo na sala-de-jantar a conversar em voz baixa com minha mãe. Quando partiu, deixando a receita, minha mãe tornou ao meu quarto. Vi que trazia os olhos vermelhos. Pegou-me na mão, acariciou-me, falou-me com muita e enternecida brandura. Que era aquilo? Não compreendi. Minha mãe, eu o sabia, angustiava-se demasiado com as doenças dos filhos. Aquilo, portanto, aquelas ternuras e aqueles olhos vermelhos, não traduziam outra coisa sinão aflicção de

mãe, entremisturada de nervos, por vêr-me de cama e com febre alta. Mas a familia alvoroçou-se. Correram os meus irmãos a visitar-me. Todos eles, tal como minha mãe, mostraram-se exageradamente ternos para comigo. Muita doçura quando me falavam. Muito compungimento quando me olhavam. Às vêses, saindo do quarto, quedavam-se na sala a cochichar. Eu reparei naquilo. E como, infelizmente, nunca fui homem de grandes peias na lingua, chamei logo:

— Mas que diabo tem vocês? Que é que ha? O medico achou alguma cousa de grãve?

Minha mãe sempre fôra corajosa e réta. Não enganava a ninguem. E minha mãe decidiu clarear ali, sem mais delongas, aquella situação dubia que tinha necessariamente de ser clareada.

— Não é nada de grave. Você está apenas um pouco fraco do pulmão...

Fraco do pulmão! Tombar essa palavra numa casa era tombar o raio. Fraco do pulmão! Compreendi, num relance, o que significavam os olhos vermelhos de minha mãe e a comiseração dolorida de meus irmãos. Fraco do pulmão... Hoje, não sei se me engano, creio que isso não sucumbe tanto como sucumbia. Naquele tempo era a sentença de morte. Fraco do pulmão? Ah, quem poderia jamais escapar á desgraça? Eu tambem fiquei aturdido com a brusquissima nova. Não por medo de morrer. Isso não me aturdiava muito. O que me aturdiava, o que me magoava, o que me feria no mais sensível do coração, era vêr-me, de um dia para outro, coagido a deixar o meu Direito, a deixar as aulas que dava, a deixar o meu sonhado jornal. Oh, o jornal... E logo no primeiro dia em que ia trabalhar na redação? Que má sorte! Caiporismo dos diabos...

Alguns dias depois, o medico tornou de novo. Trouxe um aparelho de auscultação.

E auscultou de novo o meu pulmão. Auscultou, auscultou.

— Seis meses fóra, no campo, e o rapaz está bom. Afianço-lhe que está bom. E nada de remedio: repouso, muito repouso, ar livre, comer bem, higiene. Daqui ha seis meses, afianço-lhe, o seu filho voltará curado.

Creio que ninguem acreditou muito no que afiançava o medico. Aquelas boas palavras não passavam de encorajamento. Consolação. Quem, acaso, escapou jamais á *molestia*? E todos, á volta de mim, continuaram a olhar com aqueles mesmos olhos deplorativos, todos a me tratar com aquelas mesmas branduras compassivas com que se trata um doente perdido. Aquelles desvelos, eu bem o compreendia, queriam dizer — coitado! está morto... Ah, eu bem o compreendia! E já agora, dentro de mim, ferviam azedumes. Repugnava-me aceitar de coração leve aquela fatalidade. Salteou-me então a revolta. Custara-me tanto o

subir um pouco na vida. Custara-me tanto o subir sosinho, filho de viuva, sem sombra a que me acoitasse. E vai um dia, zás — fraco do pulmão! Não me conformava. Insurgia-me contra o destino. Ou, melhor, confessemos com franqueza, insurgia-me contra Deus. Porque é que Deus, sendo bom, me havia assim golpeado? Porque é que Deus, sendo pai, havia assim arruinado a minha vida? Porque é que Deus, sendo justo, havia assim desbaratado os meus custosos esforços? Porquê é que Deus... Porque, porque, porque. E o meu coração, espumando fel, rebelava-se no peito contra a mão despiedosa que o lanhara com aquela crúa vergastada. Ah, o quanto me faltou, nessa hora agoniada, uma formação cristan mais solida! Tivesse eu um pouco mais de base, possuisse eu uns principios catolicos mais serios, andasse eu melhormente embebido da doutrina do Cristo, soubesse ao de leve o que é sofrimento, o que é a dôr, como veiculo de apri-

moramento, então, ao invés de apostrofar, certamente eu abençoaria a mão de Deus na desgraça que me feriu. Então eu não bradaria que aquilo era uma vergastada. Bradaria, isso sim, que aquilo significava uma visita do Senhor. Que aquilo significava um chamado de Deus, chamado diréto, claro, paternal, para que eu de novo me acercasse Dele. Por aquela doença, por aquela fraqueza pulmonar, eu poderia, arredando-me do mundo, mais facilmente encontrar-me comigo mesmo. Poderia mais facilmente meditar. E desse encontro comigo, e dessa meditação, revêr com serenidade às tonteiras da minha mocidade esturdia, e condoído de mim, alçar-me um pouco acima dos meus desregramentos e fragilidades. Poderia com firmeza dar um passo, por pequenino que fosse, no caminho duro, mas belo, do aperfeiçoamento moral. Mas que! Pobre cego que eu era! Eu não via, nem compreendia isso. Não me alicerçava a alma a palavra do Cristo. Eu, desgraçado

de mim, não levava então os olhos alevantados para o alto. Tinha-os, mesquinhamente voltados só para a terra. O mundo, com noitadas no bar e rodadas de copos, entremostrava-se-me como festa engalanada. Os deleitamentos da mocidade, com mulheres alegres e restaurantes alegres, abriam-me os seus braços tentadores. E eu desejava apenas esse mundo e desejava apenas esses deleitamentos. E tinha raiva de Deus porque Deus naquela hora m'os arrebatava. Tinha raiva e rebelava-me. E dizer que a gente é quasi sempre assim, oh, miseranda, oh tonta natureza humana, quando a gente está na verdura dos anos...

CAPITULO XIV

Eis-me de novo em Tatuí com minha mãe. Seis meses, bucolicos e sossegados, a respirar com deleite os ares nativos. Seis meses de ocios repousantes e inspiradores. *Deus nobis haec otia fecit, Melibee.* A minha alma cabocla, aquela alma lirica que eu trouxéra da terra e que principiára a fanar-se ao pó da vida citadina, ressurgiu festivamente e buliçosamente dentro de mim. Fiquei de novo poeta... E cantava:

Como um caboclo bem rudé,
Eu vivo aqui, nesta paz,
A recobrar a saude
Que eu esbanjei, quanto pude,
Nas tonteiras de rapaz...

E recobrei de fáto. Não ha exageração nisso. A saúde refloriu-me ridente.

Difícil suceder a alguém reação tão vigorosa como a reação que irrompeu do meu organismo seivoso. Voltei para S. Paulo. O medico examinou-me de novo. E não teve a menor hesitação em afirmar á minha mãe que eu estava curado. *Clinicamente* curado, acentuava. Nem infiltração, nem ruidos. O pulmão clareára. Eu poderia, querendo, recommear o meu trabalho. Mas não era prudente, acrescentou. Seria bom que eu esperasse um pouco. Que passasse mais uns menses em clima de altitude. Campos do Jordão, por exemplo. A senhora certamente já ouviu falar de Campos do Jordão? E' um pouco longe, eu sei; é difficil subir até lá. Mas tenho como certo que Campos do Jordão consolidaria radicalmente a cura do rapaz.

Minha mãe não vacilou: resolveu, ali mesmo, que eu partiria para Campos do Jordão. Oh, minha brava e corajosa mãe... O filho ainda carecia de alguns menses de clima? Pois haveria de ir. Ir

de qualquer jeito. Bem sabia ela, a bôa da velha, que o dinheiro se exgotára em nossa casa. Bem sabia que a vida em Campos do Jordão era caríssima. Pouco importa! O filho haveria de ir. Mas ir como? Minha mãe não vacilou: abriu a sua antiga comoda, vasculhou-lhe os guardados, e, com surpresa para mim, retirou de em meio a velhas bugigangas uma caixinha de veludo azul. Havia na caixinha um anel com bonita pedra. Aquele anel fôra um presente com que meu pai a mimoseára. Minha mãe, até ali, guardára-o com ciume e enamoradamente. Era a ultima lembrança que lhe restava da passada opulencia. Era agora, no seu desbarato, a só riqueza que sobejava á viuva sem ajuda. Mas a viuva era intemerata; saiu e vendeu o anel. Com o dinheiro da venda eu parti para Campos do Jordão. Oh, minha brava e corajosa mãe... Hoje, corridos tantos anos, ao recordar-me desse pequeno, mas tão enternecedor detalhe, sobem-me aos

olhos irreprimíveis, lágrimas grossas e comovidas. Lágrimas brotadas com quentura do coração confrangido que me bate em descompasso no peito. E evoco-te neste momento, mãe, evoco-te aqui, com orgulho e com admiração, a ti que foste, tão só e tão desassistida, o sustentaculo e a vida de nove filhos que se agarravam ás tuas saias. Vejo-te ainda, neste mesmo momento, vejo-te lá, na rua das Flôres, na nossa modestissima casa da rua das Flôres (numero 23, recordas-te?) em que, portas a dentro, a sós com o teu Deus, a sós com o Cristo que te aliviava e soerguia, tu, intrepida e valorosa, venceste aperturas que se não contam. Foi a fé que te valeu naqueles transes, mãe. Não a fé rizivel dessas mulheres que vão á igreja escutar o sermão florido do pregador que fala bonito. Não a fé beata dessas mulheres que andam pelas sacristias a cochichar com padres. Não. A fé que te salvou, mãe, foi aquela fé vibrante e calida, soerguedora e ingenua, limpida e firme, que

te fazia saltar da cama ao clarear do dia, arrojando o chale ás costas, correr venturosa á mansão do teu Cristo. Aquella fé de coração simples, fé chamejante e rustica, submissa e impavida, indobrável e inarrefecível, que te fazia ajoelhar todos os dias ao pé da mesa sagrada, e, todos os dias, absolutamente todos os dias, receber abrazadamente o pão da vida que dá vida ao mundo. O Cristo, Aquelle mesmo que se amiserou da fortaleza humilde da mulher cananeaia, Aquelle mesmo que se apiedou da desventura calada da viuva de Naim, também se amiserou e também se apiedou de ti, mãe, que eras mulher humilde e sem ajuda, viuva calada e com nove filhos. Viuva calada, sim. Pois quem, afóra o Cristo, soube acaso das horas agras que tu viveste? Quem, afóra o Cristo, soube acaso das renunciadas, dos sacrificios, das necessidades, das pobreza por que passaste? E quem, mãe, quem, a não ser o Cristo soube acaso da alta dignidade, e daquela discreta nobreza, e

daquela tocante formosura com que sofreste? Lá fóra, no mundo, longe da tua casa, tu bem sabias que os teus parentes viviam com refulgente abastança, poderosos e dinheirosos, fazendeiros com centenas de mil pés. Tu bem sabias, mãe, que os parentes do teu marido, situados altamente na vida, com nomes ancestraes arrolados no Taques e no Silva Leme, pavoneavam com largueza o fausto e a pompa dos grandes. Mas nunca, em meio ás tuas duras vicissitudes, acoçada rudemente por necessidades as mais mesquinhas, nunca soube ninguem que tu te dobraste a bater á porta dourada dos parentes que podiam tudo. Tu nunca solicitaste um só favôr para ti, mãe. Tú nunca solicitaste um só favôr para os teus filhos. Tinhas a bôca, lindamente fechada por santa sobranceria. Sobranceria que é hoje tua gloria e é hoje o orgulho dos que têm o teu sangue. Vês por outra, é certo, um carro estacava á porta da nossa casa. A matrona que dele saltava, uma grandiosa

matrona, vestida de gorgorão, cadeia de ouro, entrava senhorilmente a visitar a “prima Maria Terêsa”. Os parentes ricos não se demoram em casa dos parentes pobres. A matrona saía logo. Quando saía, e sem que o suspeitasse, a prima viuva atirava-se destemidamente á trabalhadeira desluzente da casa. Fazia serviços que, jamais sonhára fazer. Serviços os mais vis. Cosinhava, lavava a roupa, passava, esfregava o assoalho. E não era tudo. Ia ás feiras. Regateava. Apagava as luzes cedo. Poupava o quanto podia. Ah, mãe, ainda tenho no ouvido, agora, neste mesmo momento em que escrevo, o rumor da maquina de costura, plac-plac, que lá ia pela noite morta, plac-plac, plac-plac, cosendo as roupas com que nos vestias. Com as migalhas que poupavas, tão escassas, nos vestias com tão primorosa dignidade! Outros podiam ir á escola mais luxuosamente enrajados do que nós; nenhum mais asseado, nem mais decente. E para irmos á escola,

em nossos tempos de criança — que cuidados e que ralhos! — Você está com as mãos limpas, menino? E as unhas? Deixa vêr as unhas. E o ouvido? E inspecionava as mãos, e as unhas, e os ouvidos, e nos mandava tão limpinhos e tão arrumadinhos á aula. Oh, minha brava e corajosa mãe. . . Foi com esses devotamentos ignorados, foi com esses heroismos vividos entre as paredes humildes da tua casa, heroismos que não têm as trombetas do mundo para os apregoar, mas heroismos tão heroicos como ganhar as batalhas de Wagran e de Austerlitz, foi que tu nobremente sobrepujaste a bramante refrega da vida. Foi que tu, sosinha, nobremente emplumaste para o fragor da existencia a abundosa ninhada que Deus te deu. Mas eu tive um gosto, mãe. Concederam-me os ceus uma graça linda. Graça amoravel e enternecedora. Graça abençoada entre as abençoadas. Foi quando, nos vae-e-vens da minha vida, metido solenemente em illustre fardão verde, espa-

dim ao lado, todo recamado de alamares de ouro, certa noite, que foi a minha noite fulgurante, a mais fulgurante que possa ambicionar um escritor no Brasil, se me ensejou a ridentissima ventura de exclamar na Academia Brasileira de Letras, diante de tudo o que o meu país estadeava de mais alevantado na politica e na intelligencia, isto:

—“Mas deixai tambem, meus senhores, nesta linda hora risonha, em que as emoções mais intimas se atropelam dentro de mim, deixai que, mal acabe de vos agradecer, eu me ausente precipitado destas galas. Sim, deixai que o meu coração võe para longe daqui, fuja para a minha estre-mecida cidade de S. Paulo, e lá, comovido e respeitoso, penetre por um momento, muito de manso, numa casa modesta de bairro sem luxo. Nessa casa, a estas horas, nesta mesma noite, está uma velha toda branca, oitenta anos, corcovada, com o seu rosário de contas já gastas, a rezar diante da Vir-

gem pelo filho academico. Pelo filho que ela, a viuva corajosa, ramo desajudado, mas altaneiro, de familia opulenta, criou, educou, fez homem — Deus sabe com que sacrificios e com que ingentes heroismos obscuros! Deixai pois, senhores academicos, que o meu coração võe para a casa modesta de bairro sem luxo, entre no quarto do oratório, ajoelhe-se diante da velha branquinha, beije-lhe as mãos, e, na brilhante noite engalanada deste triunfo, diga-lhe por entre lagrimas:

— Minha mãe, Deus lhe pague!”

CAPITULO XV

Fevereiro — De Pindamonhangaba á *raiz-da-serra* ia-se de tróli. Da *raiz-da-serra* a Campos-do-Jordão ia-se á pata de burro. Em um dia de solão bravo, escaranchado num jumento trotador, lá fui, Mantiqueira arriba, trepando aquela escarpa fragosa por caminhos tortos e buraquentos. Dura jornada era, então, aquela jornada a Campos do Jordão. Cousa de arrenbentar fundilhos e desconjuntar ossos. Mas eu não a sentia. Sim, eu não sentia o caminho buraquento, nem a besta socadeira, nem o sol que tombava escandente no meu cangote, nada, nada, tão enamorados iam os meus olhos na beleza esmagadoramente bela daquelas serranias bravas. Paisagem estupenda de Suissa rustica. Lombas

abauladas, socavas fundas escancelando-se em despenhadeiros, rechans entrançadas de matarias, pinheiros alevantando ao sol a umbela verdejante, aguas espumosas que tombavam escachoando por quanto rocha, e lá, ao longe, muito ao longe, num incendio de ouro, a gigantesca pedraça do Embaú alapardada como um cetaceo no alto do espigão. Cheguei. Campos do Jordão era um povoado rudimentar e silvestre. Não passava de feio arranchamento de casotas de madeira, toscas, acoradas lá acima como um bando de cabras selvagens. Havia no burgo um hotelzinho onde me alojei. Acamaradei-me, logo a seguir, com um rapaz gaúcho, o Barbosa, que era filho de estancieiro e tocava violão. Instalámo-nos os dois, muito desadornadamente, numa daquelas trementes casotas de madeira, lanhadas de frinchas. E a vida para mim, a partir de então, virou em festa e vagamundeio. Nada havia a enfrear a ardida exuberancia dos meus atordoados dezenove anos.

O ar vivo e oxigenado daqueles pincaros chicoteára-me o sangue nas veias. Eu sentia-me vigoroso, desabusado, solido. Desandei a divertir-me como a gente se diverte no fogo da juventude. Horas de repouso? Nem sombra... Cura? Que bobagem... Todos os dias, ao arraiar da manhan, saltando alegre a assobiar da cama, enfiava lentamente as polainas, arreiava o peludo *matungo* que alugára, e, chicote na mão, toca a disparar adoudadamente por aquelas grimpas vestidas de pinheirais. Oh, as manhans de Campos do Jordão... Manhans doiradas e rusticas, tão macias e tão finas, com um sol de aquarela a escorrer pelas lombas, com um ceu azul-de-Sèvres pregado lá em cima, com baitacas ruidosas a galharem em bando, com vespas zumbidoras cambaleando tontas no ar cheiroso, com a paineira do morro grande enfeitada de côr-de-rosa, inteirinha de côr-de-rosa, de tanta flôr que côr-de-rosa tinha... Andei como um cigano por todas aquelas para-

gens. Conheci gentes por leguas em derredor. Não escapou rancho de sitiante, nem casa-grande de fazendeiro, onde eu não portasse. E vá de foliar! E vá de louquear! Dinheiro vinha-me de casa, do anel, escasso é verdade, mas suficiente para as minhas patuscadas que não custavam muito. Que mais queria eu? E esturdio, sem considerar por um instante sequer o sacrificio que aquele dinheiro sagrado traduzia, lá vivi eu, em pleno encantamento da vida, amalucadamente, por aquela verdejante cumiada de serra. Foi nesse em meio que houve um baile de caboclos num dos sitiecos do arredor. Convidaram-me. Está claro que não vacilei em ir. Ao tombar da noite, arreiado o cavalo, compareci gostosamente á funçanata. Baile de caiçaras, miseravel e bruto. Dansava-se fóra e dansava-se dentro. Fóra, no terreiro socado, que estrepitosas fogueiras avermelhavam, fandangueava-se sob o requebro mole das sanfonas roufenhas. Den-

tro, numa sala esfumada, que dois frouxos lampeões de kerozene alumiam mal-e-mal, bailavam caboclos mais graudos, val-sadores, que rodopiavam ao choro repinica-do de pinhos langorosos. Aconteceu que tambem viéra espiar o baile, por mera pa-godeira, um farrancho de moças brincalho-nas que estanceavam em fazenda proxima. Travei conhecimento com elas. Travei co-nhecimento, sobretudo, com certa moça morena, de olhos negros e pestanudos. Conversámos. Dansámos. Dansámos boe-miamente, mesclados áquela caiçarada chucra e mal-cheirosa. Gostei da moça. Era uma creatura vivaz. Um desses tem-peramentos borbulhantes e francos. Dis-se-me logo que viéra do Rio, que era sepa-rada do marido, que tencionava passar alguns mêses em Campos do Jordão. Dis-se-me tambem que eu valsava hedionda-mente mal, que aquele baile era sordido, que ela se ia embóra envergonhada de ter dansado. E foi-se realmente. Mas eu

não fui. Fiquei calorosamente sambando com os caiçaras pela noite afóra. E não pensei mais na moça. Nunca mais. No outro dia, como de costume, lá continuei eu a minha lirica vidoca de correrias por lombas e socavas. Certa noite, contudo, noite de chuvarada bravia, dessas chuvaradas de serra com grossos trovões reboantes, eis que, seriam nove horas, escuto um subito pateado de cavalo lá fóra. E logo um rumor de passos na escada da minha casinhola. E logo umas batidas violentas á porta. Corro a vêr quem é. Entreabro a porta, e, diante de mim, á luz amortecida do meu lampeão, dou com um vulto de homem, chapelão de abas largas, capote, botas. Recuei. Mas o vulto empurra desembaraçadamente a porta, entra, e, ao vêr o meu pasmo, solta uma enorme gargalhada sonora. Reconheci na gargalhada a mulher de olhos negros e pestanudos. Principiou aí, com esse introito de romance, uma aventura. Essa desgraçada aventura que todos

nós, os encharcados de romances, sonhamos viver na flôr dos anos. A moça, verifiquei-o ao depois, era uma dessas criaturas nascidas em lar desmaseado, uma dessas coitadas que não têm religião nem Deus, arremessadas sem bussola á correnteza da vida, a que um casamento desastroso ainda mais desnorteára e desgovernára. Era mais uma desgraçada do que uma decaída. Tinha o caráter ardente. Profundamente impetuosa e profundamente generosa. Vivi mêses com ela, desmioladamente atolado no charco. E perdi a cabeça. Não havia mais sombra de dever no meu coração. Que me importava a mim que minha mãe, para solidificar a minha cura, estivesse lá longe, no casebre da rua das Flôres, angustiada, trabalhando como escrava, a mandar-me o dinheiro do anel? Que importava lá isso, Deus meu? Eu só queria saber da mulher de olhos negros e pestanudos. Mais nada. Tudo o que havia em mim de comovido e de lirico sumira-se do meu peito.

Onde estava, onde, aquele filho amoroso de uma velha catolica? Onde o aluno do ginasio catolico? Onde o noviço da Ordem Terceira do Carmo? Aquele noviço que chorava tão comovidamente no dia da tomada do habito? Onde estava, Senhor, o moço que quizera ser padre? Onde estava? Onde? Não sei. Sei apenas que não restava em minh'alma resquicio de Deus. Sei apenas que a carnalidade afogára nela, com a fé, a sensibilidade. Eu só pensava, no meu desnorteio, que a vida é bela, o pecado é belo, tudo o que afirma a vida é belo. Ao fim de alguns meses (meses que eu, coitado de mim, outróra chamei de dourados) separei-me dessa mulher. Ela foi-se para o Rio; eu voltei para S. Paulo a continuar os estudos. Nunca mais nos vimos. Muita vez, ao depois, estive com a pena em punho para tracejar esse episodio de minha vida, que é novela enredada e violenta. Graças a Deus não o fiz. Hoje, contudo, relem-

brando-o, hoje, que a voz de Deus ecoou dentro de mim, hoje que trago o coração tão mudado, tão outro, eu tenho fundo compadecimento por aquela desditosa moça. Andei por aí a perquirir o paradeiro dela. Não no soube. E é pena.

Quem sabe si este meu livro um dia cairá na sua mão? Quem sabe? Si esse livro caísse á sua mão, ou si eu porventura a encontrasse de novo no meu caminho, si eu de novo a conversasse, diz-me com força o coração que ela escutaria arrebatadamente a palavra do Cristo, aquela palavra sagrada que eu faria soar com altisonancia ao seu ouvido de pecadora. E o Cristo, oh, creio-o com firmissima fé, creio-o com toda a arroubada flamancia do meu coração, o Cristo correria em socorro dessa desgraçada com aquela mesma ardencia, aquela mesma desbordante e subjugadora misericordia com que correu em Sichar, junto ao poço de Jacob, em socorro de Fotina, a mulher de má vida, que vinha a hora sexta carregando

alegremente a sua bilha de barro. Fotina, a do país dos Samaritanos, gente desprezível e maldita, a que já rolára despudorada pelos braços luxuriosos de cinco homens. A que se entregára, velha no pecado, ao sexto homem que a tomára e com quem vivia atascada em sensualidades. Pois foi precisamente a essa alma espurca e envilecida, a essa sordicia humana, a essa gasta femea de seis machos, que Jesus, o immaculo, escolheu para revelar de maneira formal — nunca o fizera até aí! — aquela confiança gravissima, estupefaciente, mas positiva e que corta duvidas, que foi uma das confidencias mais solenes pronunciada pelos seus labios onde morava a verdade:

— Mulher, eu, que te falo, EU SOU O MESSIAS.

Sim, para vencer a perda entre as perdidas, para soerguê-la do estercoroso paúl em que se enchafurdára, para salvar aquela alma murcida que o pecado encoscorára, o Cristo não hesitou em revelar-lhe,

como para a sacolejar, como para a ferir com um corisco, seu augusto e divino segredo, segredo de tanta sisudez e consequencia que nem siquer o revelára ainda aos doze, nem a João, filho de Zebedeo, que Ele amava, nem mesmo a Simão Barjona que deixára a rêde e O seguíra tão docilmente, sem saber a quem seguia.

— “Mulher, eu que te falo, eu sou o Messias. Eu vim para dar-te a agua viva. Aquele que beber dessa agua nunca mais terá sêde”.

Ah, tenho certeza, e certeza entranhada, que a samaritana de Campos de Jordão, ouvindo, exclamaria com o seu afogueado arroubo: Pois tu és o Messias? Tu, Senhor? E haveria de precipitar-se, impetuosa e generosa, a buscar sofregamente a agua viva que mata a sêde. Precipitar-se, impetuosa e generosa, a buscar sofregamente as palavras da vida eterna que brotam vivas da bôca daquele homem. Daquele mesmo homem que se postou, varonil

e misericordioso, em defeza da adúltera que os adultos queriam lapidar. Daquele homem casto, purissimo, de coração mais alvo do que o linho mais alvo do país da Galacia, homem extraordinario que, ao dispersarem-se os lapidadores confusos e com as pedras na mão, disse áquella mulher vil, mulher de pecado e de escandalo, que o enfitava com tremuras agoniadas de serva, estas doçuras que a balsamisaram como oleo fresco escorrendo sobre chagas ardentes:

— Ninguem te condenou, mulher?

— Ninguem, senhor!

— Pois nem eu te condenarei. Vai.

Não tornes mais a pecar...

Ah, tenho a certeza, e certeza entranhada, que aquella generosa e impetuosa moça de Campos do Jordão, ouvindo essa palavra, escolheria logo, arroubadamente, um vaso de alabastro puro, enchê-lo-ia a transbordar com o perfume do nardo, com uma libra inteira do perfume o mais caro de escolhidas espigas de nardo, e, o coração

aos saltos, tocada pela esbrazeadora centelha divina, viria, amorosa e chorosa, quebrar junto da Cruz o vaso rico, derramar piedosamente a essencia opulenta aos pés do Cristo, ungi-los, banhá-los, com lagrimas grossas e arrependidas, enxugá-los rastejantemente com as tranças derramadas dos seus cabelos. Pouco importa que os que traem o Cristo, os Judas, os que se agarram á sua bolsa de dracmas, lhe bradassem com impiedade e usura: "Porque esse desperdicio? Esse perfume podia ser vendido por trezentos dinheiros e ser dado aos pobres". Pouco importa! Tu saberias bem, minha amiga, que ha sempre pelo mundo pobres a ajudar. Mas nem sempre ha o Cristo. Nem sempre ha o Cristo para vir á tua casa e visitar-te. E porque Ele veiu, e porque te visitou, e porque entrou na tua morada, o teu coração vencido expandir-se-ia na dadiva custosa, a mais cara, a que clamasse com mais relevo a cantante felicidade da tua redenção e a aliviadora

dôr do teu remordimento. E o Cristo, minha amiga, ao vêr-te os olhos encharcados de pranto, ao vêr-te a alma lacerada pelo conhecimento das quedas, o Cristo haveria de te dizer brandamente como disse brandamente á pecadora:

— Os teus pecados te são perdoados, mulher, porque muito amaste. Vai em paz. A tua fé salvou-te...

* * *

CAPITULO XVI

Ha creaturas, parece, que nascem sob signos funestos, outras sob signos amaveis. Eu nasci, não ha duvida, sob uma bela estrella radiosa. A vida foi-me sempre docil e propicia. Aos vinte e dois anos, já o disse, mal saído da Academia, eu, moço pobre, sem nenhum amparo politico, sem mesmo conhecer um só poderoso do dia, graças apenas á simpatia expontanea de bondoso juiz de Direito, consegui com a maior facilidade, embóra interinamente, o lugar tão cubiçado de promotor publico da Capital. Para um filho de potentado aquilo seria cousa de somenos. Mas para mim, que bracejava sosinho na correnteza da vida, aquele posto, aquele primeiro e já brilhante passo no mundo, representava

uma vitoria seria. Vitoria tanto mais seria quanto, finda tal interinidade, nomeou-me de novo o Secretario da Justiça, por deliberação propria, para uma segunda, e, a seguir, para uma terceira interinidade, o que determinou que eu permanecesse cerca de dois anos no ministerio publico da capital. Trabalhei afincadamente nessa temporada. Os meus conhecimentos de direito eram escassos, como facilmente se comprehende em bacharelzinho que saía da Faculdade, mas a minha ousadia era imensa. Com um tostão de ciência juridica, eu gastava como Rotschild; com o meu destemor, ou, melhor, com a inconsciencia dos vinte anos, enfrentava impavidamente, muito senhor de mim, os advogados mais graduados da tribuna judiciaria do meu Estado. A fortuna protege os audazes. Eu não fui infeliz. Com tamanha dita me portei no cargo que, por iniciativa dos proprios juizes com que trabalhára (que constituiria na minha vida honroso triunfo, que gran-

demente estimei) foi-me oferecido a cadeira efetiva de promotor publico. E eis um caso que ainda hoje me espanta: recusei. Sim, hoje ainda, eu penso com espanto nessa recusa. Pobre e sem ajuda, eu recusei um cargo dessa envergadura, que fôra sempre ardentemente desejado por quanto bacharel saía da Faculdade. E' que eu, já aí andava com o coração enfundado por todos os ventos da ambição. Ser empregado, mesmo que o emprego se rotulasse com o nome solene de "representante da justiça publica", não me seduzia mais. Eu queria soltar as velas do meu barco ao vento do largo. Ser advogado de nome, rasgar um sulco largo no mundo forense, bater-me nos grandes prelios judicarios, ganhar dinheiro á larga, enriquecer, enriquecer, eis o sonho que aguilhoava os meus vinte e dois anos ardentes e fantasistas. Abri o meu escritorio de advocacia. E a minha estrela, que era radiosa, continuou de luzir no meu caminho. A vida, nesse

instante, enfeitando-se com as tafulices mais tentadoras, deu de me sorrir com todos os seus sorrisos. Não me faltou trabalho. Sucesso pleno. E, com o sucesso, dinheiro em abundancia, socio dos clubs os mais elegantes, e, poeta, com as portas de todos os salões de S. Paulo (tão emproados e tão fechados, meu Deus!) escancaradas para mim. Tantas prosperidades, é verdade, tantas, mas, ao mesmo tempo, a mais completa e desabusada irreligiosidade. Deus desaparecêra de minha vida. Desaparecêra totalmente. Igreja? Não mais pisei a nave de uma só. Missa? Nunca mais. Nem mesmo as de setimo dia. Reza? Oh, que cousa ridicula... Nunca mais disse uma *ave-maria*. E padre? De padre nem é bom falar. Tomei-me, não sei porque, nem havia razões sérias para tal, tomei-me de raiva especial por essa como então dizia “negra e tenebrosa especie de gente”. Negra e tenebrosa especie de

gente, que, naqueles instantes, para mim, outra cousa não era sinão estranguladores de vontades tibias, amordaçadores de espiritos juvenis. Gente negra e tenebrosa que vivia de subjugar as almas pelo terror ou pelo misticismo. Eu dei então de detestar os padres. Ora, por essa época já de si tão cética, houve, para ainda arrastar com mais vigôr os da minha geração á incredulidade, um fator de vulto impressionador: a Grande Guerra. Sim, a esse tempo, andava a guerra europeia desatada e rugidora. Nós, os de longe, os do "pays de là-bas", como tão desdenhosamente apodavam os europeus aos sul-americanos, nós contemplavamos com pasmo, sob o clarão sinistro daqueles incendios, a carnagem ululante, selvagem, verdadeiramente furiosa, dos arrogantes hiper-civilizados de além-atlantico. A impiedade, bem se vê, agarrou-se a essa oportunidade assim magnifica. Ensaistas e articulistas, dando-se as mãos, investiram em tropel contra Deus,

investiram sanhudamente contra aquele Deus (diziam) que, permitindo sem misericórdia ó massacre deshumano, assistia lá de cima, indiferente, muçulmanamente, cachimbo á boca, a cristãos de um lado e a cristãos de outro lado entrematarem-se espumecendo odio. E não era só contra Deus que bramia a pena dos atacantes. Era, sobretudo, contra a Igreja. De que valiam preces? De que valiam missas? De que valiam desagravos e promessas? De nada. A guerra lá estava implacavel, imensa, arrepiante, devoradora, a espedaçar tudo, a subverter tudo, a engulir tudo na sua barbara voragem catastrofica. E Deus lá em cima, indiferente, muçulmanamente, cachimbo á bôca... Esses ataques ecoaram fundamente na minha geração. Geração sem fé, geração totalmente intoxicada por escritores e filosofos impios, nós, diante das monstruosidades da guerra, diziamos com facilidade, sem reflexão, levados pela nossa educação ateia: é verdade! Deus,

não existe. Si Deus — que é o amor e a misericórdia, existisse, Deus não permitiria certamente o horror que vai desencadeado lá pela Europa. E com essas idéias na cabeça, tão levianas e bôbas, nos atufavamos ainda mais no ateísmo e na impiedade de que vivíamos saturados. No entanto, antevendo bem a palavra peçonhenta dos que iriam combatê-lo através dos seculos, já o Cristo havia sisudamente advertido aos apóstolos: “haveis de ouvir falar de guerras e de boatos de guerra. Mas não vos turbeis: porque convem que essas cousas aconteçam. Levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino, e haverá pestilencias e fomes, e terremotos...” “*Convém que essas cousas aconteçam*”. Porquê? Não seremos nós, entes pequeninos, tão apoucados, tão finitos, que haveremos de penetrar nos designios ás vêses desnorteantes do Infinito. No entanto, a verdade que tombou da bôca divina, é esta; convem que essas cousas aconteçam. Naque-

la quadra de irreflexão, porém, naqueles levianos tempos de incredulidade, eu desdenhava petulantemente o evangelho, escarnecendo-o e vilipendiando-o como o manual dos vencidos da vida. Que importava lá a palavra do Cristo? Eu não acreditava mais em Cristo. Não acreditava mais naquele Cristo amável da minha mãe. Nem naquele Cristo ingenuo de minha infância. Eu, atolado em frio materialismo, eu só queria então saber que houvesse demandas no meu escritorio e que as demandas rendessem dinheiro. Dinheiro! Dinheiro! Eis o ideal. E dinheiro para quê? Para nada de alevantado e nada de nobre. Dinheiro para que eu pudesse frequentar os clubs elegantes, dinheiro para que eu pudesse ceiar nos restaurantes de luxo, dinheiro para que eu pudesse doidejar com mulheres caras, dinheiro para que eu pudesse dar largas a todas as paixões desenfreadas que ardiam dentro de mim. E o dinheiro não me faltava. E a vida me

era facil e deleitosa. E eu me julgava um triunfador... Era-o de fáto. Entre o começo da minha vida e o planalto a que chegára, havia imenso caminho andado. Para mim, não ha duvida, aquilo já era triunfo e triunfo grande. Mas estava escrito no meu fadario que certa mão invisivel haveria sempre de cortar, com dura vergastada, os triunfos mundanarios da minha existencia. Mão invisivel, mas mão poderosa, como que timbrava em me arrancar do entontecimento daqueles prazeres que me enchafurdavam no materialismo e que sufocavam em mim todo o anseio de Deus, para arrastar-me de novo á presença soerguedora Daquêle que é a suprema Beleza e o Supremo Ideal. Eis que, em meio aos meus sucessos na vida pratica, irrompe pelo Brasil, devastando-o, tremenda calamidade publica: a famosa gripe que então se chamou de *gripe hespanhola*. Eu fui dos primeiros a que o mal atingiu. E atingiu pela mais terrivel das fórmas:

gripe pneumonica. Por longos dias eu estive, como se diz por aí, entre a vida e a morte. E meu estado, em certo instante, tornou-se francamente desesperador. O medico advertiu a familia. A familia falou imediatamente em padre. Mas eu recusei com energia. Não quiz saber de padre no meu quarto. Nada de confissão, nem de comunhão, nem de extrema-unção. Fóra dali com a Igreja! Fóra com aqueles engambelamentos beatos! Esse meu obstinamento em reconciliar-me com o Cristo, obstinamento em hora assim tão grave, pinta bem o quanto, por esse tempo, meu coração andava endurecido. Eu perdêra a fé. Distanciára-me em definitivo de Jesus. Nem resquicio mais da religião dentro de mim. Eu era, naquele instante, um puro ateu. E si morresse naquele instante? Si morresse naquela hora, si, naquele instante eu houvesse comparecido diante do Cristo, que é hoje o Amigo certo, o unico Amigo certo da minha vida, certamente o Cristo

não careceria dizer-me, na sua justiça, a palavra tremenda: “aparta-te de mim”. Não careceria. Eu mesmo, juiz de mim, eu mesmo, na minha vexada confusão, eu mesmo precipitar-me-ia envergonhado nas trevas exteriores, naquelas mesmas trevas onde ha chôro e ranger de dentes. Porque não poderia jamais suportar os olhos do Julgador pousando-se nos meus olhos de reu, nem o resplendor de Deus alumando as minhas quedas e miserias de *verme*, nem a magestade do Eterno esmagando a minha ingrata vileza de pecador. Mas Cristo comiserou-se de mim. Concedeu que eu vivesse. Concedeu que eu vivesse, amigo, não para dar-me o prazer mesquinho de apenas viver, isto é, o prazer de me arrastar por mais uns anos, como um verme, sobre o atascadeiro desta nossa feia terra. Não. Isso não seria comiseração. O Cristo, na sua indulgencia, concedeu que eu vivesse tão somente para que eu, com o correr de mais uns anos, pelo conhecimento doloroso

dos erros, pudesse ainda retemperar de novo o meu coração, e, com o coração retemperado, voltar um dia, filho prodigo, arrependido e em lagrimas, em busca da casa que eu abandonára, que é a casa acolhedora, abundante e misericordiosa do Pai. Não me levou a morte, pois, naquele transe em que parecia haver soado para mim a hora de ir-me. Venci o mal. Levantei-me da cama, mal convalescido; porém, cogitei em engolfar-me outra vês na fervedura da vida. Mas o medico não consentiu que eu permanecesse em S. Paulo, a terra da garôa. Determinou, perentorio, que eu fosse morar em clima melhor. Parti então para a cidade de Lages, no Estado de S. Catarina, onde, por essa época, morava um dos meus irmãos, o mais velho, que se casára por lá com filha de estancieiro.

CAPITULO XVII

Adeus, S. Paulo! Adeus, salões e clubs! Adeus, amigos e noitadas! Adeus, meu querido e triunfante escritorio de advocacia. Adeus, esforço e trabalho e vitorias da minha mocidade! Lá foi tudo agua abaixo... Ia eu de novo, com as mãos abanando, recomeçar a minha vida em terra estranha, longe do meu Estado, numa cidadezinha que eu nunca víra, bôca de sertão, perdida rusticamente entre pincaros de serra. Amarguei no meu coração, com muito fel, esse estraçalhamento dos meus sonhos. Como é desesperadora, amigo, a revolta dum coração materialista. Dum coração que não crê em Deus. Dum coração que põe a sua unica mira em ambições e gozos da terra. Eu conheci de perto, naquela hora, essa re-

volta. Eu a *vivi*. Por isso, no vaporzinho que me levava a Florianopolis, a todo momento, como um estribilho, eu exclamava, irritantemente, aos companheiros de travessia:

... Crime absurdo,
O crime de nascer. Eu espio-o, vivendo.
Maldita a vida que promete e falta!
Que mostra o céu prendendo-nos á terra,
Que dando as azas não permite o vôo.

* * *

... Lages foi uma surpresa para mim. Cidade pequena, é certo, mas cidade graciosa, pitorescamente aninhada num espigão de morro, com gentes boas e acolhedoras, e, sobretudo, novidade saborosa para quem vinha do sul, com as suas grandes estancias de gado, e a sua vida gauchesca tão colorida e tipica, que é um dos encantos do Brasil rural. Vivi em Lages dois anos. Dois anos em que conheci de perto os

usos daquelas paragens, em que percorri, no meu macho gateado, aquelas coxilhas ondeantes e sem termo; em que ouvi tropeiros contar em torno da fogueira aventuras e façanhas, em que bebi na cuia tosca, por bombas de prata, o chimarrão fervente e amargo que corria a roda de bôca em bôca. Muita vês, por aquelas vastas campanhas povoadas de gadaria, assisti á lida brava dos rodeios, com os peões de bomba e chiripá, chapéu de barbicacho amarrado no queixo, disparando fogosamente atrás de rezes desgarradas, — laça! laça! — enquanto as armadas feitas rodopiavam no ar e a cachorrada se arremetia, furiosa e ladrindo, no rastro das fujonas.

Quando eu cheguei a Lages, a *gripe hespanhola* já havia andado por lá e devastado o quanto pode. Morrêra muita gente. Eu, por acaso, mal me instalei, fiquei sendo o unico advogado formado da terra. Fui, sem delongas, procurado para tratar de alguns inventarios. Entrei com o pé di-

reito no fôro. Tratei dos inventarios, fui feliz, ganhei fama. A partir daí não me faltou mais serviço. A minha estrela, não ha negar, era realmente propicia. Em S. Paulo ou em Lages, pouco importa, ela sempre luzia. Eu dei de trabalhar sem treguas. E de ganhar dinheiro com fartura. Mas o dinheiro vinha e ia-se. Ia-se para onde? Ia-se agua abaixo, sem mãos a medir, para o jogo. Sim, meu amigo, para o jogo. Porque em Lages, é preciso que você o saiba, eu aprendi a jogar. Tive por lá a paixão torturante das cartas. Naquela cidadezinha cravada em um cocuruto de serra, hôca do sertão, para onde confluíam de toda a parte compradores de gado e tropeiros de mulas, jogava-se rijo e caro. E eu joguei rijo e caro. Joguei como um dementado. Quanta noite, entreverado áqueles boiadeiros e áqueles tropeiros, em meio áquela gente abrutada, de botas altas e trabuco á cinta, mas que usava grandes aneis de brilhante no dedo e trazia maços de dinheiro no

cintão de couro, quanta noite, Deus meu, quanta apaixonada e vergonhosa noite não vareí eu — um poeta! — com as cartas na mão, dentro de tascas enfumaçadas e malcheirosas, a topar paradas grossas nas bancas de *nove* e de *primeira*. E aquelas ardentes noites de jogatina, noites asperamente emocionais em que, num só lanço, apostava eu, ás vêses, o ganho inteiro de uma demanda, aquelas ardentes noites findavam sempre por patuscadas sordidas em casbres de *chinas* abomináveis. Aí, sob telheiros esburacados, eu, no meu aturdimento, os tropeiros e os boiadeiros no seu desperdício, ficavamos faustosamente a cear latas de sardinhas portuguesas e a beber copazios de champagne Moet e Chandon (sacrilegio!) na companhia nauseante daquelas mulherinhas de estrada, analfabetas, que vestiam uns amarfanhados vestidos de babado e avivavam a cara com um hediondo *encarnado* de papel de seda vermelho. Onde andava, áquelas horas, o noviço do

Carmo? Onde o filho catolico de uma velha catolica? Não sei. Sei apenas que vi dois anos assim. Dois anos, brutais e materiais, que embotaram fundamente a minha sensibilidade. Não tinha mais outra aspiração na vida, outro sonho, a não ser a mesquinha de ganhar dinheiro. Só dinheiro. Dinheiro ás mancheias, dinheiro a rodo, dinheiro, e, com o dinheiro, chafurdar-me deliciado na torpeza daquela vida solta. E tão materializado andava, tão longe do Cristo, tão vazio de cousas altas, que, no meu chafurdamento, se me afigurava como um pesadelo, cousa irreal, o ter tido a fraqueza de, outróra, em dias idos, haver entrado em uma igreja, ajoelhado devotamente diante de um altar, resado, confessado, comungado. Como aquele passado se me exsurgia ridiculo e vexador! Como eu havia sido pueril! Como eu havia sido carola! E me constrangia, e me sentia terrivelmente envergonhado e mesmo humilhado, só em pensar nessas (como di-

zia) *asnices de minha vida*. O mundo, para mim, naquela quadra, era exclusivamente um lugar de alegrias e de prazeres. Aquele mundo, de que ouvira falar tão gravemente, lugar transitório, lugar de sofrimento e de provação, através do qual, pela aceitação humilde e risonha, o homem atinje a um outro mundo, que é aquele mundo superior, alto, eterno, onde esplende a Beleza Perfeita, isso não tinha o menor significado para o meu coração esterilizado e tonto. Isso, para mim, naquela quadra, não passava de baboseira de uma religião de tristes. Sim, meu amigo, essa religião que conduz ao aprimoramento moral, ás delicadezas de consciencia, aos escrupulos sutís, á elevação e ao regeneramento do caráter, religião que, arrancando-nos do lodo e da sordicia, nos dá o anseio alevantado da perfeição e nos propelle grandiosamente para o Infinito, essa religião eu a cognominava pedantescamente — formigazinha arrogante e cego que eu era — a religião dos tristes,

dos vencidos, dos fracassados, dos místicos e dos devotos.

E o mundo, bem se compreende, o mundo, para a minha materialidade de então, não era aquele mundo de sofrimento e dôr, sofrimento abençoado que depura e dôr feliz que resgata, de que a religião falava. Não! Era, bem ao contrario, era, isso sim, um mundo amavel de deleites e de encantamentos. E eu não queria outra felicidade, nem cobiçava outra ventura, sinão a de atolar-me nesses deleites e nesses encantamentos. E tais deleites e tais encantamentos, oh, a miseria de um coração sem Deus! residiam para mim, naquele momento, em jogar *nove* com boiadeiros em tascas enfumaçadas e em beber champagne com *chinas* que botavam encarnado na cara. Lastimosa e risivel natureza humana... Foi assim, comtudo, foi assim, com o coração vasio, tão impuro, que afinal deixei Lages e tornei de novo para esta minha cidade de S. Paulo. Tornei para a cidade a mais du-

ra, a mais fria, a mais materialista do Brasil, mas, com tudo isso, a cidade mais ardo-
rosamente estremecida desta minh'alma de
tatuiano caipira, neto boemio de bandeiran-
tes aventureiros.

CAPITULO XVIII

... Dinheiro... Ha os que buscam o dinheiro para o gastar; ha os que buscam o dinheiro para o guardar. Em ambos, é certo, a mesma paixão esterilisante. Paixão vil e profundamente terrena. A mais ressecadora paixão entre as paixões que aguilhoam o coração do homem. Em uns, comtudo, que são os gastadores, essa paixão ainda desabotôa em liberalidades que fazem esquecer um pouco a feiura dela. Em outros, que são os avarentos, ela descamba em uma sordicia que é repugnante e odiosa. Não ha nada, sob o sol, tão asqueroso, como um avarento. Nada. É ele, entre os carunchos que se arrastam sobre a crosta lodosa desta nossa miseravel terra, a casta de carunchos mais nauseantes. É

gente que não verá jamais a face de Deus. Jamais. O Apostolo Paulo, na epistola aos efesios dí-lo com incisão: “ficiae sabendo e entendendo bem: nenhum avarento, que é idolatra, terá parte no reino de Cristo” (2).

Eu conheci alguns avarentos na minha vida. De um deles, muito em particular, guardei na lembrança um episodio que não esqueci jamais. Episodio que marca bem o ponto de vilesa a que se despenha um homem agarrado bestialmente ao seu dinheiro. Deu-se o caso, exatamente, na minha viagem de retorno a S. Paulo. Principiára-se a esse tempo (mas muito raramente ainda), a fazer, de automovel, o percurso entre Lages e Florianopolis. Tres dias de viagem. Ah, se me lembro... Tres dias que não acabavam mais, a subir e a descer morros, tendo diante dos olhos uns panoramas deslumbradores, é verdade, mas tendo debaixo do automovel a estrada a

(2) Efesios 5-1,9.

mais sinuosa e a mais buraquenta do mundo inteiro, sobre a qual ia a gente socada, pilada, arremessada de tal geito que, meu Deus, ao desembarcar um cristão em Florianópolis, lá se via o desgraçado com os fundilhos em cacos, mais morto do que vivo, a berrar por uma bôa salmoura. Nós havíamos fretado um automovel para aquella travessia. Nós, quero dizer — eu, um estancieiro e um comprador de gado com a mulher. Cada um de nós, combinamos ao partir, pagaria os gastos de um dos dias da viagem. Ao estancieiro coube pagar os do segundo dia. E esse dia foi tragico. Era Junho. Chovêra toda a noite anterior. A estrada tornára-se um barreiro pegajoso e exasperante. Mas nós nos botamos destemerosamente a caminho. Viajamos o dia inteiro por entre dificuldades desesperadoras. E desce aqui, e empurra o automovel ali, e ajuda acolá a mudar o pneumatico, e bota mais além as correntes nas rodas... Um inferno. Á tarde, seriam cin-

co horas, caía um chuvisqueiro tedioso. Lusco-fusco. O chauffeur quiz acender os faróes do automovel. Os faróes não acenderam. A lomba, que começáramos a galgar, tinha dois agoniantes palmos de barro mole. Iamos devagar, angustiados, as rodas do carro rasgando a custo aquele barro. E o chuvisqueiro a tombar, implacavel. Um chuvisqueiro enervante e gelado. Sobretudo, gelado. Pois fazia um frio de mil diabos, aquele aspero frio do sul, enregelante, entanguecedor, que entrava até a medula dos ossos. E eis que escureceu de todo. Noite preta. Em que altura estávamos nós? Não sabíamos ao certo. Nem sabíamos como encontrar poiso. Poiso onde? Em que lugar? E o chuvisqueiro tombando, e o frio, e a noite preta em derredor. Vai sinão quando, em meio á dura subida, justamente no mais ingreme da rampa, pára de subito o motor. Bonito! E agora? Agora não havia mais o que hesitar: era meter o pé no tijuco e investir pela estrada

afóra. Foi o que fizemos. E toca a subir o morro. Toca a subir, a subir. Duas horas de marcha penosissima. Que não dariamos nós, áquela hora, para topar com um poiso? Não havia preço, realmente, por mais alto, que refugassemos pagar, naquele instante, por um telheiro que nos abrigasse. Bem se póde avaliar, pois não é preciso acentuar, o jubilo e o alivio do nosso "*olhem lá! luz!*" com que festejamos o aparecimento de abençoada luzita que tremeluzia ao longe. A luzita não ficava á beira da estrada que seguíamos. Carecia, para alcançá-la, quebrar a marcha e enveredar por umas terras adentro. Pulamos, sem hesitar, a cerca de arame do caminho, enveredamos por um pasto encharcado de agua, e, transidos, literalmente desfeitos, batemos á porta do rancho. Era um rancho miseravel. Mas para nós, no nosso desbarato, aquele rancho era um palacio dourado. Cousa tombada do ceu. Senti-

mos todos, ao transpôr-lhe a soleira, um bem estar físico, um conforto, uma voluptuosa corporal inesquecível, deleitosa. Até que enfim estávamos debaixo de um telheiro onde havia luz! E bem pouca cousa, na verdade, além de telheiro e luz, havia naquele esburacado rancho de sapé. Os moradores dele, um casal de *agregados*, eram uns caboclos em molambos, peludos, selvagens que viviam naquele fim de mundo, como bichos, dentro daquela palhoça lazarda que uma estancia distante lhes cedêra. Ah, o sertão do Brasil. . . Esse sertão que os que vivem nas grandes cidades asfaltadas, furadas de arranha-ceus, nem sequer imaginam que exista. Nada fala mais nitidamente da miseria que anda por esse *hinterland* brasileiro afóra, do que a miseria em que viviam aquele marido e aquela mulher. Eles eram a indigencia viva. Havia apenas ali, dentro daquelas paredes esfumeadas, como riqueza total, o colchão roto em que dormiam, um monte de palhas de

milho a um canto, e, sobre carunchoso cavalete, uns arreios amarfanhados e gastos. Nós não comíamos desde pela manhã. Estávamos estropiados e com imensa fome. Mas, naquele rancho, comer o quê? Não achamos ali, já não digo um naco de carne, mas um só ovo que fosse, um bocado sequer de farinha seca. Nada, nada. Apenas a mulher (com uma bôa-vontade enternecedora, coitada, envergonhada por não ter cousa alguma, pedindo mil desculpas) correu á cozinha, arremessou na cuiá um punhado de herva mofada e velha, preparou o amargo e trouxe-nos, muito solícita, a cuiá e a chaleira de água fervendo. Bebe-mos aquella chocha água, esverdeada e quente. Foi porém, naquele instante, grande festa para os nossos estômagos enregelados o chimarrão detestavel. Tratamos de nos acomodar. Os caboclos — bondosa gente, generosa gente, desditosa gente! — tiveram para conosco liberalidades rasgadas. Deram-nos o seu palacio, e, com to-

cante abundancia de coração, entregaram-nos hospitaleiramente, grandiosamente, tudo quanto nele havia. Foi assim que o boia-deiro e a mulher se instalaram como nababos no colchão roto dos caiçaras; o estancieiro se aninhou no monte de palhas e nos baixeiros dos arreios, e eu, enrolado na minha capa de borracha, me aboletei como pude em cima de dois pelegozinhos esfarrapados. Estavamos molhados e exaustos. Dormimos regaladamente como em leito de plumas. Os caiçaras não se deitaram. Deitar aonde? Eles nos haviam dado tudo. Ficaram-se por ali, rondando o fogo, atiçando-o, para que pudessem os viajeros (como diziam) “dormir no quente”. E passaram ambos a noite em claro, os pobres diabos. Madrugadinha, escuro ainda, o homem saiu para o pasto com um cabresto na mão, pegou o matungo e, em pelo, lá partiu aos trotes não sei para onde. Voltou com um canecão de leite, pó de café, umas colheradas de assucar mascavo, tres

tigelinhas de louça. A mulher preparou às pressas um café-com-leite. Oh, aquele café-com-leite, depois daquela noite, naquele rancho abrigador! *Quo te carmine dicam?* Com que poema eu te cantarei, café-com-leite inesquecido, café-com-leite adoçado com assucar mascavo, pretejado com café ralissimo, e, no emtanto, o mais delicioso, o mais saboroso, o mais gostoso café-com-leite que já bebi na minha vida inteira. Para que a nossa felicidade fosse perfeita (merecíamos bem, depois daquela noite sinistra, uma compensação) eis que, em meio á festa com que sorviamos a beberagem, ronca lá em baixo, na estrada, o motor barulhento do automovel. O chauffeur, que dormíra nele, lograra bota-lo em condições de partir. Tratamos logo de deixar o rancho. Foi quando o estancieiro a quem incumbia pagar as despêsas, chamou o caiçára afim de regular contas. Esperei-o por um momento. E ouvi isto:

— Então quanto é a pousada, moço?

— Quanto é a pousada? Nossa... então a gente vae cobrá de vancê uma dormida no rancho? Não fale nisso, sior. A gente é povre, veve aqui no mato, não tem nada, mas o rancho tá aberto prá quem quizé.

— Assim não serve, não, moço. Veja o quanto lhe devo. Eu quero pagar

— Não tem que pagá nada, sior. Pagá o quê? Vancê nem fale nisso que vancê até avexa a gente...

Então aquele estancieiro, que era homem já velhusco, alto e magro, com uns olhos impressionantemente parados, aquele estancieiro que possuia nada mais e nada menos do que cento e dez milhões de campo povoados de gadaria, aquele estancieiro botou a mão no bolso. sacou lá do fundo uma bolsazinha de prata e de niqueis, escolheu entre os niqueis um niquel de quatrocentos reis (quatrocentos réis!). E passou-o á mão do caiçara.

— Pois então guarde isto para você...

Não pude conter-me. Acerquei-me vivamente do velho. E protestei:

— Que é isto? Quatrocentos réis? Não póde ser, é uma miseria. O senhor tenha paciencia, carece dar mais alguma cousa a este pobre homem.

— Não vejo porquê...

Aquela avareza revolucionou-me. Perdi a calma. Num assomo, muito fogosamente, atirei á cara do velho, por entre desaforos descabelados e crus, toda a sopitosa revolta que me sacudiu naquele momento. Em vão. O homem não teve um gesto de repudio. Nem um só musculo se lhe estremeceu. Ouviu impassivel, absolutamente imperturbavel, com aquelles seus olhos parados, mortos, desdenhosamente pousados em mim. E disse apenas:

— Si o senhor acha que é pouco, dê mais.

E saíu do rancho com serenidade.

Nunca mais, no correr de minha vida, eu pude me esquecer desse homem de olhos

parados. Nem nunca mais eu pude me esquecer da cena no rancho do caiçara. Aquella cena marca bem, pinta com uma côr que flameja, a repugnante vileza a que arrasta a miseravel paixão do dinheiro. *Quid non mortalia pectora cogis, auri sacra fames?* No emtanto, eis uma bem dura verdade, todos temos fundamente em nós, congenitamente em nós, eu já não digo a *paixão* do dinheiro, mas pelo menos o amor da riqueza. É tal esse amor, tão geral, que Pedro, ao ouvir o Mestre condená-lo com incisiva rudeza, exclamou com pasmo: “mas nesse caso Senhor, quem se salvará?” Que pergunta humana, e profunda, e sábia, oh, meu rustico e ingenuo Simão Barjona! Sim, nesse caso, quem se salvará? Muito poucos ricos, Simão Barjona. Muito poucos. “Oh, quão difficilmente entrará um rico no reino de meu Pae!”. E si para o rico, isto é, para o que tem o amor da riqueza, é difficil, para o avarento, isto é, para o que tem a *paixão* do dinheiro, é impossivel. Eis que, re-

pito-o, disse S. Paulo sem ambages: “nenhum avarento, que é idolatra, terá parte no reino de Cristo”. E com razão. Porque o avarento é um monturo. Aquela cena do rancho do caiçara atesta-o com eloquencia. Eu compreendi naquele dia a imensa verdade que ha no Harpagon de Molière. A imensa verdade que ha, no Shylock de Shakespeare. A paixão do dinheiro, não ha duvida, é paixão capital, avassaladora, que entorpece, que embota, que abrutalha, que sufoca todas as nobrezas do coração do homem. A paixão do dinheiro é a paixão que se opõe com mais força á paixão do Cristo. O dinheiro é a materia; o Cristo é a espiritualidade. Treva e luz. Noite e dia. Dinheiro e Cristo. Enquanto o mundo fôr mundo, a paixão do Cristo e a paixão do dinheiro não poderão jamais andar juntos. Jamais. Por isso o Cristo, com aquela sua cortante rudeza, disse: “Ninguem pode servir a dois senhores. Ou ha de amar a um e aborrecer a outro, ou ha de desprezar

a um e querer a outro. Ou servirá a Deus ou servirá ás riquezas". Nada mais certo. Cristo quer dizer cruz, renuncia, perdão, caridade, humildade, pureza, santificação, isto é, estrangulamento de todos os egoismos, aniquilamento de todas as vilezas, sufocamento de todos os instintos, amordaçamento de todas as bestialidades. Dinheiro quer dizer mundo, concupiscencia, venalidade, esperteza, fausto, materialidade, isto é, o amor da mesa, o amor da mulher, o amor do luxo, o amor da pompa, e, mais do que tudo, o amor do proprio metal, da propria placa doirada, amor tão obcidente, tão bestial, tão rasteiro, tão odioso, tão abjéto, que faz o avarento de Veneza exigir, para pagar-se, uma libra de carne arrancada á carne mesma do seu devedor e faz um estancieiro velhusco, alto e magro, de olhos parados, com cento e dez milhões de campo, arremessar um minguado níquel de quatrocentos réis, ás mãos vazias de um homem esmolambado que o livrára generosa-

mente do frio e do temporal em noite erma de sertão.

Foi para esses Shylocks que o Cristo lançou aquela maldição tragica: “Ai de vós, ricos, que já tivestes a vossa consolação!” Foi para esses Shylocks que o Cristo creou a parábola daquele homem rico, muito rico que possuía cento e dez milhões de campo, mas tão duro e tão frio que negava ao mendigo crivado de chagas, esfarrapado, cujas úlceras os cães vinham lambe-lamber, o mendigo que se arrastava humilde até a sua porta de potentado, um pouco das sobras que tombavam da sua fartura. “Senhor, dirá lá, no outro lado, esse rico da terra — Senhor, eu tenho imensa sede! mandae esse mendigo, que eu vi tanta vez na soleira da minha porta, que molhe a ponta do dedo, só a ponta do dedo! — e venha refrescar com uma gota d’agua a minha lingua atrozmente abrasada.” E o Senhor: “Ha um abismo intransponivel entre ti, rico, e esse mendigo, que os cães lambiam; tu tiveste na vida to-

dos os bens; este desgraçado teve na vida todos os males; de sorte que os que querem passar de onde estás para aqui, não o podem; nem os que estão aqui podem passar para onde estás...”. Palavras claras. Palavras candentes. Palavras tremendas. No entanto, oh, humanidade, oh, tonta humanidade, como andas tu com o coração encardido por essa paixão que te aguilhôa á terra e te faz amar esta feia terra ester-corosa...

CAPITULO XIX

Estou de novo em S. Paulo e trabalho fortemente no foro. Circumstancias muito especiais de minha vida forçaram-me a dar com os costados — passageirissimamente, Deus louvado! — em um escritorio de advocacia que tem serviço a mais não poder. Ha nesse escritorio causas de todo o geito. Nunca se recusa aí demanda alguma. Vi então, e hoje vejo mais do que nunca, que não ha profissão mais perigosa para uma alma do que a profissão de advogado. Esses homens que lidam com o direito, ao verem, todos os dias o quanto é falho, e irrealizavel, e bur-lavel o “dar a cada um o que é seu”, vão se tornando, com o correr dos anos, de tal maneira céticos, de tal maneira descrentes da justiça, que defendem com a maior sem-çẽ-

rimonia os que não têm innocencia, e, calejados, sem mais peso na consciencia, encontram sempre um direito vago para proteger os que não têm direito. Eu vi turcos, que haviam sido mascates de matraca e de baú, turcos de mãos tatuadas, abrirem falencia hoje, e, amanha, graças a um advogado bom (!) instalarem-se com grandiosidade na vida. Vi italianos (quantos!) falirem hoje, aparecerem amanha endinheirados, tornarem a falir, tornarem a aparecer com mais opulencia ainda. Para o conseguir, no fôro, na casa da Justiça, na mesma casa Augusta dessa deusa que trata das cousas humanas e divinas (*Rerum humanarum atque divinarum scientia!*) dão-se as mãos — tão diabolica é a chicana dos homens! — aliadas, proteiformes invenciveis, a ratazانية, a fraude, a velhacaria, a venalidade, a corrupção, a rabulice, e varias outras harpias de unhas afiadas e refinantes. Um moço que tem esse meio debaixo dos olhos, mesmo que, providencialmente, não lhe su-

ceda a desgraça de chafurdar nele, é um moço que renteia o abismo. Renteia o abismo, sim. É a expressão. Para mim, sobretudo, para mim que perdéra a fé, que vivia sem Deus, com o coração enfebrecido pela só ansia de ganhar dinheiro, para mim aquele momento foi (hoje eu o sinto nitidamente!) o momento em que eu, de fáto, renteei muito de perto o abismo o mais perigoso da minha vida. Não porque eu, pecador que amava o pecado, o merecesse. Não. Deus teve certamente piedade de mim, o ingrato, porque havia na terra uma ignorada mulher, viuva desvalida, uma pobre velhinha, rezadeira e corcovada, minha mãe, que passava horas a fio, diante do oratorio do seu quarto, a suplicar, com a calorosa simpleza de sua fé, pelo filho arremessado ás cegas nos caminhos tortos da existencia.

E Deus escutou a minha mãe. Oh, se escutou. . . Tenho certeza que escutou. Pois foi Ele, na sua complacencia, quem mandou um anjo do ceu, fino e doce, a salvar com a

sua pureza o filho da pobre velha humilde. Esse anjo foi a minha noiva. Sim, amigo, enquanto eu estroinava pelas vilezas do mundo, enquanto eu me rojava ás tontas por tanto atascadeiro poluidor, lá estava no seu collegio de freiras, escondidinha, sem que o mundo a conhecesse, uma graciosa menina, fragil e timida, que viria a ser na vida a minha poderosa soerguedora. Aquella que viria com a sua ingenuidade, com a brancura de sua alma, com a sua vencedora pureza lirial, tocar e reformar o meu coração endurecido e conspurcado. Aquella que, oh extranhos designios de Deus, estava destinada pelos fados a conduzir-me de novo, com as suas mãos de seda, amorosamente e ardorosamente, aos pés do Cristo que perdôa tudo.

* * *





Aqui param as memorias de Paulo Setubal. Bruscamente interrompidas com a morte prematura do escritor, a justa curiosidade de seus leitores, suspensos e sequiosos pelo termo delas, explica este rapido complemento, onde se narra o fim do brilhante vulto que nos veiu empolgando.

Seja dito, como preambulo, estas memorias foram escritas, no ultimo ano de sua vida e encontradas no fundo de uma gaveta em rascunho, sem correção: como jorraram de sua pena, assim ficaram. O frescor e a espontaneidade, onde nada ha rebuscado e artificioso, caracterizam essas paginas que lhe saíram do coração e, parece, tambem palpitam. Porisso, mais atingem o coração que as ausculta.

Creio, nesse genero literario, poucas vezes o colorido e a sinceridade com que um autor se exprime, foram ainda superados.

Tenho para mim que o estilo de Paulo Setubal aí marca um apogeu. Emerge deste Confi-teor a figura do Autor, semelhante em muitos traços com a de Sto. Agostinho. Semelhante no estilo exuberante e colorido; semelhante na sinceridade d'alma e flama de expressão.

* * *

O ano de 1935 foi de muito exito e muita gloria humana, a que sucedeu muito sofrimento.

Na vespera do Natal, exactamente quando os sinos anunciavam festivos a missa da meia noite, Paulo é violentamente visitado pelo sofrimento; como si a Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo quisesse assinalar-lhe o nascimento interior do homem novo. Presentindo a morte, chama o sacerdote. Este abeirando-se do enfermo lhe diz: Dr. Paulo, aproveite dos ultimos momentos que Deus lhe dá, para arre-pender-se de seus pecados...

E Paulo, mais tarde, contou o bem que lhe fez o ouvir essas palavras. Foi então, pensando seriamente no fim, ele sentiu a presença do Viajor amigo, de olhos suaves, que lhe tomou com ternura as mãos, quando estas se erguiam sofredoras, em uma volta sombria parecendo anunciar o fim de seu caminho. . . .

O que se passou nesse encontro, só Jesus e ele souberam. Teria sido talvez um reviver da cena sempre repetida, dos encontros de Cristo, com aqueles caminhantes aos quais Ele procurou, desgarrados nos atalhos empoeirados da Palestina.

No dia seguinte a Comunhão veio selar a união de sua alma com o Senhor.

Varios dias se passaram, longos e dolorosos, mas a sua forte natureza reagiu. Entrou em convalescença.

Logo que pode, pediu livros. Influencia decisiva teve em sua transformação a PSICOLOGIA DA FÉ. Começou de ler também a CONCORDANCIA DOS SAN-

TOS EVANGELHOS, que pessoa muito amiga lhe dera.

Todas as noites estudava e meditava longas horas os Evangelhos. E a IMITAÇÃO! Que conforto não lhe dava! Tornou-se dela verdadeiro entusiasta. Ledor assiduo das edições mais celebres, sabia de cór trechos, que a mim repetiu, até no original latino.

Mas não foi sem lutas, esta ascensão de seu espirito para Deus. Sua fé não podia fundamentar-se nas bases frageis do sentimentalismo. Queria abraçá-la com o coração e com o entendimento. Na intimidade de seu convívio, eu sentia em sua grande alma, esta sêde de claridade, fazendo lembrar o formoso aforisma de Santo Anselmo: "Fides quaerens intellectum". Pude então, surpreso, ver a subtileza de seu espirito de analyse e admirar sua possante envergadura de intelectual. A par disso, a inteireza rara de character. Reconhecendo a verdade nela se esparecia, como flor que

desabrocha sofregamente para a luz que a desperta.

Testemunham esta luta — os santos também sentiram e descreveram em paginas por vezes, pateticas — algumas confidencias inéditas, onde os leitores vão novamente defrontar o autor do CONFITEOR:

“Ha um ano que me entreguei totalmente ao Cristo, que vou á igreja, que rezo fervorosamente, que me ajoelho diante do sacerdote, que me confranjo e soffro ao repassar a minha vida que lá foi, e, ultimamente, que comungo todas as semanas com abundancia e absoluta sinceridade de alma. E depois disso tudo, um dia, sem que jamais eu o esperasse. . . livros que eu li, blasfemias que escutei outrora, sarcasmos contra a religião que me impressionaram em tempos idos, raciocinios absurdos, duvidas tolas, todo um formidando residuo do homem velho que ainda móra em mim, tudo, tudo exsurge do mais profundo do subcons-

ciente; e... dá-me a vontade — você acredita? — de abandonar o Cristo e volver, aí de mim, ao pantano onde vivia. Mas sinto (e talvez seja isso o que me salva) que esse pantano é demasiado escuro para quem já viu a claridade que eu já vi... E vem-me á mente escaldada a palavra de Cristo aos apóstolos: Vós também quereis abandonar-me? E a resposta imortal de Pedro: Para quem havemos nós de ir, Senhor? Tu tens as palavras de vida eterna! ... Nesta luta tremenda, neste entrelaço brutal de dois espiritos contraditórios ha uma vitima só: eu.”

“O reino dos ceus sofre violencia e só os violentos o arrebatam”, disse Jesus. Não é possível um “Sursum corda” triunfante sem combate previo. Só o coração violentado por lufadas adversas, arrebatará por fim os louros de uma paz merecida.

Assim foi com Paulo Setubal, a quem podemos acompanhar, já serenado o espiri-

to, nesta formosa e apaziguante confiança :

“Mergulhei deliciadamente nesse charco dourado que se chama prazeres. Corri como doido empós a gloria. Alcancei-a. Com justiça ou sem justiça, pouco importa, alcancei-a. Quando pois nessa quadra haveríamos de sonhar com a metamorfose que se operaria em nós? No entanto, veja lá, a metamorfose se operou. Deus abriu sua mão abundante e deixou cair tamanha graça sobre nós. Achegamo-nos ao Cristo. Você não sei por quais caminhos. Eu levado por esta doença que me matou, mas que me salvou. Os caminhos porem importam pouco. O principal é encontrar a fonte. Encontrar a fonte e beber a agua viva. E nós bebemos — Deus seja louvado! — a agua que mata a sêde. E por isso subimos. Alcandoramo-nos. Estamos lá em cima. Lá no azul. E por isso a vida com suas grandezas tão pequeninas hoje nos causa dó. E por isso o mundo nos parece lá em baixo,

lá muito em baixo, um torvo atascadeiro sufocante e malsão. Não queremos mais nada. Nada mais, Senhor!”

Nesse jorro de agua viva elevou-se para o céu, aligeirada, esta alma de escól. Cada vez mais desprendida da terra, sinceramente anhelava a perfeição. Ardentemente desejava fazer o bem e essa era sua preocupação unica: “Ser bom, ser muito bom, mesmo a quem mais nos custe!”

Nutria projetos de publicar, alem de suas memorias, traduções de algumas obras que o empolgaram, entre outras “La vie de Charles de Foucauld” de René Bazin. Sem duvida alguma, um livro impressionante e através de uma tradução livre, como pretendia, viria enriquecer a nossa lingua com um novo primor literario.

Sua pena brilhante queria agora estilizar somente assuntos dignificantes. Quanta vez a pena de um escritor, depois de roçar pelo pó, mesmo arrancando nesse atrito centelhas que parecem um filão dourado,

não se surpreende ao ver que, voltada para o alto, traça com mais brilho um sulco de luz imortalizante!

Mercê de Deus, o nosso grande escritor, depois de lutas, em arremetida gloriosa para as estrelas, aí nas alturas, banhava sua alma de claridades novas. Estas se refletiam nos seus ultimos escritos e nas suas conversas. Suas conversas! Como eu as escutava deliciado, sem sentir o fio das horas correr... e quando o dia em declinio urgia-me á despedida, eu levava comigo a saudade daqueles colloquios tão elevados, tão edificantes, saudades que a morte do amigo tornou ainda mais sentidas.

Uma das ultimas vezes, sinão a ultima, que nos avistamos, comentavamos a versão portuguesa do soneto de White, reputado a joia mais perfeita no genero:

“Misteriosa noite? Quando da terra outrora
Nossos primeiros pais no ceu te aperceberam,
Pela extinção total acaso não tremeram
Deste dossel de azul que o almo sol colora?”

Porem, de sob um veu translucido ness'hora
Em que os raios do ocaso em nevoas se envolveram,
Vesper se ergueu; após, estrelas mil se ergueram,
E a vista em pasmo olhou pelo universo em fóra.

Quem vendo, ó sol, por ti o seixo, a hervinha, o
[inseto,
Pudera acreditar que em trevas nos mudasse
Tua luz, de orbes sem conta e resplendente aspeto?

Quem pudera supor que um sol mil soís velasse?
Porque, pois, tanto a morte os homens intimida?
Si a luz pode enganar, porque o não pode a vida?"

Este fecho admiravel, parecia uma advertencia de que a vida de Paulo, em ocaso proximo, iria abrir-se enfim, para a Luz que não tem mais ocaso.

Depois de jornada acidentada pela vida, quantos não têm gemido este clamor de Daví: "Fiat cor meum immaculatum!" É o grande suspiro do coração humano, sedento de purificação. Paulo realizou este voto. Na ultima visita que lhe fiz, contou-me como tendo saído (foi, creio, sua derra-

deira saída) rumo á Igreja, para se confessar, sentiu-se tomado por tal contrição, que as lagrimas em diluvio afogaram-lhe a voz. O Evangelho se repete na historia de cada alma que procura vivê-lo: Quanta vez o olhar de Jesus, não veio pousar sobre os olhos de seus escolhidos, para neles despertar a fonte amarga do arrependimento.

Paulo cada vez mais compreendia o Evangelho. Comentava em conversas que relembro, com o coração marejado de saudades. Mereceu ver reproduzir-se no grande livro de sua historia interior, aquella passagem tocante da Paixão: Jesus a olhar para Pedro e Pedro a sair para chorar amargamente. Poema de misericórdia que a inspiração divina, concisa, narra na fulguração de dois traços: “Et conversus Dominus respexit Petrum... Et egressus foras Petrus flevit amare”.

Talvez não seja inoportuna aqui, uma pequenina palavra, sobre a fisionomia espiritual de Paulo Setubal. Seus traços eram

de uma ascese muito forte e raciocinada, desabrochando num coração magnanimo e generoso. Esforçava-se por marchar dentro das vias comuns e seguras da perfeição cristã. Avesso á singularidade, não compreendia a mística extraordinaria.

E fazia bem: na energica expressão de São Paulo, o demonio muita vez se transforma em anjo de luz, desviando subtilmente da rota simples, mas verdadeira, as almas que se deixam deslumbrar pelo brilho falsificado. E como é doloroso ver o trabalho divino da graça, desfigurar-se na piedade extraviada!

Realista por temperamento, Paulo Setubal gostava de enxergar as cousas com muita clareza. Fugia da bruma que deforma o contorno da realidade. Guiado por esse bom senso espiritual, ia avançando para o seu termo, através de sofrimentos e provações, suportados com heroismo.

Não lhe bastou chorar os seus peccados. Quís sofrer com resignação, todo o ru-

de trabalho do aperfeiçoamento moral, que aprouve a Deus confiar-lhe, para que merecesse a palma da outra Vida.

Suas leituras espirituais, cada vez mais, se restringiam ao Evangelho e á Imitação. Apascentava o espirito no prado fértil das Escrituras, mergulhando o olhar sempre mais profundo, nas feições do Cristo que o arrebatava. Compreendeu-Lhe a voz cheia de misterio e a grandeza do clamor: “Si alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim. . . das entranhas rios de agua viva lhe hão de jorrar”. — Quem, perseguido e em apparencia vencido, já falou esta linguagem?

Paulo bebeu desta agua e ela se fez rio, a redundar-lhe do peito, oxalá, para banhar de conforto o olhar e o coração de irmãos no sofrimento, de irmãos sedentos da verdade!

* * *

Aproxima-se o mês de Maio.

Com o doce mês de Maria avizinhasse também o termo.

Outrora na sua infancia, Paulo, pastor aflito de rezas desgarradas, conta como certo dia, ao ir buscá-las, entrou na igreja que ficava em caminho: “Entrei, (diz) abei-rei-me do altar, ajoelhei-me. Ergui para a Virgem os meus olhos suplices. Lá em cima no seu nicho, sorria Nossa Senhora, linda, linda, com o Menino nos braços, um resplendor cintilando-lhe á cabeça, o manto azul celeste borrifado de estrelas de prata. E eu lhe disse:

— Minha Nossa Senhora, ajudai-me! Fazei que eu encontre a Morena e a Man-teiga sem custo. Que elas não se escondam no mato!...”

Nossa Senhora guardou no escriptorio de seu coração, todo feito de ternura, esta singela supplica. Não deteve, é verdade, os animais fugitivos. Ela iria ultrapassar a

prece e os votos da criança. No jornadear dos anos, sua alma desgarrada, ouviria a resposta á oração de outróra. A Virgem o reconduziria ao Filho. E uma formosa manhã de Maio, haveria de lhe assinalar, o diluculo da Claridade Eterna.

Os preludios do desfecho já se pressentiam em fins de Abril.

Tranquilo deante da morte que adivinhava proxima, almejava o dia feliz da partida. Chorou em vida, agora só lhe resta sorrir na morte. “Bemaventurados os que choram...”. Ele compreendeu, na hora para tantos de tristeza, o valor dessa bemaventurança.

Em meio ás torturas da agonia mais cruciante, sorria sempre.

Pede o sacerdote, seu amigo e confidente, testemunha de suas lutas e ascensões, mas este, chamado a lugar distante, não chega para o derradeiro encontro.

Resigna-se a esta expressão dos desígnios purificadores da Providencia e aceita

tranquilo, mais esta provação. E lá distante, o coração acutilado do sacerdote amigo (contou-o depois) funde-se nesse mesmo sacrificio, unindo-os a dor da separação comum na mesma agonia.

De nada se esquece, tudo recomenda: Quer ser amortalhado com o habito do Carmo. Quer tudo muito pobre no enterro. Nada de noticias, tudo bem humilde.

Particularmente tocante uma de suas derradeiras despedidas, a que poderíamos chamar sua despedida de escritor: Pede a taboa sobre a qual, sentado em sua cadeira de enfermo, costumava escrever. Taboa chã, é verdade; que recebera as confidencias de sua pena. Obscura taboa que já fôra arvore e flor, ora ressequida, sentir-se-ia reviver ao contacto, ao calor da pena amiga que a acariciava.

Trazem-lhe a taboa que ele beija com lagrimas. Quisera dela ter feito o estrado de onde proclamasse ao proximo que ele amava, o segredo de suas alegrias inte-

riores e o sentido da vida, que ele encontrara no aconchego confortador do Cristo.

Avizinha-se sempre mais o termo.

Recebe a Extrema Unção. Seus membros ungidos, resolutos, se encaminham para o passo decisivo. Despede-se carinhosamente de todos:

— “Diga aos meus amigos que eu morro feliz, porque tenho fé. Não quero viver ou morrer, seja o que Deus quizer. Deixo o mundo, que nada vale, para ir me encontrar com o Cristo. Não fiquem tristes. Que são 20 ou 30 anos de separação diante da eternidade, onde estaremos todos juntos? Morro feliz, muito feliz, vou enfim vêr o meu Jesus!”

Vislumbrava o ceu com tal confiança, que a um dos circunstantes prometeu, do Alto, bençãos para os seus trabalhos e frutos visíveis para os mesmos, rematando a promessa com estas palavras: “E de vez em quando, olhe lá para cima onde estarei”.

A Fé, na verdade, é o sustentáculo das nossas esperanças, o argumento luminoso das cousas que não aparecem, das realidades que transcendem o exiguo alcance dos nossos sentidos! Si nas pupilas desse moribundo, o bruxolear da chama rápida que é a vida, se extinguia, outra luz mais forte, a Fé, lhes trazia e nelas já percebia o resplendor ofuscante da Bemaventurança.

Noite de 3 para 4 de Maio.

Consuma-se a longa e cruciada agonia.

Nenhuma queixa, um sorriso para todos.

Às quatro horas da madrugada, o sacerdote lhe traz a ultima comunhão.

A esposa á cabeceira.

Lembrado por um dos presentes, o sacerdote parte a hostia consagrada, dando-a a Paulo e “Áquela (diz ele no termo de seu Confiteor) que, oh estranhos designios de Deus, estava destinada pelos fados a conduzir-me de novo, com suas mãos de seda, amorosamente e ardorosamente, aos

pés do Cristo que perdôa tudo.” Jesus une pela *comunhão* estas almas que a morte tentou separar. E lhes assegura, que com a morte a vida não é arrebatada, mas transmutada; e dissolvido o exilio desta morada terrena, uma eterna mansão se nos prepara no Ceu!

4 de maio, dia de Santa Monica.

A Virgem consegue de seu Divino Filho, para este dia expressivo, a entrada de Paulo nos eternos tabernáculos. Vem buscá-lo Santa Monica, revendo complacente, traços de tanta semelhança com seu filho, o flamante autor das CONFISSÕES, o grande Santo Agostinho.

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes", á rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em Setembro de 1937.





PQ9697 .S49C7
Confiteor.

Princeton Theological Seminary-Speer Library



1 1012 00081 1978